

DANIEL – ESBOÇOS DE ESTUDOS

[Clique na palavra [ÍNDICE](#)]

Edwin R. Thiele

EMMANUEL MISSIONARY COLLEGE

Berrien Springs, Michigan

1951

Tradução: Henrique Berg

Preparo: César Augusto da Costa

Agradecemos às Prof^{as}. Ruth Nelson

e Albertina Simon

pelo auxílio prestado na revisão desta apostila.

COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

1960

ÍNDICE

Prefácio.....3

I. ANTECEDENTES DO LIVRO DE DANIEL

1. Esboço geral do Livro de Daniel.....6
2. A Importância do Livro de Daniel.....7
3. A Época Histórica de Daniel.....17
4. Característicos Vários do Livro de Daniel.....31

II. ESTUDO DE DANIEL EM CAPÍTULOS

1. Daniel e seus Companheiros no Cativeiro Babilônico.....38
2. A Grande Imagem do Sonho de Nabucodonosor.....44
3. A Fornalha de Fogo Ardente.....51
4. A Humilhação e a Restauração de Nabucodonosor.....56
5. O Banquete de Belsazar e a Queda de Babilônia.....62
6. Provação e Triunfo no Reinado de Dario.....71
7. Os Quatro Animais, o Juízo, e o Reino Eterno.....77
8. O Carneiro, o Bode, a Ponta Pequena, e a Purificação do Santuário.....103
9. A Oração de Daniel, as Setenta Semanas, e o Novo Concerto e o Santuário.....120
10. Uma Crise e uma Visão.....132
11. O Grande Conflito da História.....136
12. O Fim do Tempo e as Palavras Finais de Daniel.....179

PREFÁCIO

Cada livro da Bíblia é importante. Mas a importância de um determinado livro varia de acordo com o lugar e o tempo. A mensagem de um livro pode ser de muito maior importância num certo tempo do que em outro. De todos os livros do Velho Testamento, Daniel é, com todas as probabilidades, o mais importante para o nosso tempo atual. Sua mensagem é, antes de mais nada, para o "tempo do fim". Era, então, que este livro deveria surgir diante do mundo em toda a sua clareza e poder, para apresentar ao mundo a grande mensagem da Revelação de Deus para o encerramento deste período da História. Daniel, e seu companheiro Apocalipse, deveriam, no período do fim, esclarecer a toda a humanidade a significação destes tempos solenes e dar ao mundo uma grande visão panorâmica da momentosa luta em andamento entre as forças do bem e do mal.

A profecia de Daniel representa mais do que um retrato do surgimento e queda de várias nações da terra. As nações aqui mencionadas entram em cena, apenas porque desempenham uma parte importante no grande conflito dos séculos, a longa luta entre a justiça e o mal, entre Cristo e Satanás. Como Babilônia deveria desempenhar uma parte vital neste grande conflito, o reino Eufartes ocupou uma posição proeminente na profecia de Daniel. Como a Medo-Pérsia, Grécia e Roma se incluem na luta, semelhantemente elas receberam a atenção do profeta. E como o papado também se deveria tornar, por bem longo tempo, um fator importante neste grande conflito, ele recebeu uma função bem particularizada no relatório profético.

É à luz deste grande conflito dos séculos que o livro de Daniel deve ser estudado, e só assim é que sua mensagem básica é claramente entendida. O quadro completo não pode ser visto só no livro de Daniel ou só no do Apocalipse. Estes livros são complementares e precisam ser estudados juntos a fim de assegurar uma clara compreensão das várias fases seculares da luta entre as forças do bem e do mal, da persistência

determinação, esforço desesperado do príncipe das trevas para obter o controle deste mundo e para estabelecer aqui o seu reino em eterna oposição ao reino de Deus.

Hoje estamos vivendo no tempo do fim. É agora que as últimas batalhas deste grande conflito serão travadas. Quer vejamos ou não, é este conflito que domina e transcende todas as coisas em nosso mundo atual. Unicamente à luz desta grande luta entre Cristo e Satanás é que se podem entender estas guerras menores entre as nações. Agora, como nunca dantes, precisamos compreender os movimentos em andamento por detrás dos bastidores; agora, precisamos estar prontos para os acontecimentos à nossa frente e as provações que nos esperam; agora, precisamos estar em condições de fazermos uma decisão inteligente, como parte individual nossa, no maior conflito de todos os tempos.

Para o estudante inteligente um cuidadoso estudo do livro de Daniel significará muito, Revelar-lhe-á muito da história, trar-lhe-á muita força e inspiração, fé e esperança. Ao ele contemplar a maneira de Deus lidar com este profeta fiel da antiguidade, verá seu próprio amor renovado para as coisas divinas, sua confiança fortificada na eterna segurança das coisas do Deus. Mas acima de tudo, ele receberá um entendimento mais profundo das grandiosas agitações de homens e nações, e da misteriosa guia da mão de Deus nas coisas da terra. Assim, e unicamente assim, ele se achará numa base avantajada, com clareza mental e firmeza de espírito, conservando-se sábia e corretamente ante os portentosos acontecimentos destes dias solenes.

Edwin R. Thiele

ABREVIATURAS:

AA. - Atos dos Apóstolos
CBV. - Ciência do Bom Viver
CE. - Colportor Evangelista
CS. – Conselhos Sobre Saúde
CC. - Caminho a Cristo
CSES - Conselhos Sobre a Escola Sabatina
GC. - Grande Conflito, O
CPPE - Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes
DTN. - Desejado de Todas as Nações, O
Ed. - Educação
Ev. - Evangelismo
HR. - História da Redenção
PE. - Primeiros Escritos
LS - Life Sketches
MDC. - Maior Discurso de Cristo, O
MS. - Manuscripts
MJ. - Mensagens aos Jovens
OE. - Obreiros Evangélicos
PR. - Profetas e Reis
PJ. - Parábolas de Jesus
PP. - Patriarcas e Profetas
R&H. - Review and Herald
SG. - Spiritual Gifts
SP. - Spirit of Prophecy
SpT. - Special Testimonies
SpTM. - Special Testimonies to Ministers
ST. - Signs of the Times
T. - Testimonies
TM. - Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos
TS. - Testemunhos Seletos
VE. - Vida e Ensinos

ESBOÇO GERAL DO LIVRO DE DANIEL

I. DIVISÃO HISTÓRICA

Capítulo 1. Daniel e seus companheiros no cativeiro babilônico.

Capítulo 2. A grande imagem do sonho de Nabucodonosor.

Capítulo 3. A imagem de ouro e a fornalha ardente.

Capítulo 4. A enfermidade de Nabucodonosor.

Capítulo 5. O banquete de Belsazar.

Capítulo 6. Daniel na cova dos leões.

II. DIVISÃO PROFÉTICA

Capítulo 7. A visão dos quatro animais.

Capítulo 8. A visão do carneiro, o bode; a ponta pequena,
os 2300 dias.

Capítulo 9. A oração de Daniel e as 70 semanas.

Capítulo 10. A visão de Daniel e a vinda de Miguel.

Capítulo 11. Guerra entre o rei do norte e o rei do sul.

Capítulo 12. O levantamento de Miguel e instrução final.

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE DANIEL

I. MATERIAL HISTÓRICO E NARRATIVO

A. Judeus

1. Cativo do terceiro ano de Joaquim
2. As atividades na Babilônia

B. Babilônia

1. Nabucodonosor
 - a. O cerco de Jerusalém
 - b. o tratamento dos cativos judaicos
 - c. Idéias sobre o futuro
 - d. O reconhecimento do Deus do céu e. Enfermidade
2. Belsazar
 - a. Rei em Babilônia
 - b. Banquete e morte na noite da queda de Babilônia

C. Medo-Pérsia

1. Dario, o Medo
 - a. A captura de Babilônia
 - b. Rei em Babilônia
 - c. amizade com Daniel

2. Ciro

II. LIÇÕES ESPIRITUAIS

A. O objetivo de Deus na prova e na opressão

B. A presença de Deus com o Seu povo no perigo, na escuridão e na perplexidade.

- C. A capacidade do homem para sobrepujar as provações e as circunstâncias
- D. As recompensas de Deus pela fidelidade para com Ele
- E. As punições por desobediência.
- F. O interesse de Deus na salvação do povo de todas as raças e classes
- G. A mão de Deus nos negócios nacionais e internacionais
- H. O poder da oração
- I. Os vários métodos de Deus trabalhar nos corações dos homens
- J. O segredo do verdadeiro sucesso

"O verdadeiro sucesso em cada setor de trabalho não é o resultado do acaso, ou acidente ou destino. É a operação da providência de Deus, a recompensa da fé e a prudência, da virtude e perseverança. Superiores qualidades mentais e elevado caráter moral não se adquirem por casualidade. Deus dá oportunidades; o êxito depende do uso que delas se fizer." – PR, p. 486.

III. O MÉTODO PROFÉTICO

- A. O tipo de homem escolhido para ser porta-voz de Deus
 1. Objetivo e integridade. Dan. 1:8; 6:14
 2. Espírito de humildade. Dan. 2:30
 3. Homem de oração. Dan. 2:17, 18; 6:10, 11; 9:3-19
 4. Dedicção corajosa ao dever. Dan. 4:19; 5:17-23
 5. Homem de fé. Dan. 6:23
 6. Profunda consideração pela causa de Deus. Dan. 10:1-3
- B. Deus pode revelar-Se num sonho mesmo a um rei pagão
- C. O amplo escopo da profecia
- D. Repetição da profecia com ênfases variadas

E. A atitude de um profeta em visão. Dan. 7:1, 2; 10:5-19

F. A profecia nem sempre entendida pelo próprio profeta.
Dan. 2:28; 8:15, 26, 27; 12:8

G. Deus dá a correta interpretação da profecia em resposta ao exame sincero e oração. Dan. 8:16-18; 9:20-22; 10:11, 12, 14

IV. A MENSAGEM DE DANIEL PARA O SEU TEMPO

A. Para os Judeus

1. O grande objetivo de Deus para salvar os judeus.

Jer. 30:10, 11; 17-22; 31:1-14, 23-25, 31-34; 32:6-44; 33:1-14;
50:4-8, 17-20; 51:5, 6, 45, 50.

"Os negros anos de destruição e morte que assinalaram o fim do reino de Judá, teriam levado desespero ao mais resolutivo coração, não fosse o encorajamento das predições proféticas dos mensageiros de Deus. Por intermédio de Jeremias em Jerusalém, de Daniel na corte de Babilônia, de Ezequiel junto às barrancas do Quebar, o Senhor em misericórdia tornou claro Seu eterno propósito, e deu certeza de Sua disposição de cumprir para com Seu povo escolhido as promessas registradas nos escritos de Moisés. ... Humilhados à vista das nações, os que uma vez tinham sido reconhecidos como favorecidos do Céu sobre todos os outros povos da Terra aprenderiam no exílio a lição da obediência tão necessária para sua futura felicidade. Até que tivessem aprendido esta lição, Deus não poderia fazer por eles tudo o que desejava. ... Perante todas as nações da Terra Ele demonstraria Seu plano de tirar vitória da aparente derrota, de salvar e não de destruir." – P.R., pp. 464, 475.

2. Daniel reconhecido por seus compatriotas como um preeminente homem de Deus. Ezeq. 14:34, 20

B. Para Babilônia

1. Dar a Babilônia uma oportunidade de familiarizar-se com Deus e com o caminho da salvação. Dan. 2:28, 47; 4:17, 25-27, 34-37; 5:18-28; Jer. 51:9

"O que Abraão fora na terra de sua peregrinação, o que fora José no Egito e Daniel nas cortes de Babilônia, devia ser o povo hebreu entre as nações. Cumpria-lhe revelar Deus aos homens. ... E muitos dos sinceros observadores dos ritos pagãos aprenderam dos hebreus o significado do serviço divinamente ordenado, apoderando-se, com fé, da promessa do Redentor." – DTN., pp. 27, 28.

"Toda instituição estabelecida pelos adventistas do sétimo dia, deve ser para o mundo o que foi José para o Egito, e o que Daniel e seus companheiros foram para Babilônia. Quando, na providência de Deus, esses escolhidos foram levados cativos, foi para levarem às nações pagãs as bênçãos que sobrevêm à humanidade mediante o conhecimento de Deus. Cumpria-lhes ser representantes de Jeová. ... Assim, em Daniel, Deus colocou uma luz ao lado do trono do maior império do mundo, para todos quantos quisessem aprender acerca do Deus vivo e verdadeiro." – TS., vol. II, pp. 77, 78.

2. A mensagem profética da queda de Babilônia. Jer. 50, 51. Dan. 5:25-28

V. A MENSAGEM DE DANIEL PARA O NOSSO TEMPO

A. A natureza e o objetivo da profecia bíblica

1. Como Deus Se comunica com o homem. Osé. 12:10; Núm. 12:6; Am. 3:7.
2. O caráter genuíno da profecia bíblica. II Ped. 1:20-21
3. A capacidade de Deus em revelar o futuro. Isa. 42:9. 46:9, 10
4. O propósito de Deus na profecia. João 14:29. Rom. 15:4
5. Nossa atitude para com a profecia. II Crôn. 20:20; II Ped. 1:19

- B. Os segredos dos últimos dias revelados a Daniel. Dan. 2:27, 28, 45; 8:17, 19; 10:14

1. A predição da história das nações até o fim do tempo
 - a. A grande imagem. Dan. 2
 - b. Os quatro animais. Dan. 7
 - c. O carneiro, o bode, e a ponta pequena. Dan. 8
 - d. Desentendimento entre o rei do norte e o rei do sul. Dan. 11
2. A obra do papado
 - a. A ponta pequena. Dan. 7:8, 19-21, 24-26
 - b. A ponta pequena. Dan. 8:10-12
 - c. O antagonista de todos os tempos. Dan. 11:21-25
3. Cristo
 - a. A vinda do Messias. Dan. 9:24-27
 - b. O estabelecimento do juízo. Dan. 7:9-14
 - c. Miguel, o Príncipe, Se levanta. Dan. 12:1.
 - d. O estabelecimento do reino eterno de Cristo. Dan. 2:34,35,44,45
4. Ocorrências do plano de salvação
 - a. O período destinado aos judeus. Dan. 9:24.
 - b. O juízo. Dan. 7:9, 10, 22, 26.
 - c. O término da obra na terra. Dan. 12:3, 4.
 - d. O período de angústia. Dan. 12:1
 - e. A ressurreição especial. Dan. 12:2
 - f. A possessão dos santos. Dan. 7:22, 27

C. A mensagem de Daniel fechada até o tempo do fim. Dan. 8:26; 12:4, 9

" As profecias apresentam uma sucessão de acontecimentos que nos levam ao início do juízo. Isto se observa especialmente no livro de Daniel. Entretanto, a parte de sua profecia que se refere aos últimos dias, Daniel teve ordem de fechar e selar, até "o tempo do fim". ... Desde 1798, porém, o livro de Daniel foi descerrado, aumentou-se o conhecimento das profecias, e muitos têm proclamado a mensagem solene do juízo próximo." – GC., p. 356.

D. O tema central do livro de Daniel

Todos os livros da Bíblia têm o seu tema básico, central. O livro de Daniel, porém, contém história e profecias, admoestações e promessas. Ele trata de indivíduos e nações, de animais e imagens, de sonhos e visões. Ele apresenta a origem e a queda da Babilônia e Medo-Pérsia, da Grécia e Roma. Mas por que foram estas nações mencionadas com primazia sobre as demais? Deus as apresentou em visão ao profeta por causa da parte saliente que desempenhariam no maior drama de todos os tempos.

O clímax do livro de Daniel é o estabelecimento do reino de Deus. Mas antes do estabelecimento deste reino, vários reinos terrestres específicos deveriam surgir e desaparecer. Estes reinos exerceram uma parte importante nos desígnios do príncipe das trevas, ao procurar estabelecer o seu governo sobre a face da terra. Cada um destes reinos cresceu em poder até parecer estar na iminência de ocupar a terra toda. Contudo, nessas ocasiões a mão divina interveio e os reinos foram destruídos.

A mensagem básica do livro de Daniel é a sentença contra os poderes da terra que se opõem aos planos e intentos de Deus, e a vitória final do grande reino de Deus, o reino da justiça.

É de especial importância que no tempo do fim as batalhas deste grande conflito sejam claramente entendidas. A mensagem de Daniel foi escrita para que os que vivem nos últimos dias da história terrestre estejam capacitados para ver a mão divina guiando os acontecimentos através das páginas da história, e estar qualificados para entender a solenidade dos acontecimentos finais do mundo. Esta é a razão pela qual uma clara compreensão da mensagem de Daniel seja de tanta importância neste tempo especial.

"Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. Cada elemento de energia está prestes a ser posto em ação. Repetir-se-á a história passada. Antigas controvérsias serão revividas, e perigos rodearão de todos os lados o povo de Deus. A tensão está se apoderando da família humana.

Está permeando tudo na Terra. ... Estudai o Apocalipse em ligação com Daniel; pois a história se repetirá. ..." – TM., p. 116.

"Há necessidade de mais íntimo estudo da Palavra de Deus; especialmente devem Daniel e Apocalipse merecer a atenção como nunca antes na história de nossa obra. Podemos ter menos a dizer em alguns sentidos quanto ao poder romano e ao papado, mas devemos chamar atenção para o que os profetas e apóstolos têm escrito sob a inspiração do Santo Espírito de Deus." – Idem, p. 112.

"Maravilhosa ligação é vista entre o universo do Céu e este mundo. As coisas reveladas a Daniel foram mais tarde completadas pela revelação feita a João na ilha de Patmos. Esses dois livros devem ser cuidadosamente estudados." – Idem, p. 114.

"Deixemos que Daniel fale, que fale o Apocalipse e digam a verdade." – Idem, p. 118.

VI. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE DANIEL NO TEMPO ATUAL

1. Luz especial para estas últimos dias

"Há necessidade de mais íntimo estudo da Palavra de Deus; especialmente devem Daniel e Apocalipse merecer a atenção como nunca antes na história de nossa obra. ... A luz que Daniel recebeu de Deus foi dada especialmente para estes últimos dias. As visões que ele viu às margens do Ulai e do Hidéquel, os grandes rios de Sinear, estão agora em processo de cumprimento, e logo ocorrerão todos os acontecimentos preditos." – TM., pp. 112-113.

"Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, as profecias registradas por Daniel demandam nossa especial atenção, visto relacionarem-se com o próprio tempo em que estamos vivendo. 'Os sábios entenderão' (Dan. 12:10), foi dito com respeito às visões de Daniel que deviam ser abertas nos últimos dias." – PR., pp. 547, 548.

2. A revelação da mensagem da Daniel ao mundo nos últimos dias

"Daniel foi honrado por Deus como Seu embaixador, sendo-lhe dadas muitas revelações dos mistérios dos séculos por vir. Suas maravilhosas profecias, tais como registradas por ele nos capítulos sete a doze do livro

que traz o seu nome, não foram inteiramente compreendidas mesmo pelo próprio profeta; mas antes que findassem os labores de sua vida, foi-lhe dada a abençoada certeza de que "no fim dos dias", isto é, na conclusão do período da história deste mundo, ser-lhe-ia permitido outra vez estar na sua posição e lugar." – PR., p. 547.

"Daniel ficou na sua sorte para dar seu testemunho, que foi selado até ao tempo do fim, quando devia ser proclamada ao mundo a mensagem do primeiro anjo. ... O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra. ... Os que comem a carne e bebem o sangue do Filho de Deus, trarão dos livros de Daniel e Apocalipse verdade inspirada pelo Espírito Santo. Porão em ação forças que não podem ser reprimidas." – TM., p. 115, 116.

3. O estudo redundará numa nova experiência religiosa

"Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o caráter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração." – TM., p. 114.

4. Deverá ser impresso e divulgado por todo o mundo

"Fui instruída de que as profecias de Daniel e Apocalipse devem ser impressas em livros pequenos, com as necessárias explicações, e devem ser enviados por todo o mundo. Nosso próprio povo necessita de que a luz seja colocada diante dele em linhas mais claras." – TM., p. 117.

5. Não há nenhuma evidência dia que as posições tomadas por nós no passado no que se refere à interpretação das profecias bíblicas é final e sem erro; pelo contrário, nova luz surgirá com o reexame diligente o cuidadoso.

"Não há nenhuma desculpa para alguém tomar a posição de que não há mais verdade a ser revelada, e de que todas as nossas explicações das Escrituras estão sem erro algum. O fato de que certas doutrinas têm sido mantidas como verdade, por muitos anos por nosso povo, não é prova do que as nossas idéias são infalíveis. O tempo não pode provocar erros na

verdade, e a verdade é imparcial. Nenhuma doutrina verdadeira perderá coisa alguma ao ser minuciosamente investigada." E.G. White, R & H., 20 de Dezembro, 1892

"Em vários livros nossos importantes, que têm sido impressos por anos, e que têm levado muitos ao conhecimento da verdade, poderão se encontrar pontos de pequena importância que precisam de um cuidadoso estudo e correção. Tais assuntos devem ser considerados por aqueles que foram apontados como responsáveis pelas nossas publicações. Não deixais estes irmãos, nem nossos colportores, nem nossos ministros, exagerar estes pontos de tal forma que diminuam a influência destes bons livros salvadores de almas." E.G. White MS, 11, 1910. (Publicado em *Preach the Word*, p. 7)

"Nós estamos seguros quando adotamos a atitude de quem não quer aceitar qualquer coisa como verdade. Devemos tomar a Bíblia, e investigá-la cuidadosamente por nos mesmos. Devemos cavar fundo na mina da verdade da Palavra de Deus." E. G. White, R & H., 10 de Junho, 1889

"Ao que está em viva comunhão com o Sol da Justiça, sempre se revelará nova luz sobre a Palavra de Deus. Ninguém deve chegar à conclusão de que não há mais verdades a serem reveladas. O que busca a verdade com diligência e oração encontrará preciosos raios de luz que ainda não de brilhar da Palavra de Deus. Ainda se acham dispersas muitas gemas que devem ser reunidas para tornar-se propriedade do povo remanescente de Deus." – CSES., p. 34.

"Luz aumentada brilhará sobre todas as grandes verdades da profecia, e elas serão vistas em novos aspectos e esplendores porque os raios brilhantes do Sol da Justiça as iluminará de todo. ... O Senhor deseja dar-nos luz progressiva. Ele almeja que tenhamos revelações claras da Sua glória, para que o povo e os ministros se tornem vigorosos em Sua força. Quando o anjo estava desdobrando a Daniel as importantíssimas profecias a serem relatadas a nós que testemunhamos o seu cumprimento, o anjo disse, 'anima-te, sim, anima-te'. Devemos receber a mesma glória que se revelou a Daniel, pois ela se destina ao povo de Deus destes últimos dias, a fim de que possamos tocar a trombeta no tom exato." E. G. White, MS 18, 1888.

VII. BIBLIOGRAFIA

- Burg. F. M. "The Gospel According to Daniel," *The Ministry*, março, 1939, pp. 6 ff.; abril, 1939, pp 18 ff.; maio, 1939, pp. 12 ff.
- Froom, L. E., "Not a Block to be Moved, Nor a Pin to be Stirred," *The Ministry*, fev., 1945, pp. 11 ff.
- Howell, W. E., "New Edition of 'Daniel and Revelation'," *Review and Herald*, Out., 29, 1942, pp. 20 ff.
- Prescott, W. W., "The Gospel Message in The Book of Daniel," *The Ministry*, março, 1929, pp, 15 ff; abril, 1929, pp, 15 ff, maio, 1929, pp. 15 ff.
- Thurber, Merwin R., "New Edition of 'Daniel and Revelation'," *The Ministry*, abril, 1945, pp. 13 ff.
- _____, "Revised D & R in Relation to Denominational Doctrine," *The Ministry*, maio, 1945, pp. 3 ff.
- White, Arthur L., "Thoughts on Daniel and the Revelation'," *The Ministry*, jan., 1945, pp. 11 ff.
- White, Ellen G., *Counsels to Editors*, pp. 20-36
- _____, *Obreiros Evangélicos*, pp. 297-304.
- _____, *Testemunhos para Ministros*, pp. 112-118.

A ÉPOCA HISTÓRICA DE DANIEL

Para entender a mensagem de Daniel é importante conhecer sua época. Quando o leitor casual considera o livro de Daniel e o período do cativeiro babilônico em que foi escrito, ele pode pensar que este livro se aplica a um período muito remoto da história antiga. Mas isto não é bem verdade. Embora Daniel se achasse em Babilônia, cerca de seiscentos anos antes da era cristã, o mundo naquele tempo já era velho e podia contemplar atrás de si uma antiguidade considerável. Neste capítulo será dado um breve resumo do Antigo Oriente na era de Daniel.

I. ANTIGA MESOPOTÂMIA

No período inicial do segundo milênio A.C. a Mesopotâmia não estava unida sob um governo central. Várias cidades em épocas diversas exerceram poder considerável; entre elas encontramos Ur, Isin, Babilônia e Larsa.

A. Larsa

Aproximadamente em 1900 A.C. a cidade de Larsa veio a ser controlada por Cudur-Mabug, rei de Elão, cujos dois filhos, Warad-Sin e Rim-Sin governaram sucessivamente a cidade. O domínio elamita estendia-se nesta época por uma vasta área do sul de Babilônia, e continuou até Hamurábi finalmente conseguir o controle.

B. Babilônia

A cidade de Babilônia não era um poder preponderante na Mesopotâmia antes de 2000 A.C. Depois de várias lutas entre as cidades-estado a supremacia começou a depender de uma luta entre Larsa e Babilônia. No princípio do reinado de Rim-Sin, Hamurábi já era vassalo do rei de Larsa. Porém, sacudiu de si o jugo elamita e logo depois tornou-se chefe de toda a Babilônia. Era um gênio militar notável, mas é

malos conhecido pelo famoso código de leis que traz seu nome. Seu reino é fixado de 1870-1827 A.C. Hamurábi é provavelmente o Anrafel de Gên. 14, que aliado ao rei elamita Quedorlaomer atacou Sodoma e levou também a Ló como cativo. Um dos fatos que se ressalta na cidade de Babilônia era o culto ao Deus Marduque. Marduque era preeminente na Mesopotâmia por esses tempos e tornou-se logo o chefe do panteão bíblico. O nível de vida era altamente civilizado e o país prosperava. O templo se constituía o centro da vida de toda a comunidade. A cidade de Babilônia enfraqueceu e em 1.700 A.C. caiu diante dos invasores hititas. O período que se seguiu é obscuro e caótico. Mais tarde começou a ter a aparência de seu antigo poder, mas enquanto a Assíria existiu, houve uma luta constante com essa nação em disputa pela supremacia dos vales do Tigre e Eufrates.

C. Cassitas

Após a queda de Babilônia diante dos hititas, os cassitas conseguiram o domínio na Babilônia e assim permaneceram no poder cerca de 600 anos.

II. HITITAS

Os hititas habitavam na Ásia Menor. No segundo milênio antes de cristo eles tiveram considerável preeminência. Era um povo grosseiro dado à guerra. Seu rei Murshilish em 1700 A.C. levou a cabo uma invasão na cidade de Babilônia. De 1650 a 1380 atravessaram um período de obscuridade e fraqueza, após o qual, o novo império hitita se tornou um dos mais fortes do oriente. O império chegou ao fim em 1200 A.C.. Ele foi dividido em numerosas tribos que enfraquecidas habitaram varias cidades no norte da Síria e no sul da Ásia Menor.

III. EGITO

O Egito tornou-se uma nação de importância numa época muito primitiva da história. Quando as águas do dilúvio se retiraram do norte da África e as águas do poderoso Nilo se encontravam num nível superior ao atual de cem pés, é que se encontraram os primeiros vestígios do homem primitivo nas praias do antigo rio. A cultura primitiva do Egito teve muitos contatos com a cultura da Mesopotâmia que a precedeu. Mas o Egito rapidamente desenvolveu um conjunto cultural tão brilhante que excedeu ao do oriente antigo. Houve um admirável desenvolvimento da arquitetura, escultura, pintura e ciência, governo e literatura. As pirâmides nos vêm do terceiro milênio A.C..

A. Império Antigo

Esta foi a era das pirâmides. Entre os poderosos faraós desta época estão Zoser, Snefru, Quéfren e Quéops. Foi Quéops que construiu a grande pirâmide, ao passo que a esfinge é um trabalho de Quéfren.

B. O Império Médio 2050-1780 A.C.

Este período cobre a 12^{a.}, 13^{a.}, e 14^{a.} dinastia. Após um período decadente a 12^{a.} dinastia surgiu com reis capazes e vigorosos. A capital foi mudada de Tebas no sul do Egito para Lisht no norte. O reino de Sesóstris III (1887-1849) foi marcado por uma série de campanhas militares vitoriosas contra as regiões do sul do Egito e interior da Síria. Amenemhet III (1849-1801) foi um grande construtor. Houve extensos melhoramentos no "Fayum" e grande prosperidade no Delta. A arte, a literatura, alcançaram o mais alto desenvolvimento.

C. O Período dos Hicsos 1750-1570 A.C.

Lá pelo ano de 1750 A.C., o Egito passou a ser governado pelos reis hicsos. Os hicsos tinham vindo ao Egito da Ásia e por quase duzentos

anos conservaram o governo. Quase não há informações sobre as ocorrências no Egito durante este período.

D. O Império Novo: 1580-1200 A.C.

Este é o período imperial da história egípcia. O primeiro rei desta dinastia expulsou os hicsos, Ahmose I. Hatxepsut foi a rainha egípcia mais famosa e provavelmente era a "filha de Faraó" do tempo de Moisés. Tutmés III (1501-1447) foi o faraó mais poderoso do Egito. Empreendeu uma série de campanhas militares pelas quais toda a Palestina, Síria, até o Eufrates foram submetidas ao governo egípcio. Ele é provavelmente o faraó da opressão. Amenhotep II (1447-1420) é, ao que tudo indica, o faraó do êxodo. Amenhotep III (1411-1375) e Ikhnaton (1375-1358) foram os reis do período "Amarna". O último rei estabeleceu uma nova capital em "Tell el-Amarna", onde se encontraram as famosas cartas de Amarna, que forneceram um quadro vivo das condições na Ásia ocidental daquele tempo. Os reis acima pertencem todos à 18ª. dinastia. Ramsés II (1292-1225) foi o principal monarca da 19a. dinastia. Foi um grande construtor, mas era inteiramente implacável na destruição das edificações egípcias primitivas para servir-se dos materiais para suas próprias atividades construtoras.

E. O Declínio Final

Na 20ª. dinastia (1200-1090) cortejou um período de declínio e debilidade que só terminou com o fim da independência do Egito, completamente dominado por poderes estrangeiros. Sob a 20ª. dinastia os sacerdotes de Amon em Tebas se enriqueceram extremamente e se encheram de poder, ao passo que os reis eram fracos, incapazes de manter a ordem interna e precaver-se contra a entrada de inimigos exteriores. Na 21ª. dinastia (1095-945) uma ordem de sacerdotes se estabeleceu no trono em Tebas, enquanto em Tânis governava uma categoria de reis seculares. Os líbios estavam penetrando no Delta.

A 22^a. dinastia (945-745) foi uma ordem de reis líbios. Sua residência foi em Bubastis. O fundador desta dinastia, Sisak I (945-924) atacou Judá no quinto ano de Roboão. A 23^a. dinastia foi, sem dúvida alguma, contemporânea, em parte, da 22^a. dinastia. Muito pouco se sabe deste período. O Egito estava extremamente fraco. Havia vários senhores governando independentemente no Delta. Foi neste tempo que Sô rei do Egito encorajou Oséias de Israel a rebelar-se contra a Assíria, do que resultou o fim do reino de Israel. A 24^a. dinastia consistiu num só rei, Bochorris (718-712).

A 25^a. dinastia (712-663) compreendeu uma linhagem de reis etíopes de boa capacidade. Este foi o período da supremacia Assíria. Neste tempo Assaradão e Assurbanipal invadiram o Egito e o dominaram por algum tempo.

A 26^a. dinastia (663-525) reinou durante o período do renascimento egípcio. O comércio floresceu, os gregos tornaram parte preeminente no Egito como comerciantes e soldados. Houve um grande renascimento da arte e literatura. Foi Neco II (609-593) desta dinastia que matou Josias em Megido.

No ano de 525 Cambises da Pérsia conquistou o Egito e tornou-se o primeiro rei da 27^a. dinastia (525-405). Depois dos persas o Egito foi governado pelos gregos sob Alexandre e os Ptolomeus, e depois pelos romanos.

IV. ASSÍRIA

O território Assírio ocupava a parte norte da Mesopotâmia, ao passo que Babilônia se estendia ao sul. Mas como cada uma destas nações se tornou forte, elas estenderam seus domínios uma sobre a outra. Os assírios eram másculos, dados à guerra. Eles legaram à posteridade um modelo de império que todos copiaram com demasiado entusiasmo. Os reis assírios conservaram anais de seus reinos de valor inestimável ao estudante de história. Suas listas epônimas são de valor imensurável aos cronologistas.

Tiglate-pileser I (1115-1076 A.C.)

Este é o primeiro rei assírio de cujo reino temos detalhados relatórios históricos. Foi um grande guerreiro, e é o primeiro rei da Assíria do qual se sabe ter feito uma campanha no Mediterrâneo.

Assur-nasirpal II (884-859 A.C.)

Há valiosos relatórios completos deste rei e seu reino. Foi um guerreiro capaz e cruel. Efetuou campanhas extensas na área do Mediterrâneo.

Salmanasar III (859-824 A.C.)

Este rei foi contemporâneo de Acabe e Jeú de Israel. Ele provocou a derrota de um grupo de aliados ocidentais, entre eles Acabe, na batalha de Carcar, 853 A.C. Seu obelisco negro mostra Jeú de face voltada para o chão, prestando homenagem diante do rei da Assíria. Empreendeu numerosas campanhas militares até ao Mediterrâneo:

Adad-nerari III (811-783 A.C.)

Numa série de campanhas no ocidente este rei restabeleceu a sujeição dos hititas, Fenícia, Damasco e a terra de Onri. Este reino foi seguido por um período de grande fraqueza e dificuldade na Assíria.

Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.)

Um dos maiores reis assírios. Este reino marcou o início da maior supremacia da Assíria. No tempo de Peca e Acaz ele avassalou Israel e Judá e conquistou a Babilônia.

Salmanasar V (727-722 A.C.).

Neste tempo o Egito induziu Oséias de Israel a revoltar-se contra a Assíria, como resultado, Samaria foi cercada por três anos, e o reino de Israel deixou de existir.

Sargão (722-705 A.C.)

A Assíria não se encontrava no apogeu de sua força. O rei enfrentou desapiedadamente as revoltas do oeste e deportou muitos habitantes dos estados rebeldes para a Assíria, construiu uma grande capital em Dur-Sarrukim. Batalhou algumas vezes contra os medos que começavam a se agitar, e com Merodaque-Baladã que se esforçava para estabelecer-se em Babilônia. Os reis da Assíria eram também os reis de Babilônia neste tempo.

Senaqueribe (705-681 A.C.)

Após várias revoltas este rei destruiu a cidade de Babilônia. Invadiu Judá mas caiu ao tentar escravizar Ezequias.

Assaradão (681-669 A.C.)

Reconstruiu Babilônia. Invadiu o Egito e capturou Mênfis. Teve, entretanto, um domínio precário na terra do Nilo de 675-673 A.C.. Houve ameaças contra a Assíria pelos urartes, cimérios, medos e elamitas, mas Assaradão conseguiu manter o império unido.

Assurbanipal (669-633 A.C.)

Este foi o último grande rei da Assíria. Foi um grande construtor protetor das artes e letras. Possuía uma esplêndida biblioteca. Durante seu reinado os cimérios invadiram o noroeste, enquanto os citas obrigaram os medos e persas a recuarem para o sul, pois representavam uma grande ameaça para a Assíria. Seus anais terminam abrupta e misteriosamente em 636 A.C. . A Assíria achava-se diante do fim de sua carreira.

Sin-shar-ishkum (629-612 A.C.)

Este rei aliou-se ao Egito, mas não conseguiu salvar sua nação. Pereceu com Nínive, sua capital, diante dos medos e babilônios em 612.

Assur-Ubalit (612-608 A.C.)

Embora com a capital destruída, um remanescente assírio ainda opôs uma brava resistência em Harã. Parece que tiveram o apoio de Neco do Egito, mas a Assíria chegou ao fim diante das poderosas arremetidas dos exércitos neo-babilônicos.

V. NEO-BABILÔNIA

Esta é a última época áurea de Babilônia. Com a Assíria fora do caminho, a Babilônia tornou-se senhora do Leste.

Nabopolassar (626-605 A.C.)

Este rei iniciou a sua carreira como administrador no sul de Babilônia. Era um guia capaz e ambicioso que aproveitava cada oportunidade para estender seu governo às expensas do desdobramento do império assírio ao norte. Era aliado dos medos

Nabucodonosor (605-562 A.C.)

Este foi o grande rei da Neo-Babilônia. Era um eminente guerreiro e grande construtor. Foi ele quem pôs fim ao reino de Judá em 586 A.C.. Durante o seu reinado a Babilônia tornou-se uma das mais belas e mais bem fortificadas cidades do mundo antigo.

Amel-Marduque (Evil-Merodaque): 562-560 A.C.

Filho de Nabucodonosor, fraco e ineficiente.

Nergal-sharusur (Neriglissar) : 560-556 Genro de Nabucodonosor.Labashi-Marduque (Laboroso-Arcod): 556 A.C.

Reinou apenas por alguns meses.

Nabonido (Nabonidus): 556-539 A.C.

Genro de Nabucodonosor. Seu interesse especial parece ter-se concentrado na arqueologia e nos serviços dos deuses. Ele esteve ausente da capital do seu reino durante boa parte do tempo. Nesta ausência residiu em Tema, norte da Arábia e seu filho Belsazar reinou em seu lugar, em Babilônia. Foi neste período que os medos e persas uniram os seus exércitos e forjaram o ataque diante do qual a Babilônia finalmente sucumbiu em 539.

VI. MEDO-PÉRSIA

Aproximadamente no ano 100 A.C., os medos eram um povo mal organizado que viviam do pastoreio no leste da Assíria. No oitavo século consolidaram-se no reino. Os persas estavam-lhes intimamente relacionados. Eles tinham o seu reino próprio mas no primeiro período o rei da Média era também senhor da Pérsia. Foi de Ciro em diante que os persas foram governados por um rei persa.

MÉDIA

Ciáxares (625-585 A.C.)

Durante a última parte do sétimo século A.C., Ciáxares transformou a Média num poder dominante no Leste. Atacou vigorosamente a Assíria e capturou a cidade de Assur em 615 A.C.. Neste tempo aliou-se com Nabopolassar da Babilônia. Fez extensas conquistas no nordeste e ampliou o seu domínio por toda a região até o rio Halis, na Ásia Menor.

Astíages (585-550 A.C.)

Este é o último rei da Média de quem há valiosos relatórios. Durante o longo reinado de Nabucodonosor, a Média manteve relações amigáveis com Babilônia, mas quando Nabucodonosor morreu, Astíages começou a estender o seu reino com detrimento do seu ex-aliado.

Enquanto isto, os medos e persas estavam fortemente aliados, com a Média ainda em posição dominante. Contudo, a situação modificou-se rapidamente sob o ambicioso Ciro a quem Astíages ficou sujeito. Os reis da Média rapidamente chegaram ao seu fim enquanto os reis da Pérsia continuavam a governar.

PÉRSIA

Ciro II (559-530 A.C.)

Até este tempo os reis da Pérsia eram sujeitos aos medos. Em 550 A.C. Ciro II submeteu seu tio Astíages, e desde então, os persas mantiveram a soberania sobre os medos. Em 539 A.C um exército composto de persas e medos capturou Babilônia. Deste ano em diante, Ciro foi o dominador do oriente, como capital do seu reino, escolheu Babilônia. Ciro evidencia-se por sua política bondosa e conciliatória. Foi ele quem promulgou o primeiro decreto no sentido de permitir aos exilados judeus voltarem aos seus lares, do cativeiro babilônico.

Cambises (530-522 A.C.)

Conquistou o Egito em 525 A.C. Deste tempo em diante os reis da Pérsia governaram como faraós do Egito.

Esmérdis (ou Bardiya): 522 A.C.

Impostor que usurpou o trono durante a permanência de Cambises no Egito. Foi banido por Dario I.

Dario I (522-486 A.C.)

Este rei foi forçado a sufocar várias revoltas logo que alcançou o trono. Ele preservou um relatório destas campanhas na famosa inscrição de Behistun. No terceiro ano de seu reinado emitiu um decreto reforçando o direito dos judeus continuarem o trabalho de reconstrução do seu templo em Jerusalém. Dario abafou uma revolta dos gregos

étnicos na Ásia Menor e então invadiu a Europa mas foi vencido na famosa batalha de Maratona em 490 A.C.

Xerxes (486-465 A.C.)

Xerxes levou a cabo a grande invasão da Grécia na qual tomou Atenas. Após duras perdas, foi vitoriosa a sua batalha nas Termópilas mas perdeu a esquadra em Salamina. Por fim os persas foram expulsos do solo grego. Esta foi uma das maiores reviravoltas da história.

Artaxerxes (465-423 A.C.)

A Pérsia ficou enfraquecida nestas desastrosas guerras com a Grécia. No sétimo ano do seu reino, Artaxerxes promulgou o famoso decreto permitindo aos judeus voltarem à Judéia sob a mão de Esdras. Mais tarde Neemias, o seu copeiro, foi mandado à Judá como governador com autoridade para reedificar os muros de Jerusalém.

Dario III (336-331 A.C.)

Foi o último rei da Pérsia. Organizou um imenso exército para enfrentar Alexandre, mas falhou totalmente nos esforços para salvar o reino. A derrota final lhe sobreveio na batalha de Arbelas em 331 A.C.. Esta data marca o fim da Pérsia e o começo da supremacia grega no oriente.

VII. GRÉCIA

A sorte da história grega à qual nos referimos e que nos interessa não é propriamente a época áurea, mas o último período quando a Grécia sob Alexandre conseguiu o domínio de todo o mundo oriental.

Felipe II (359-336 A.C.). Felipe era o hábil governador da Macedônia que se fez senhor de toda a Grécia. Ele estava planejando uma guerra contra a Pérsia ao sobrevir-lhe a morte.

Alexandre o Grande (336-323 A.C.)

Alexandre foi um dos maiores líderes militares da história. Em 334 iniciou a invasão da Ásia Menor. Dario III foi derrotado na batalha de Issos em 333 A.C.. Tomou Tiro depois de um cerco de dez meses e conquistou o Egito sem golpe algum. Em 331 A.C., venceu as hostes persas em Arbela e viu-se senhor do oriente. Penetrou no coração da Ásia, e por fim voltou Babilônia onde morreu em 323 A.C. com apenas trinta e dois anos de idade. Houve grande confusão após a sua morte. Nenhuma provisão havia sido feita quanto ao seu sucessor. Como resultado houve uma série de guerras. Finalmente, em 301 A.C., o reino foi dividido entre quatro de seus generais, Ptolomeu recebeu o Egito; Seleuco, a Síria e a Mesopotâmia; Cassandro, a Macedônia e a Grécia; Lisímaco, tomou a Trácia e porções da Ásia Menor.

VIII. ROMA

Após a Grécia, Roma dominou o mundo oriental. As guerras púnicas (264-146 A.C.) marcaram um grande passo para Roma dominar o mundo.

A destruição de Cartago em 146 A.C. eliminou um dos maiores rivais de Roma. As guerras macedônicas cobriram o período que vai de 215 a 168 A.C., e o resultado foi a sujeição não só da Macedônia, mas também parte da Ásia Menor. Em 146 A.C. foi subjugada uma revolução na Grécia e Corinto; o centro da revolta foi completamente destruído.

Jerusalém caiu nas mãos romanas de Pompeu em 65 A.C.. Júlio César intensificou suas conquistas na Gália e Germânia e cruzou o canal da Mancha. Foi ditador de Roma de 48-44 A.C.. Augusto reinou de 27 A.C. até lá 14 d.C.. Isto se deu três séculos antes de Roma cair finalmente diante das arremetidas dos bárbaros do norte.

IX. ISRAEL E JUDÁ

Após os preeminentes reinados de Saul, Davi e Salomão, a monarquia hebraica se dividiu e continuou sua história sob dois reis, o de Judá e Israel. Estes reinos mantinham contatos freqüentes com as nações ao redor. Houve guerras freqüentes que resultaram, finalmente, no aniquilamento de ambos, Israel e Judá. Segue uma lista dos reis das duas nações.

REIS DE ISRAEL

| | |
|-------------|---------|
| Jeroboão I | 931-910 |
| Nadabe | 910-909 |
| Baasa | 909-886 |
| Ela | 886-885 |
| Zinri | 885 |
| Tibni | 885-880 |
| Onri | 885-874 |
| Acabe | 874-853 |
| Acazias | 853-852 |
| Jorão | 852-841 |
| Jeú | 841-814 |
| Joacaz | 814-798 |
| Jeoás | 798-782 |
| Jeroboão II | 793-753 |
| Zacarias | 753-752 |
| Salum | 752 |
| Menaém | 752-742 |
| Pecaías | 742-740 |
| Peca | 752-732 |
| Oséias | 732-723 |

REIS DE JUDÁ

| | |
|-----------|---------|
| Roboão | 931-913 |
| Abias | 913-911 |
| Asa | 911-870 |
| Josafá | 873-848 |
| Jorão | 853-841 |
| Acazias | 841 |
| Atalia | 841-835 |
| Joás | 835-796 |
| Amazias | 796-767 |
| Uzias | 791-740 |
| Jotão | 750-736 |
| Acaz | 736-716 |
| Ezequias | 716-687 |
| Manassés | 696-642 |
| Amon | 642-640 |
| Josias | 640-608 |
| Joacaz | 608 |
| Joaquim | 608-597 |
| Joaquim | 597 |
| Zedequias | 597-586 |

X. BIBLIOGRAFIA

- Breasted, Janes Henry, *A History of Egypt*
Caldwell, Wallace Everett, *The Ancient World, Cambridge Ancient History*
Engberg, Robert Martin, *The Dawn of Civilization*
Finegan, Jack, *Light from the Ancient Past*, pp. 3-214
Goodspeed, George Stephen, *A History of the Babylonians and Assyrians*
Hall, H. R. H., *The Ancient History of the Near East*
Hyma, Albert, *An Outline of Ancient History*
Jones, Alonzo Trevier, *The Great Empires of Prophecy*
King, L. W., *A History of Babylon*
Laistner, M. L. W., *A Survey of Ancient History*
Moret, Alexandre, *The Nile and Egyptian Civilization*
Olmstead, A. T., *History of Assyria*
_____, *History of Palestine and Syria*
Perkins, Clarence, *Ancient History*
Rogers, Robert William, *A History of Ancient Persia*
Sanford, Eva Matthews, *The Mediterranean World in Ancient Times*
Smith, Charles Edward, and Moorehead, Paul Grady, *A Short History of the Ancient World*
Smith, Sydney, *Early History of Assyria*
Steindorff, George, and Seele, Keith C., *When Egypt Ruled the East*
Trevor, Albert A., *History of Ancient Civilization*
Woolley, C. L., *The Sumerians*

CARACTERÍSTICOS VÁRIOS DO LIVRO DE DANIEL

I. PROFECIAS ESPECÍFICAS :

A. Predições especiais de Daniel

1. A origem e queda de nações específicas. Dan. 2; 7; 8; 9; 11.
 - a. Babilônia Dan. 2:38, 39
 - b. Medo-Pérsia Dan. 2:39; 8:20; 11:2.
 - c. Grécia Dan. 2:39; 8:21; 11:2-4.
 - d. Roma Dan. 2:40; 7:23.
 - e. Divisão de Roma. 2:41-43; 7:24.
 - f. O papado Dan. 7:20, 21, 24, 25; 8:10-12, 23-25; 11:21-45.
2. Revelação dos pormenores das nações futuras. Dan. 2; 7; 8; 11.
3. Tempos Proféticos Especiais
 - a. Papado. Dan. 7:25.
 - b. O Messias. Dan. 9:24-26
 - c. Os Judeus Dan. 9:24-27.
 - d. A purificação do santuário. Dan. 8:14.
4. O Messias e Sua obra. Dan. 9:24-27.
5. Os reis do norte e do sul. Dan. 11.
6. Profecias do fim. Dan. 2:44; 7:14, 27; 8:14, 17, 26; 11:45; 12:1-4; 9, 10, 13.

B. Conhecimento pormenorizado do futuro é a prerrogativa divina. Isa. 41:21-24; 45:21; 46:9, 10.

C. As grandes profecias de Daniel; um testemunho notável da inspiração divina deste livro. Dan. 2:28; Isa. 14:24, 26, 27.

II. CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS INCOMUNS

A. Contribuições históricas excepcionais de Daniel

1. O cativo do terceiro ano de Joaquim Dan. 1:1.

2. Os cativos judeus e o tratamento que Babilônia lhes dispensou. Dan. 1:3-20; 2:48, 49; 3:12, 30; 5:29.
3. A honra e o poder da posição de Daniel em Babilônia e na Medo-Pérsia. Dan. 1:19-21; 2:28, 29; 4:8, 9; 5:11, 29; 6:1-3.
4. Enfermidade de Nabucodonosor. Dan. 4:33. 5. A natureza devota de Nabucodonosor e a exaltação do Deus do céu. Dan. 2:47; 3:28, 29; 4:34-37.
6. Belsazar e seu banquete Dan. 5.
7. O palácio babilônico de Susã em Elão Dan. 8:1, 2.
8. Dario, o Medo. Dan. 5:31; 6; 9; 11:1.
9. Ciro e sua resistência ao poder divino. Dan. 10.

B. A Arqueologia comprova a autenticidade dos relatos históricos de Daniel.

Depois de fazer um exaustivo estudo de grande número de tablets cuneiformes que serviram a Belsazar, o prof. Dougherty expressou-se a respeito da autenticidade do livro de Daniel como segue:

"O sumário informativo acima referente a Belsazar, quando julgado à luz da atualidade obtida das investigações em exame nesta monografia, indicam que todos os relatórios não babilônicos que tratam da situação final do império Neo-Babilônico, o quinto capítulo de Daniel é o que mais se aproxima em exatidão da literatura cuneiforme quando trata dos acontecimentos preponderantes. A afirmação escriturística pode ser interpretada como superior porque emprega o nome Belsazar, atribui-lhe poder real e reconhece que existiu um governo duplo neste reino. Documentos cuneiformes babilônicos do sexto século A. C. fornecem claras evidências da exatidão destes três núcleos históricos básicos contidos na narrativa bíblica referente à queda de Babilônia. Textos cuneiformes escritos já sob a influência persa do sexto século A. C. não trazem o nome Belsazar, mas a sua posição como príncipe da coroa, dotado de poder real durante a estada de Nabonido na Arábia é descrito convincentemente. Dois famosos historiadores gregos do quinto e quarto séculos A. C. não mencionam Belsazar pelo nome, e só se referem vagamente à situação política existente no tempo de Nabonido. Anais em língua grega, com origem entre o começo

do terceiro século A. C. e o primeiro, silenciam totalmente quanto à proeminência que Belsazar teve durante o último reinado do império Neo-Babilônico. A informação total encontrada em todos os documentos valiosos, cronologicamente fixados como posteriores aos textos cuneiformes do sexto século A. C. e anteriores aos escritos de Josefo do primeiro século d. C. não puderam oferecer material suficiente para compor a história do quinto capítulo de Daniel." – Dougherty, Nabonidus and Belshazzar, pp. 199, 200

III. FATORES LINGÜÍSTICOS

A. Seção aramaica. Dan. 2:4-7, 28.

1. Os arameus e sua língua
 - a. Evidência assíria
 - b. Evidência bíblica
 - c. Período babilônico e persa
 - d. O papiro de Elefantina
2. O aramaico do livro da Daniel

As evidências confirmam que no tempo de Daniel a língua aramaica se espalhou por todo o oriente. Quanto ao poder responsável por este fenômeno o professor Kraeling dá as seguintes razões:

"Indubitavelmente a política dos reis assírios de deportar cativos arameus em grande numero para as imediações de Nínive, aliado ao fato de Babilônia absorver os recém chegados de Neged, foi um instrumento proveitoso para desarraigar a língua do povo comum assírio. Contribuiu também o fato de serem os arameus grandes comerciantes e numerosos na região da grande rota comercial da Síria, Mesopotâmia e Caldéia. Sua língua teve assim a oportunidade de tornar-se um meio comercial. Dotada de uma construção mais simples e uma escrita fácil e conveniente, teve ela uma vantagem inestimável sobre a sua única competidora possível, a língua assíria. Além disto a destruição dos estados aramaicos separou esta língua de todas as aspirações nacionalistas e das propagandas religiosas. Não havia, assim, nenhum prejuízo com o seu florescimento. Após a queda de Nínive (606) nada podia prejudicar a sua marcha triunfal. Ela tornou-se o meio de comunicação indispensável entre o oriente iraniano e o ocidente semítico. Conseqüentemente, isto contribuiu para desalojar a língua

hebraica e cananita por completo; mesmo em Tiro e Sidom a velha língua mãe pereceu, como também em Edom e norte da Arábia. Do Golfo pérsico até a Cilícia, e de Edessa a Petra e a Siena no Nilo, o aramaico tornou-se a língua do povo comum." – Kraeling, Aram and Israel, pp. 158, 159

B. Palavras persas no livro do Daniel

C. Palavras gregas em Daniel

A prova da influência grega na Pérsia no sexto século A.C. nos vem destas linhas de uma inscrição num edifício de Susã, no tempo de Dario I (522-486 A.C.):

"A ornamentação com a qual a parede estava enfeitada foi trazida da Jônia. ... Os pedreiros que lavraram a pedra eram da Jônia e de Sardes."

Examinando esta inscrição e algumas indicações especiais da influência grega na arte pérsica, uma autoridade em arqueologia grega tem o seguinte a dizer:

"Artistas gregos a trabalhar na Pérsia era uma consequência natural do domínio persa. Durante os anos funestos (cerca de 550-480 A.C.) em que a Grécia oriental estava sujeita aos Aquemênidas, os empreendimentos artísticos na pátria estavam sem dúvida mutilados, e os artistas greco-orientais devem ter-se sentido felizes em aceitar trabalhos para estrangeiros. ... O senhor Coomaraswamy, escrevendo em 1933, fez esta afirmação: 'A arte Aquemênida, quer a consideremos como de origem grega, ou como ala própria a fonte genuína dos seus elementos estilísticos, sobrevive como ilustração documentada de uma era de relações íntimas e concretas entre a Ásia e a Europa.' Os Aquemênidas, por convidarem artistas estrangeiros para edificar e ornamentar os seus palácios, produziram uma nova arte; uma arte parcialmente oriental e parcialmente grega, a qual denominamos agora arte aquemênida." – Gisela M. A. Richter, "Greeks in Persia," American Journal of Archaeology, L, (1946), pp. 28 ss.

D. O hebraico do livro de Daniel

E. O uso do termo "caldeus" por Daniel

IV. DANIEL NO CÂNON HEBRAICO

V. DANIEL NA LITERATURA HEBRAICA

VI. TESTEMUNHO BÍBLICO REFIRENTE A DANIEL

A. Ezequiel. Ezeq. 14:14, 20; 28:3.

B. Jesus. Mat. 24:15

C. Ecos de Daniel nas Escrituras

1. Cristo

Mat. 24:21 - - - - - Dan. 12:1

Mat. 24:30; 26:64 - - - - - Dan. 7:13

Mat. 16:27, 28; 25:31 - - - - - Dan. 7:13, 14

João 5:28, 29 - - - - - Dan. 12:2

Mat. 13:43 - - - - - Dan. 12:3

2. João no Apocalipse

Apoc. 1:7; 14:14 - - - - - Dan. 7:13, 14

Apoc. 1:13-16; 2:18 - - - - - Dan. 10:5, 6

Apoc. 1:17 - - - - - Dan. 10:8-11

Apoc. 10:5, 6 - - - - - Dan. 12:6, 7

Apoc. 13:5-7 - - - - - Dan. 7:8, 11, 21, 25

Apoc. 20:4, 6 - - - - - Dan. 7:22

Apoc. 20:11 - - - - - Dan. 2:35

Apoc. 20:5, 6, 15 - - - - - Dan. 12:1

3. Paulo

Heb. 11:33, 34 - - - - - Dan. 3:25; 6:22

II Tess. 2:3, 4 - - - - - Dan. 7:20, 25

I Cor. 6:2 - - - - - Dan. 7:22

VII. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 5-82.
- Boutflower, Charles, *In and Around the Book of Daniel*, pp 35-44.
- Bowman, Raymond A., "Aramaean, Aramaic, and the Bible," *Journal of Near Eastern Studies*, abril de 1948, p. 65.
- Boyle, W. R. A., *The Inspiration of the Book of Daniel*.
- Clay, W. R. A., *Light on the Old Testament from Babel*, pp. 390-403.
- Dougherty, Raymond Philip, *Nabonidus and Belshazzar*, pp, 199, 200.
- Driver, G. R., "Semitic Languages", *Encyclopedia Britannica*, 14^a. edição.
- Frankfort, Henri, "Achaemenian Sculpture," *American Journal of Archaeology*, L (1946), 6-14
- Gilbert, F. C., "Daniel Not Included Among the Prophets," *The Review and Herald*, maio 24, de 1945, pp. 8, 9.
- _____, "Why Jews Do Not Included Daniel Among the Prophets," *The Ministry*, janeiro de 1933, pp. 14, 15.
- Ginsberg, H. L., *Studies in Daniel*.
Handbook for Bible Students, 1922, pp. 148-158
- Horn, S. H., "The Aramaic Problem of the Book of Daniel," *The Ministry*, maio-julho de 1950.
- Josephus, *Antiquities*, X, x, w1
- Kraeling, Emil G. H., *Aram and Israel*, pp. 1-10, 38-45, 138, 159.
- Prescott, W. W., "The Authenticity and the Date of the Book of Daniel," *The Ministry*, julho de 1951, pp. 18 ss.
- _____, "The Historicity of Belshazzar," *The Ministry*, setembro de 1952, pp. 151 ss.
- Price, George McCready, "An Eloquent Defense of the Book of Daniel", *Review and Herald*, 21 de agosto de 1924, p. 3.

- _____, Three Schools of Prophetic Interpretation," *The Ministry*, setembro de 1959, pp. 16 ss.
- Fusey, S. B., *Daniel The Prophet*, pp. 75-114, 230-384.
- Rawlinson, George, *Egypt and Babylon*, pp. 67-81.
- Richter, Gisela M. A., "Greeks in Persia," *American Journal of Archaeology*, L (1946), pp. 15-50.
- Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp. 15-33.
- Source Book for Bible Students*, 1919, pp. 129-134.
- Thomson. J. E. H., "Aramaic Language," *The International Standard Bible Encyclopedia*.
- Wilson, Joseph D., "The Book of Daniel," *The Fundamentals*, vol. VII, pp. 88-100.
- Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 96-263, 276-295, 319-366.
- _____, *Studies in the Book of Daniel*, Second Series, pp. 9-100.
- _____, "Fragments of the Book of Daniel Found," *Biblical Archaeologist*, maio de 1949, p. 33.

DANIEL E SEUS COMPANHEIROS NO CATIVEIRO BABILÔNICO

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 1

II. A SITUAÇÃO DO MUNDO NO FIM DO SÉTIMO SÉCULO A.C.

A. Assíria

1. Queda de Nínive diante dos medos - 612 A.C.
2. Último reduto dos assírios em Harã.

B. Média

1. Ciáxares (625-585 A.C.) destrói Nínive - 612 A.C.
2. Aliança da Média com Babilônia

C. Babilônia

1. Nabopolassar (626-605 A.C.) eleva Babilônia ao poder.
2. Nabucodonosor (605-562 A.C.) faz de Babilônia o poder dominante do oriente.

D. Egito

1. Egito empenhado ou reaver sua posição na Ásia.
2. Egito vencido por Babilônia.

E. Judá

1. Judá cai sob o domínio de Babilônia.
2. Rebelião e em seguida cativo.
 - a. Daniel levado em cativo - 605 A.C.
 - b. Joaquim e Ezequiel levados para Babilônia - 597 A.C.
 - c. Destruição de Jerusalém - 586 A.C.

III. DANIEL E SEUS COMPANHEIROS LEVADOS PARA BABILÔNIA

A. O cativo do terceiro ano de Joaquim - Dan. 1:1, 2.

1. A fixação do terceiro ano de Joaquim.

a. Sistema judaico de contar o ano de acesso.

b. Sincronologia entre os reis hebreus e babilônios

4º. ano de Joaquim = 1º. ano de Nabucodonosor
604 A.C. Jer. 25:1

11º. ano de Joaquim = 8º. ano de Nabucodonosor
597 A.C. II Crôn. 36:5, 9, 10; II Reis 24:12

10º. ano de Zedequias = 18º. ano de Nabucodonosor
587 A.C. Jer. 32:1

11º. ano de Zedequias = 19º. ano de Nabucodonosor
586 A.C. Jer. 39:2; Ezeq. 33:21; II Reis 25:8-10.

25º. ano do cativo = 14º. ano após a queda de Jerusalém
573 A.C. Ezeq. 40:1

37º. ano do cativo = 1º. ano de Evil-Merodaque
561 A.C. Jer. 52:35

c. Fixação das datas babilônicas Um tablete babilônico traz a informação de um eclipse lunar no quinto ano de Nabopolassar. A astronomia dá o dia 22 de Abril de 621 A.C. como a data deste eclipse. Temos, pois, que o quinto ano de Nabopolassar era 621 A.C.. Como ele governou durante vinte e um anos, a sua morte teve lugar em 605 A.C., que deve ser o ano em que Nabucodonosor, seu filho o sucedeu no trono. A data do reino de Nabucodonosor é ainda estabelecida por outro tablete que menciona um eclipse da lua no seu trigésimo sétimo ano, o qual é fixado astronomicamente como sendo 4 de Julho de 568 A.C.

d. Fixação do ano do cativo de Joaquim e Daniel.

Visto que o primeiro ano de Nabucodonosor é o quarto ano de Joaquim (Jer. 25:1), e também o ano 604 A.C., o terceiro ano de

Joaquim é simultâneo com o ano do acesso de Nabucodonosor, e este deve ser então 605 A.C.

2. Verificação da campanha de Nabucodonosor de 605 A.C.

Que Nabucodonosor fez um ataque à Judéia no ano em que seu pai morreu e que levou cativos judaicos para Babilônia, nesta ocasião, é confirmado por Josefo, ao citar Berosus, um sacerdote babilônico e historiador do terceiro século A.C.

"Desejo agora relatar o que foi escrito a nosso respeito na história caldaica, cujos relatórios concordam grandemente com os nossos livros em outros assuntos também. Berosus será testemunha do que digo. ... Ele nos descreve como ele (Nabopolassar) enviou seu filho Nabucodonosor contra Egito e contra a nossa pátria, com um grande exército, após ter sido informado de que se haviam revoltado contra ele. ... Desejo transcrever os próprios relatos de Berosus, que são os seguintes: 'Quando Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, soube que o governador que ele havia posto sobre o Egito, e sobre as partes da Síria, Selêucida e Fenícia, se tinham revoltado, não esperou, mas confiou certas partes do exército ao seu filho Nabucodonosor, que ara ainda bem jovem e enviou-o contra o rebelde. Nabucodonosor batalhou contra ela, conquistou o país e o sujeitou outra vez. Aconteceu, porém, nesta ocasião, que seu pai adoeceu o morreu na cidade de Babilônia após um reinado de vinte o nove anos. Mas, como compreendeu logo a situação e, após a morte da seu pai Nabopolassar, pôs os negócios do Egito e outros países em ordem, confiou os cativos que tinha tomado dos judeus, fenícios e sírios e as nações pertencentes ao Egito a alguns de seus amigos, para que conduzissem a parte grossa das forças armadas e o resto de sua bagagem para Babilônia, enquanto ele atravessou apressadamente com alguns poucos, o deserto em direção à Babilônia, onde ao chegar, encontrou os negócios públicos bem cuidados pelos caldeus, a o trono reservado para si pelo principal deles. Assim, ele obteve inteiramente todos os domínios de seu pai. Ordenou, então, que os cativos fossem postos em colônias nos lugares mais apreciados de Babilônia; e, para si, adornou o templo

de Bel a os outros templos com os despojos que tomara nesta terra, manifestando assim, atitude elegante.' " Josefo, *Against Apion*, I. 19.

Veja também Antiquities, X, xi . i.

IV. A INSTRUÇÃO E A PROVA DE DANIEL E SEUS COMPANHEIROS

A. A idade de Daniel - 4 T, p. 570

B. O objetivo da instrução

1. O objetivo de Babilônia. Dan. 1:3-5.

2. O Objetivo de Deus.

"Na terra de seu cativo esses homens deviam levar avante o propósito de Deus de dar às nações pagãs as bênçãos que vêm pelo conhecimento de Jeová. Deviam eles ser Seus representantes." – PR, 479.

C. A natureza da instrução

D. Tentativas para influenciar os cativos à idolatria - vv. 6, 7

"O rei não compeliu os jovens hebreus a renunciarem sua fé em favor da idolatria, mas esperava alcançar isto gradualmente. Dando-lhes nomes significativos de idolatria, levando-os diariamente a íntima associação com costumes idólatras e sob a influência de sedutores ritos do culto pagão, ele esperava induzi-los a renunciar à religião de sua nação e unir-se ao culto dos babilônios." – PR, 481.

"Em hebraico Daniel significava 'Deus é o meu juiz'; Hananias, 'dom do Senhor'; Misael, "Quem é como Deus"; e Azarias, "a quem Deus ajuda". Visto que estes nomes se referiam ao Deus verdadeiro e tinham significados relacionados ao Seu culto, foram trocados por nomes cuja definição os ligavam às divindades pagãs e ao culto dos caldeus. Assim, Beltessazar, o nome dado a Daniel, significa 'príncipe de Bel'; Sadraque, 'Servo de Sin' (deus da lua); Mesaque, "quem é como Aku" (Aku era o equivalente sumério de Sin, o nome do deus da lua); e Abede-Nego significava 'servo de Nebo'. " – Smith, Daniel and Revelation, p. 23.

E: A prova de lealdade - v. 8.

F. O tato e a fidelidade de Daniel - vv. 9-14.

G. A recompensa da lealdade - vv. 15-17.

"Em força e beleza física, em vigor mental e dotes literários, não tinham rival. A forma ereta, o passo firme e elástico, a fisionomia agradável, os sentidos lúcidos, o hábito puro - eram todos certificados mais que suficientes de bons hábitos, insígnia da nobreza com que a natureza honra aos que são obedientes a suas leis. ... Um caráter nobre não é resultado de acidente; não é devido a favores especiais ou dotações da Providência. É o resultado da autodisciplina, da sujeição da natureza mais baixa à mais alta, da entrega do eu ao serviço de Deus e do homem. ... Poder intelectual, vigor físico e longevidade dependem de leis imutáveis." – PR, 485, 488, 489.

V. DANIEL E SEUS COMPANHEIROS EM HONROSAS POSIÇÕES - vv 18-21.

VI. BIBLIOGRAFIA

Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 83-108.

Deane; H., *Daniel: His Life and Times*.

Finegan, Jack, *Light from the Ancient Past*, pp. 183-186.

Haskell; Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp, 15-30.

McCurdy, J., F., *The History, Prophecy, and the Monuments*, vol. 2, pp. 404-414; vol. 3, pp. 132-168.

Montgomery, James A., *A Critical. Ad Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, pp. 114-139.

Seiss, J, A., *Voices from Babylon*, pp. 15-33.

Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 19-27.

Thiele, Edwin R. "Solving the Problems of Daniel 1," *The Ministry*, agosto de 1941, pp. 7 ff; setembro de 1941, p. 18.

White, Ellen G., *Educação*, pp. 54-56.

_____, *Profetas e Reis*, pp. 422-428, 479-590.

Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 43-95.

Young, E. J., *The Prophecy of Daniel*, pp. 35-48.

A GRANDE IMAGEM DO SONHO DE NABUCODONOSOR

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 2

II. NABUCODONOSOR TEM UM SONHO

- A. Época – seu segundo ano - 603 A.C. Dan. 2:1.
- B. A perturbação do espírito do rei - v. 1.

III. O MALOGRO DOS SÁBIOS BABILÔNICOS

A. Classes de sábios

Magos, astrólogos, encantadores, caldeus - Dan. 2:2.

Magos, astrólogos, caldeus - 1:20.

Magos, astrólogos, caldeus - 2:10.

Magos, astrólogos, sábios, adivinhos - 2:27.

Magos, astrólogos, caldeus, adivinhos - 4:7.

astrólogos, caldeus - 5:7.

Magos, astrólogos, caldeus - 5:11.

astrólogos, sábios - 5:15.

1. Os caldeus

a. Uso étnico - Jó 1:17; Isa. 13:19; 23:13; 43:14; Hab. 1:6;
Jer. 37:10; 50:1, 8, 10; Esdras 5:12.

b. Uso como indicação de uma classe determinada - Dan. 2:2-5, 10; 4:7; 5:7, 11.

B. Diante do rei - Dan. 2:2, 3.

C. Língua usada - Aramaico v. 4.

D. Exigência do rei - vv. 5-9.

E. A incapacidade dos sábios para dizer o sonho - v. 10.

F. Confissão dos caldeus - v. 11.

G. Decreto, os sábios sentenciados à morte - v. 12.

IV. DANIEL E SEUS COMPANHEIROS TOPAM COM A ORDEM DO REI

A. Daniel e seus companheiros procurados para serem mortos - v. 13.

B. O pedido de Daniel ao rei - vv. 14-16.

C. Oração por misericórdia e elucidação - vv. 17, 18.

D. Revelação do segredo a Daniel - v. 19.

E. Oração de ações de graças e louvor, por Daniel - vv. 20-23

F. Daniel é trazido diante do rei - vv. 24, 25.

G. A pergunta de Nabucodonosor.

H. A resposta de Daniel: "Há um Deus no céu" vv. 27, 28.

"Daniel não hesitou ao reconhecer a fonte de sua sabedoria. Teria o fato de Daniel exaltar fielmente a Deus, desprestigiado a sua influência na corte do rei? De maneira nenhuma; este foi o segredo de seu poder; foi isto que lhe assegurou o favor aos olhos do mandatário ele Babilônia. No nome de Deus, Daniel expôs ao rei as mensagens divinas de instrução, advertência e repreensão, e não foi repellido. Leiam os obreiros de Deus dos nossos dias o firme e audaz testemunho de Daniel, e sigam-lhe o exemplo.

"Nunca um homem age mais loucamente do que quando, para ser reconhecido e aceito no mundo, sacrifica, por pouco que seja, a lealdade e a honra devidas a Deus. Quando nos colocamos onde Deus não pode cooperar conosco, nossa força se demonstra fraqueza." 7 T, p. 151.

V. O SONHO DE NABUCODONOSOR

A. Os pensamentos do rei a respeito do futuro - v. 29.

B. Deus revela a Nabucodonosor os segredos do futuro - v. 29

C. A razão da revelação a Daniel - v. 30

D. A imagem - v. 31.

1. Cabeça de ouro - v. 32.

2. Peito e braços de prata - v. 32.

3. O ventre e as coxas de cobre - v. 32.

4. Pernas de ferro - v. 33.

5. Pés de ferro e barro – v. 33.

6. Destruição da imagem por uma pedra - vv. 34, 35.

7. A pedra se fez monte e encheu toda a terra - v. 35.

E. A interpretação do sonho - v. 36.

1. A cabeça de ouro - Nabucodonosor e seu reino de Babilônia - vv. 37, 38; Isa. 14:4.

2. Um reino inferior de prata - Medo-Pérsia - v. 39

3. Um terceiro reino de cobre a reinar sobre toda a terra – Grécia - v. 39.

4. Um quarto reino, forte como ferro - Roma - v. 40.

a. Para quebrar, subjugar e quebrantar - v. 40.

"As armas da república, às vezes vencidas em batalha, mas sempre vitoriosas na guerra, avançavam a passos rápidos para o

Eufrates, o Danúbio, o Reno, e o Oceano; e as imagens de ouro, prata, ou cobre que serviram para representar as nações ou os seus reis, foram sucessivamente quebradas pela férrea monarquia romana." - Gibbon, The Decline and Fall of the Roman Empire, Vol. III, cap. 38.

5. A divisão da férrea monarquia - pés e artelhos de ferro e barro - v. 41.

a. Em parte forte e em parte fraco.

b. A mistura mútua com semente humana - v. 45.

"A Europa em guerra pode ser quase comparada a uma briga em família, às casas reais, especialmente os países mais fortemente relacionados à guerra, são praticamente todos do mesmo tronco germânico, e quase do mesmo sangue. Têm havido tantos casamentos entre estas casas a ponto de dominar sangue germânico em cada trono europeu, com exceção dos dois pequenos reinos da Sérvia e Montenegro.

"Todos os príncipes regentes do norte da Europa estão fortemente aparentados desta maneira. O imperador William da Alemanha ao guerrear contra a Grã-Bretanha e a Rússia, está igualmente em guerra com os seus primos. O rei Jorge IV da Grã-Bretanha e o Czar Nicolau II da Rússia são primeiramente primos por suas mães que eram filhas do rei Cristiano IX da Dinamarca. Todos os que viram as fotografias destes dois mandatários notaram a semelhança familiar. William II da Alemanha é primo em primeiro grau de Jorge V, e a sua mãe Vitória, era a irmã do pai de Jorge, Eduardo VII da Inglaterra. Além disto, Nicolau casou-se com outra prima em primeiro grau de Jorge e William; a mãe da czarina era outra irmã de Eduardo VII. Finalmente, Jorge, William e Nicolau são, por seus pais, netos de Carlos, duque de "Mecklenburg-Strelitz", que morreu em 1752, e William e Nicolau são descendentes do rei Frederico William III da Prússia. Outros primos do rei Jorge e do Czar Nicolau, também netos de Cristiano II da Dinamarca, são: Cristiano X da Dinamarca, Constantino I da Grécia e Ernesto Augusto, duque de Brunswick, que é também genro do imperador William II. – George H. Merritt, The Royal Relative of Europe," The World's Work, Outubro de 1914, p. 594.

c. Não se ligarão - v. 43.

6. O reino de Deus

a. "Nos dias destes reis o Deus do céu levantará um reino."
- v. 44.

b. Nunca será destruído - v: 44.

c. Não será deixado a outro povo - v. 44.

d. Fará em pedaços e consumirá os outros reinos - v. 44.

e. Permanecerá para sempre v. 44.

f. Os dois reinos de Deus.

(1) O reino da Graça

(a) O trono da graça - Heb. 4:15, 16 .

(b) um trono sacerdotal - Zac. 6j12, 13 (c) Um reino no coração dos homens - Luc. 17:20, 21.

(d) Próximo nos dias de Cristo - Mar. 1:14, 15.

(e) Cristo o Rei deste trono - Apoc. 3:21.

(f) A entrada do homem neste reino - Heb. 4:15, 16. Efés. 2:4-8; Rom. 3:19, 20, 23, 24.

"E 'o reino de Deus', que eles declararam estar próximo, foi estabelecido pela morte de Cristo. Este reino não era, como eles haviam sido ensinados a crer, um domínio terrestre. Tampouco devia ser confundido com o reino futuro, imortal que será estabelecido quando 'o reino, o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo' - reino eterno, no qual 'todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão'. Dan. 7:27. Conforme é usada na Bíblia, a expressão 'reino de Deus' designa tanto o reino da graça como o de glória. O primeiro é apresentado por Paulo na epístola aos hebreus. Depois de apontar para Cristo, o compassivo Intercessor que pode 'compadecer-Se de nossas fraquezas', diz o apóstolo: 'Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça.' Heb. 4:16. O trono da graça representa o reino da graça; pois a existência de um trono implica a de um reino. Em muitas parábolas Cristo usa a expressão 'o reino dos Céus', para designar a obra da graça divina no coração dos homens. ...

"O reino da graça foi instituído imediatamente depois da queda do homem, quando fora concebido um plano para a redenção da raça culpada. Existiu ele então no propósito de Deus e pela Sua promessa; e mediante a

fé os homens podiam tornar-se súditos seus. Contudo, não foi efetivamente estabelecido antes da morte de Cristo." – GC., p. 347.

(2) O Reino da Glória

(a) promessas do reino

1) O trono de Davi estabelecido para sempre II Sam. 7:12, 13, 16.

2) Um Rei divino no trono de Davi - Isa. 9:6,7.

3) Vitória sobre os reinos da terra - Ezeq. 21:26, 27.

4) Restauração do primeiro domínio - Miq. 4:7,8

5) Para executar o juízo sobre a Terra - Jer. 25:5, 6; Isa. 16:15.

(b) Cristo, o cumprimento das predições antigas - Luc. 1:31-33.

(c) A se estabelecer na segunda vinda de Cristo - Mat. 25:31-34; Apoc. 19:16; II Tim. 4:1.

(d) Só os justos nele entrarão - Mat. 13:41-43.

"Como a mensagem do primeiro advento de Cristo anunciava o reino de Sua graça, assim a de Sua segunda vinda anuncia o reino de Sua glória." – DTN, p. 234.

"O trono de glória representa o reino de glória; e a este reino fazem referência as palavras do Salvador: 'Quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono de Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dEle.' Mat. 25:31 e 32. Este reino está ainda no futuro. Não será estabelecido antes do segundo advento de Cristo." – GC., p. 347.

VI. DANIEL ASSEGURA A LEGITIMIDADE DO SONHO AO REI

- v. 45.

VII. A RESPOSTA DO REI

A. Nabucodonosor cai diante de Daniel - v. 46.

- B. Reconhece o Deus de Daniel como Deus dos deuses e o Senhor dos reis - v. 47.
- C. Honra a Daniel e seus companheiros em Babilônia - vv. 48, 49.

VIII. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 109-170.
- Birks, T. R., *The Four Prophetic Empires*.
- Bunch, Taylor G., "The Dream of World Empire," *Typical Evangelistic Sermons*, pp. 11-26.
- Caldwell, Wallace Everett, *The Ancient World*, pp. 107-529.
- Finegan, Jack, *Light from the Ancient Past*, pp. 188-208.
- Harrison, Benjamin, *Twelve Lectures*, pp. 24-59.
- Haskell, Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp. 28-58.
- Jones, Alonzo T., *Great Empires of Prophecy*.
- Maxwell, Arthur S., *Great Prophecies for Our Times*, pp. 61-77.
- Pusey, E. B., *Daniel the Prophet*, pp. 115-121, 355-359.
- Sanford, Eva Matthews, *The Mediterranean World in Ancient Times*, pp. 171-571.
- Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp. 54-95.
- Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 29-69.
- Spicer, W. A., *Our Day in the Light of Prophecy*, pp. 39-49.
- White, Ellen G., *Profetas e Reis*, pp. 491-502.
- Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 319-389.
- Young, E. J., *The Prophecy of Daniel*, pp. 55-80.

A FORNALHA DE FOGO ARDENTE

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 3

II. A IMAGEM DE OURO

A. O tamanho da imagem - v. 1.

A indicação de que o ouro era usado em grande quantidade nos serviços prestados aos deuses babilônicos, nos é dada por Heródoto numa inscrição de um templo da cidade de Babilônia:

"Há um segundo templo, no qual existe uma imagem assentada de Zeus, toda de ouro. Diante da imagem adia-se uma grande mesa de ouro, e o trono sobre o qual ela se assenta, e a base do trono, são também de ouro. Os caldeus me contaram que todo o ouro pesava 800 talentos (mais do trinta toneladas). Fora do templo encontram-se dois altares, um de ouro maciço. ... No tempo de Ciro havia também neste templo a estátua de um homem, com dezoito pés de altura, de ouro compacto. Eu mesmo não vi esta estátua, mas estou relatando o que os caldeus me contaram a respeito." Heródoto, Persian Wars, l. 138.

B. Localização da imagem - v. 1.

C. O objetivo de Nabucodonosor em fazer a estátua.

"O sonho da grande imagem, que abriu perante Nabucodonosor acontecimentos que chegam ao fim do tempo, tinha-lhe sido dado para que ele pudesse compreender a parte que lhe tocava desempenhar na história do mundo, e a relação que seu reino teria com o reino do Céu. ... Durante algum tempo Nabucodonosor sentiu-se influenciado pelo temor de Deus; contudo o seu coração não ficou purificado da ambição mundana e do desejo de exaltação. A prosperidade que acompanhou o seu reinado o encheu de orgulho. Em dado tempo ele cessou de honrar a Deus, e retomou seu culto idólatra com maior zelo e fanatismo.

As palavras: "Tu és a cabeça de ouro" (Dan. 2:38), tinham feito profunda impressão no espírito do rei. Os sábios do seu reino, tirando vantagem disto e do seu retorno à idolatria, propuseram-lhe que fizesse uma imagem semelhante àquela vista em sonho, e a erguesse em lugar onde todos pudessem contemplar a cabeça de ouro, que tinha sido interpretada como representando o seu reino.

Lisonjeado com a adúladora sugestão, ele se determinou levá-la a efeito, indo mesmo além. Em lugar de reproduzir a imagem como a tinha visto, ele excederia o original. Sua imagem não seria desigual em valor da cabeça aos pés, mas seria inteiramente de ouro, símbolo que representaria Babilônia como um reino eterno, indestrutível, todo-poderoso, que haveria de quebrar em pedaços todos os outros reinos, permanecendo para sempre." – PR., pp. 503-504.

D. A presença dos chefes de Babilônia - vv. 2, 3.

III. A PROVA DA IMAGEM

A. Prostrar-se ou ser lançado na fornalha - vv. 5, 6.

B. Todos os povos prostrados - v. 7.

C. Três judeus acusados - vv. 8-12.

D. A ordem de Nabucodonosor aos judeus e o desafio a Deus
- vv. 13-15.

E. A resposta dos judeus - vv. 16-18

"O ato de se curvar ante a imagem fora compreendido por todos como um ato de adoração. Tal homenagem eles só poderiam render a Deus. ... Foram inúteis as ameaças do rei. Ele não logrou desviar os homens de sua obediência ao Governador do Universo. A história de seus pais lhes ensinara que a desobediência a Deus resulta em desonra, desastre e morte; e que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, o fundamento de toda verdadeira prosperidade." – PR., pp. 507-508.

IV. SALVOS DA FORNALHA DE FOGO ARDENTE

A. A ordem do irado rei - vv. 19, 20.

B. Lançados na fornalha - vv. 21-25.

C. O susto do rei - vv. 24, 25.

"Como sabia o rei pagão a que era semelhante o Filho de Deus? Os cativos hebreus que ocupavam posição de confiança em Babilônia tinham representado a verdade diante dele na vida e no caráter. Quando perguntados pela razão de sua fé, tinham-na dado sem hesitação. Clara e singelamente tinham apresentado os princípios da justiça, ensinando assim aos que lhes estavam ao redor a respeito do Deus a quem adoravam. Eles tinham falado de Cristo, o Redentor vindouro; e na aparência do quarto no meio do fogo, o rei reconheceu o Filho de Deus." – PR., p. 509.

D. Os judeus saem da fornalha ilesos - vv. 26, 27.

V. A RÉPLICA DE NABUCODONOSOR

A. Louva o Deus dos judeus - v. 28.

B. Decreta a proibição da blasfêmia a Deus - v. 29.

"Era correto fazer o rei confissão pública, e procurar exaltar o Deus do Céu sobre todos os outros deuses; mas procurar forçar seus súditos a igual confissão de fé e mostrar semelhante reverência era exceder os seus direitos como soberano temporal. Não tinha ele maior direito, civil ou moral, de ameaçar os homens com a morte pela não adoração de Deus, do que tinha para fazer o decreto votando às chamas todos os que recusassem cultivar a imagem de ouro. Deus jamais compele o homem à obediência. A todos deixa livres para que escolham a quem desejam servir." – PR., pp. 510-511.

C. A promoção dos judeus - v. 30.

VI. LIÇÕES PARA HOJE

- A. Os poderes temporais são ordenados por Deus e os homens devem prestar-lhes obediência – Rom. 13:1, 2; Jer. 25:5-8.
- B. O homem tem deveres para com o homem, e também para com Deus - Mat. 22:21.
- C. A lealdade suprema do homem pertence a Deus – Êxo. 20:3-6; Atos 4:19 , 20 5:29.
- D. O povo de Deus será provado de modo especial nos últimos dias
1. Uma imagem será feita para exercer o poder da besta - Apoc. 13:12-17.
 2. A liberdade religiosa será restringida na América - 6 T., p. 18.
 3. O sábado será o ponto especial de prova – 5 T., pp. 711, 712.
- "A fim de assegurar popularidade e sua aprovação, os legisladores se renderão aos reclamos de leis dominicais. Mas os que temem a Deus não podem aceitar uma instituição que viole um preceito do Decálogo. Neste campo se travará o último grande conflito na controvérsia entre a verdade e o erro." – PR., p. 606.
4. Os membros serão provados individualmente - 5 T., p. 463.
 5. No fim, um decreto de morte *GC*, p. 615, 622, 626, 631, 635; *PR*, p. 512; *PE*, pp. 284,285.
 6. Deus vai operar poderosamente em favor do Seu remanescente fiel – 1 T., pp. 353, 354.

"Como nos dias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no período final da história da Terra o Senhor operará poderosamente em favor dos que ficarem firmes pelo direito. Aquele que andou com os hebreus valorosos na fornalha ardente, estará com os Seus seguidores em qualquer lugar. Sua constante presença confortará e sustentará. Em meio do tempo de angústia - angústia como nunca houve desde que houve nação - Seus escolhidos ficarão firmes. Satanás com todas as forças do mal não pode destruir o mais fraco dos santos de Deus. Anjos magníficos em poder os protegerão, e em favor deles Jeová Se revelará como "Deus dos deuses" (Dan. 2:47), capaz de salvar perfeitamente os que nEle puseram a sua confiança." – PR., p. 513.

III. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 170-199.
- Boyle, W. R. A., *The Inspiration of the Book of Daniel*, pp. 69-80.
- Haskell, Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp. 43-56.
- Montgomery, James A., *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, pp. 193-219.
- Pusey, E. B., *Daniel the Prophet*, pp. 368-374.
- Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp. 96-115.
- Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 71-87.
- White, Ellen G., *Primeiros Escritos*, pp. 282-284.
- _____, *Grande Conflito, O*, pp. 603-635.
- _____, *Profetas e Reis*, pp. 503-513.
- _____, *Testimonies to the Church*, vol 5, pp. 711-718.
- Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 296-318.
- Young, E. J., *The Prophecy of Daniel*, pp. 83-96.

A HUMILHAÇÃO E A RESTAURAÇÃO DE NABUCODONOSOR

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 4

II. A PROCLAMAÇÃO DE NABUCODONOSOR

A. Paz a todas as nações - v. 1

B. Reconhece os sinais e as maravilhas de Deus vv. 2, 5

III. O SONHO DE NABUCODONOSOR

A. Um sonho perturba o rei - vv. 4,5.

B. Os sábios falham na interpretação do sonho - vv. 6, 7.

C. O sonho é contado a Daniel – vv. 8, 9.

1. Uma árvore grande e forte em crescimento - vv. 10-12

2. Um vigia e a vinda de um santo do céu - v. 15.

a. Ordem de derrubar a árvore - v. 14.

b. O tronco e as raízes permanecem na terra v. 15.

c. Sua porção com os animais na grama v. 15.

d. Seu coração de homem a ser trocado em coração de animal
- v. 16.

e. Durante sete tempos - v. 16.

3. A declaração do objetivo do sonho - v. 17.

D. O pedido para Daniel interpretar o sonho - v. 18.

IV. DANIEL INTERPRETA O SONHO DO REI

A. Seu espanto e turbacão ante o significado do sonho - v. 19.

B. A interpretação

1. A árvore é Nabucodonosor - vv. 20-22.
2. O vigia é o santo com o decreto do Altíssimo - vv. 23, 24.
 - a. Nabucodonosor tirado dentre os homens - v. 25.
 - b. Morada com os animais do campo - v. 25.
 - c. Comer erva com os bois - v. 25.
 - d. A extensão do período
 - (1) Até se passarem sete tempos - v. 25.
 - (2) "Até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e os dá a quem quer" v. 25.
 - e. O tronco ficará; o reino seguro nas mãos de Nabucodonosor - v. 26. "... O teu reino voltará para ti, depois que tiveres conhecido que o céu reina~" v. 26.

V. O CONSELHO DE DANIEL A NABUCODONOSOR

"Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranqüilidade." v. 27.

VI. O ORGULLHO DE NABUCODONOSOR E A HUMILHAÇÃO

A. Orgulhoso de Babilônia - vv. 28-30.

"Por algum tempo a impressão da advertência e o conselho do profeta exerceu forte influência sobre Nabucodonosor; mas o coração não transformado pela graça de Deus logo perde as impressões do Espírito Santo. A condescendência própria e ambição não haviam ainda sido erradicadas do coração do rei, e esses traços mais tarde reapareceram. Não obstante a instrução tão graciosamente dada, e as advertências da passada experiência, Nabucodonosor permitiu-se ser controlado pelo espírito de ciúmes em relação aos reinos que se deviam seguir. Seu governo, que até então havia sido em grande medida justo e misericordioso, tornou-se opressor. Endurecendo o seu coração, ele usou os talentos que Deus lhe

dera para a glorificação de si mesmo, exaltando-se acima do Deus que lhe dera vida e poder.

"Por meses, o juízo de Deus foi retardado. Mas em vez de ser levado ao arrependimento por esta tolerância, o rei acariciou o seu orgulho até que perdeu a confiança na interpretação do sonho, e riu de seus antigos temores." – PR., p. 519.

"Nabucodonosor, em nossas mentes, sempre se associa com o esplendor de sua grande cidade, Babilônia. 'Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?' e realmente ele merece tal associação; e se alguma vez um homem teve motivo de se orgulhar ao contemplar as obras de suas mãos, este homem foi Nabucodonosor ao olhar a majestosa Babilônia. Grande, ela sempre havia sido; fora reverenciada como cidade, mãe, e como fonte de estudos e leis, até pelos seus conquistadores nos dias de humilhação. Contudo, Nabucodonosor e seu pai a haviam encontrado tal qual os assírios a deixaram – fraca, humilhada e abatida,

"Numa geração, ele a elevou muito acima do esplendor antigo – a uma magnificência realmente impossível de se descrever; nem mesmo, maravilhosa como foi por seus encantos, conseguiu jamais apagá-la da imaginação e mente da raça humana como a grande cidade do mundo, o emblema de tudo o que é magnificante, luxuoso e central. Os historiadores antigos não encontram palavras para descrever a grandeza de seus palácios, dos templos, dos jardins suspensos da grande cidade do Eufrates." – James Baile, "The Cradle of Civilization", The National Geographic Magazine, Fevereiro de 1916, p. 158.

B. A Sentença divina

1. "Caiu uma voz do céu" - v. 31.
2. "Passou de ti o reino" - v. 31.
3. "Serás tirado dentre os homens, e a tua morada será com os animais do campo" v. 32.
4. "Far-te-ão comer erva como os bois" - v. 32.
5. "Passar-se-ão sete tempos sobre ti" - v. 32.
6. "Até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens, e os dá a quem quer" - v. 32.

C. O Cumprimento da sentença divina

1. Nabucodonosor perda a razão por determinado tempo - v. 35.

"Num momento a razão que Deus lhe havia dado foi tirada; o discernimento que o rei julgada perfeito, a sabedoria de que ele se orgulhava, foram removidos, e o até então poderoso governante tornou-se de momento um maníaco. Sua mão não pôde mais sustentar o cetro. ... Durante sete anos Nabucodonosor foi um espanto para todos os seus súditos; por sete anos foi humilhado perante todo o mundo." – PR., p. 529.

2. A época provável do juízo divino

"A nobre concepção que Nabucodonosor tinha dos propósitos de Deus no tocante às nações fora perdido de vista posteriormente em sua experiência. ... Idólatra por nascimento e educação, e cabeça de um povo idólatra, tinha ele contudo um inato senso da justiça e do direito, e Deus podia usá-lo como instrumento na punição dos rebeldes e para o cumprimento do propósito divino. Como um dos 'mais formidáveis dentre as nações' (Ezeq. 28:7), foi dado a Nabucodonosor, após anos de paciência e infatigável labor, conquistar Tiro; o Egito também caiu presa de seus exércitos vitoriosos; e ao acrescentar ele nação após nação ao domínio babilônico, mais e mais cresceu a sua fama como o maior governante do século.

"Não é de surpreender que o bem-sucedido monarca, tão ambicioso e de espírito tão exaltado, fosse tentado a desviar-se do caminho da humildade, o único que leva à verdadeira grandeza." – PR., pp. 514, 515.

A conquista de Tiro por Nabucodonosor teve lugar no ano de 573 A.C. Existem documentos comerciais a partir do final do seu trigésimo quinto ano (570 A.C.) que provam estar Tiro sob controle babilônico. Dois tabletas fragmentados do trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor, 508 A.C., falam de uma campanha contra o Egito. Sua morte deu-se em princípios de outubro de 562 A.C..

VII. A RESTAURAÇÃO DE NABUCODONOSOR E O RECONHECIMENTO DE DEUS

A. " ao fim daqueles dias" - V. 34.

B. "eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento." V. 34.

C. Nabucodonosor louva E exalta o Deus do céu. - vv. 35-37.

"O outrora orgulhoso rei tinha-se tornado um humilde filho de Deus; o governante tirânico e opressor tornara-se um rei sábio e compassivo. Aquele que tinha desafiado o Deus do Céu e dEle blasfemado, reconhecia agora o poder do Altíssimo, e fervorosamente procurou promover o temor de Jeová e a felicidade dos seus súditos. Sob a repreensão dAquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores, Nabucodonosor tinha afinal aprendido a lição que todos os reis precisam aprender - de que a verdadeira grandeza consiste na verdadeira bondade. ...

"O propósito de Deus de que o maior reino do mundo mostrasse o Seu louvor, estava agora cumprido. Esta proclamação pública, em que Nabucodonosor reconhecia a misericórdia, bondade e autoridade de Deus, foi o último ato de sua vida registrado na história sacra." – *P. e Reis*, p. 521.

VIII. A NATUREZA RELIGIOSA DE NABUCODONOSOR EM REALCE NOS MONUMENTOS

As inscrições de Nabucodonosor indicam que ele era um homem de profundos sentimentos religiosos. Notai o seguinte:

"Ó príncipe eterno! Senhor de toda a criação!

Assim como amaste ao rei

Cujo nome tens exaltado,

Como for do teu agrado,

Faze-o endireitar a vida,

Guia-o por veredas retas.

Eu sou o príncipe, que te obedece,

A criatura da Tua mão; Tu me fizeste.

O domínio dos povos me confiaste.

Na medida da Tua graça, ó Senhor,

A qual concedes,

Aos povos todos,

Faze-me amar-Te o domínio supremo,

E cria em meu coração
O louvor da Tua divindade,
E dá-me o que for da Tua vontade,
Porque engrandeceste a minha vida."

Goodspeed, A History of the Babylonians and Assyrians, p. 348.

IX. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 199-234.
Boutflower, Charles, *In and Around the Book of Daniel*, pp. 65-113.
Boyle, W. R. A., *The Inspiration of the Book of Daniel*, pp. 80-84.
Clay, Albert T., *Light on the Old Testament from Babel*, pp. 361-370.
Goodspeed, George Stephen, *A History of the Babylonians and Assyrians*, pp. 347-349, 360-364.
Hammerton, J. A., *Wonders of the Past*, vol. 2, pp. 293-297, 311-316.
Haskell, Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp. 57-68.
Herodotus, *Persian Wars*, Livro I, cap. 178-186.
Koldewey, Robert, *The Excavations at Babylon*.
McCurdy, James Frederick, *History, Prophecy and the Monuments*, Vol. III, pp. 152-159.
Montgomery, James A., *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, pp. 220-245.
Pusey, E. B., *Daniel the Prophet*, pp. 360-369.
Rawlinson, George, *Egypt and Babylon*, pp. 67-81.
Rogers, Robert William, *Cuneiform Parallels to the Old Testament*, pp. 360-371.
Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp. 116-138.
Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 79-87.
White, Ellen G., *Profetas e Reis*, pp. 514-521.
Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 283-295.
Young, E. J., *The Prophecy of Daniel*, pp. 97-114.

O BANQUETE DE BELSAZAR E A QUEDA DE BABILÔNIA

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 5

II. A IMPIEDADE DE BELSAZAR

A. "O rei Belsazar" - v. 1

1. Evidências contemporâneas referentes a Belsazar.

- a. Textos referentes a suas atividades comerciais.
- b. Textos referentes à sua devoção aos deuses babilônicos.
- c. Textos com indicação de ser ele co-regente com Nabonido.
 - (1) Associado com Nabonido numa oração.
 - (2) Associado com Nabonido num juramento.
 - (3) Associado com Nabonido em relatórios astrológicos.
 - (4) Associado com seu pai na saudação de uma carta.
 - (5) Associado com seu pai no recebimento do tributo real.
 - (6) Funcionários reais no serviço de Belsazar em disposição idêntica à do serviço de um rei.
 - (7) Funções reais executadas por Belsazar
- d. Textos que indicam que Belsazar governou como rei em Babilônia durante o período da estada de Nabonido em Tema.

(1) Um verso pérsico diz de Nabonido:

"Um campo ele entregou aos cuidados do filho mais velho,
Às tropas ordenou que o seguissem (não ao filho, mas a si) através
das terras.

Ele estendeu as mãos, o confiou-lhe o reinado,
Enquanto se punha a viajar para longe,
Para Toma; voltou-se para Amurru.

Partiu para uma longa viagem, em estrada não
vencida pelo tempo.

Eles mataram o rei em Tema, com espada. ...

Aquela cidade que adornara, que construía. ...
Fizeram-na semelhante ao palácio de Babilônia."
Smith, Babylonian Historical Texts, pp. 88, 89

(2) A Crônica de Nabonido

"No sétimo ano o rei (permaneceu) em Tema. O herdeiro da coroa, seus ministros, e suas tropas (estavam) em Acad. ... No nono ano, Nabonido, o rei (permaneceu) em Tema. O herdeiro da coroa, os ministros e as tropas (ficaram) em Acad. O rei em 'Nisan' não veio a Babilônia. Nebo não veio a Babilônia. Bell não saiu (de E. Sag. IIA). O festival de ano novo foi omitido. ... No décimo ano o rei (permaneceu) em Tema. O herdeiro da coroa, os ministros e suas tropas (ficaram) em Acad. ... No undécimo ano o rei (permaneceu) em Tema. O herdeiro da coroa, os ministros e suas tropas (ficaram) em Acad." – Ibidem, pp. 115, 116

2. O terceiro dominador no reino" - vv. 7, 16, 29.

3. Parentesco de Belsazar com Nabucodonosor – vv. 1, 11

B. O banquete de Belsazar

1. "a mil dos seus grandes" - v. 1.

2. Bebe vinho dos vasos da Casa de Deus - vv. 2, 3.

3. Louvam os deuses de ouro, prata, cobre, ferro, madeira e pedra - v. 4

III. A REPREENSÃO DIVINA E A MENSAGEM CONDENATÓRIA

A. A inscrição na parede - v. 5.

B. O rei amedrontado - v. 6.

C. A incapacidade dos sábios para interpretar a inscrição - vv. 7-9.

D. A rainha faz menção de Daniel - vv. 10-12.

E. Daniel é chamado - vv. 13-16.

F. Daniel reprova o rei por causa de seu orgulho e rebelião - vv. 17-24.

"O profeta primeiro lembrou a Belsazar assuntos que lhe eram familiares, mas que lhe não tinham ensinado a lição de humildade que poderia tê-lo salvo. Ele falou do pecado e queda de Nabucodonosor, e do trato do Senhor para com ele - o domínio e glória que lhe foram concedidos, o juízo divino por seu orgulho e subseqüente reconhecimento do poder e

misericórdia do Deus de Israel; e então com palavras ousadas e enfáticas ele repreendeu a Belsazar por sua grande impiedade. Ele trouxe o pecado do rei ante este, mostrando-lhe as lições que ele podia ter aprendido mas não aprendeu. Belsazar não tinha compreendido corretamente a experiência de seu avô, nem acatara as advertências de fatos tão significativos para si. A oportunidade de conhecer e obedecer ao verdadeiro Deus tinha-lhe sido dada, mas não tinha sido levada ao coração, e ele estava prestes a colher as conseqüências da sua rebelião." – PR., p. 529

G. Daniel interpreta a divina mensagem de condenação - vv. 25-28

Mene - dividir, contar

Tequel - pesar

Peres - partir, dividir; forma nominal = Pérsia, persas

H. O rei honra a Daniel - v. 29

IV. A QUEDA DE BABILÔNIA

A. A profecia de Isaías

1. A Média chamada a sitiá - Isa. 21:2.
2. A abertura das portas diante do Ciro - Isa. 45:1.
3. A ida do Senhor diante de Ciro - Isa. 45:3.
4. A doação dos tesouros da escondidos a Ciro - Isa. 45:3.
5. Uma noite de prazer se torna em temor - Isa. 21:4.

B. A profecia de Jeremias 50, 51.

1. O juízo dos ídolos de Babilônia - Jer. 50:2; 51:47.
2. Um povo a vir do norte - Jer. 50:3, 9, 41.
3. A vinda dos Medos contra Babilônia Jer. 51:11, 28.
4. Emboscada a ser preparada contra Babilônia - Jer. 51:12.
5. A tomada sem guerra, da Babilônia - Jer. 50:24.
6. Os seus valentes incapacitados para lutar - Jer. 51:29.
7. Mensageiros para anunciar ao rei que Babilônia está tomada - Jer. 51:31.

8. As passagens cheias de obstáculos - Jer. 51:52.
9. Banquete e embriaguez - Jer. 51:39, 5.
10. A queda de Babilônia, um decreto divino - Jer. 50:18, 25, 29, 31, 45, 51:1, 8, 24, 25.

C. A Descrição de Daniel

1. Um grande banquete em andamento - Dan. 5:1-4.
2. Honras aos deuses - vv. 4, 23.
3. Belsazar permanece na cidade - vv. 1, 2, 6-9.
4. Morte de Belsazar - v. 30.
5. Queda do reino nas mãos dos medos e persas - v. 28.
6. Dario o medo se apossa do reino - vv. 30, 31.

D. Espírito de Profecia

"Babilônia foi sitiada por Ciro, sobrinho de Dario, o medo, e comandante geral dos exércitos combinados da Média e da Pérsia. Mas dentro das fortalezas aparentemente inexpugnáveis, com suas muralhas maciças e seus portões de bronze, protegida pelo rio Eufrates, e com abundante provisão em estoque, o voluptuoso rei sentiu-se seguro, e passava seu tempo em folguedos e festança." – PR., p. 523.

"Enquanto ainda no salão de festas, rodeado por aqueles cuja sorte tinha sido selada, o rei foi informado por um mensageiro que "a sua cidade foi tomada" pelo inimigo contra cujos planos ele se imaginara seguro; que "os vãos estão ocupados... e os homens de guerra ficaram assombrados". Jer. 51:31 e 32. No exato momento em que o rei e seus nobres estavam bebendo pelos vasos sagrados de Jeová, e louvando a seus deuses de prata e ouro, os medos e persas, havendo desviado do seu leito o Eufrates, estavam marchando para o coração da cidade desguarnecida. O exército de Ciro estava agora sob os muros do palácio; a cidade estava cheia de soldados inimigos "como de pulgão" (Jer. 51:14), e seus gritos triunfantes podiam ser ouvidos sobre o desesperado clamor dos foliões atônitos." – PR., p. 531.

E. Heródoto

"Os babilônios acampados fora dos muros, aguardavam sua chegada. Uma batalha foi ferida a pouca distância da cidade, na qual os babilônios foram vencidos pelo rei persa, e diante disso, retiraram-se para as suas defesas. Ali se isolaram, dando pouca importância ao cerco, visto terem em depósito provisões contra este ataque; pois quando viram Ciro conquistando nação após nação, convenceram-se que ele não pararia, e que sua vez chegaria por fim.

"Ciro estava agora possuído de grande perplexidade ao ver passar o tempo sem fazer progresso algum contra o lugar. Nesta dificuldade alguém deve ter-lhe sugerido, ou ele mesmo concebeu um plano, o qual se propôs a executar. Pôs uma parte de seu exército no lugar onde o rio entra na cidade, e outra tropa no lugar onde sai, do outro lado, com ordens para penetrar na cidade pelo leito do rio, tão logo as águas baixassem o suficiente; depois, ele mesmo com a parte do exército desarmada, partiu para o lugar onde Nitocris cavara um reservatório de água, onde fez exatamente o que ela havia feito anteriormente: por um canal, ele desviou o Eufrates para o reservatório, que, era agora um pântano no qual as águas do rio se derramaram até que o leito do rio se tornou passável. Conseqüentemente, os persas que tinham ficado nas margens do rio junto de Babilônia em expectativa, entraram no rio cujas águas tinham baixado até ao nível da metade da coxa de um homem, e assim penetraram na cidade.

"Tivessem os babilônios sido avisados do intento de Ciro, ou notado o seu perigo, eles não teriam permitido a entrada dos persas na cidade, o que os arruinou totalmente, mas teriam cerrado todos os portões das ruas que davam para o rio e, de cima dos grandes muros – ao longo das margens do rio, eles os teriam pego como se estivessem numa armadilha. Entretanto, como sucedeu, os persas vieram sobre eles de surpresa e tomaram a cidade. Devido ao tamanho enorme do lugar, os moradores dos lugares centrais, (como os habitantes de Babilônia declaram) muito depois da tomada das outras partes da cidade, não sabiam nada do que acontecera e, como estavam envolvidos num festival, continuaram dançando e se divertindo até que souberam da captura, mas tarde demais. Tais foram então as circunstâncias da primeira tomada de Babilônia." - Heródoto, Persian Wars, Livro I, capítulos 190, 191

F. Xenofonte

"Os que estavam dentro dos muros riram do bloqueio, pois estavam providos do necessário para mais de vinte anos. ... Ciro soube que eles estavam celebrando uma grande festa em Babilônia, na qual todos os babilônios bebiam e se divertiam a noite inteira; nesta ocasião, logo que começou a escurecer, tomou um bom número de homens consigo, e abriu os valos para o rio. Após isto, as águas de noite foram para a escavação e a abertura do rio para a cidade tornou-se passável. ... Daqueles com os quais se encontraram, alguns caíram e morreram, alguns fugiram e outros começaram a clamar. Os que estavam com Gobrias se juntaram com eles no clamor, como se fossem foliões, e marchando pelo caminho mais curto que podiam, conseguiram cercar o palácio. Lá então, os que atendiam as ordens militares de Gadatas e Gobrias acharam as portas do palácio fechadas. Os que estavam na frente atacaram os guardas que estavam bebendo, rodeados de muitas luzes, tratando-os imediatamente de um modo implacável, assim que o ruído e o clamor começou, os que estavam dentro perceberam o distúrbio, e o rei, mandando examinar o que havia, deixando abertas as portas.

"Os que estavam com Gadatas, logo que viram os portões abandonados, invadiram, forçando a passagem pelos corredores, e desferindo-lhes os seus golpes. Eles chegaram ao rei e o encontraram de pé, com a espada desembainhada. Os que estavam com Gadatas e Gobrias, sendo numerosos, apoderaram-se dele e igualmente mataram todos os que se achavam com ele. ... Quando amanheceu, aqueles que guardavam os castelos, ao perceberem que a cidade estava tomada e o rei morto, entregaram os castelos." Xenofonte, On The Institution of Cyrus, livro VII, cap. V.

G. A Crônica de Nabonido

"(No décimo sétimo ano de Nabonido) ... Nabo (veio) de Borsippa para encontrar (Bel) O rei entrou E. Tur. KALAMA ... uma grande abundância de vinho entre a sol (dadesca) ... (Nabo veio a Babilônia). Bel saiu (de E.SAG.ILA). A festa de ano novo foi celebrada como deve. No mês de ... os deuses de Marada, Ilbaba e os deuses de Kish, Ninlil (e os deuses de) Kharsa-gkalamma entraram em Babilônia. Até o fim de Elul os deuses de Acad que (estão) em cima e em baixo da terra entraram em Babilônia. Os deuses de Borssippa, Kuthah e Sippar não entraram (Babilônia). Em

Teshri Giro, quando batalhou em Opis no Tigre contra as tropas de Acad, queimou o povo de Acad com fogo, ele matou o povo. No 14.º Sippar foi tomada sem batalha. Nabonido fugiu. No 16.º, Ugbaru o governador de Gutium e as tropas de Ciro entraram em Babilônia sem batalha alguma. Mais tarde, Nabonido, quando voltou a Babilônia, foi feito prisioneiro. Até o fim do mês os braços de Gutium cercaram os portões de Esagila. Nenhuma arma foi levantada na E.SAG.ILA ou nos templos, e nenhuma cerimônia programada foi passada por alto. Em Marcheswan no 30.º Ciro entrou em Babilônia~ Ramos de 'harinie' (?) foram estendidos diante dele. Houve paz na cidade. Ciro proclamou paz a cada habitante de Babilônia. Gubaru, seu governador, nomeou presidentes em Babilônia; e de Kislev até Adar eles devolveram às suas cidades, os deuses de Acad, os quais Nabonido trouxera para Babilônia." Smith, Babylonian Historical Texts, pp. 11, 118

Nota. As datas seguintes podem prestar valioso auxílio se as compararmos com as datas fornecidas pelo tablete acima:

Nisan 1- = 4 de Abril de 539 A.C.

Fim de Elul = 27 de Setembro de 539

Teshri 1 = 28 de Setembro de 539

Teshri 14 = 11 de Outubro de 539

Teshri 16 = 13 de Outubro de 539

Fim de Teshri = 26 de Outubro de 539

Marcheswan 3 = 29 de Outubro de 539

H. Rolo de Ciro

"Ele (Marduque) fê-lo (Giro) ir para a sua cidade – Babilônia; fê-lo tomar o caminho de Babilônia, indo, como um amigo e companheiro, ao seu lado. Suas numerosas tropas, em número desconhecido, semelhantes às águas de um rio, marcharam armadas ao seu lado. Sem batalha ou conflito ele lho permitiu entrar em Babilônia. Ele poupou a sua cidade de Babilônia de uma calamidade. Nabonido, o rei, que o não temia, ele lho entregou nas mãos. ... Eu sou Ciro, rei do mundo, o grande rei, o poderoso rei, rei de Babilônia. ... Ao fazer a minha entrada triunfal em Babilônia, com alegria e regozijo tomei o palácio real para ser a minha residência de mando. Marduque, o grande senhor, moveu os nobres corações dos habitantes de Babilônia para mim, porque eu cuidava diariamente do seu culto. Minhas

tropas numerosas marcharam pacificamente em Babilônia." – Rogers, Cuneiform Parallels to the Old Testament, pp. 581, 382.

I. Berossus, conforme citação de Josefo

" 'Quando ele (Nabonido) chegou ao décimo sétimo ano de seu reinado, Ciro saiu da Pérsia com um grande exército; e tendo já conquistado todo o resto da Ásia, veio rapidamente para Babilônia. Ao Nabonido perceber que ele vinha atacá-lo, foi encontrar-se com as suas forças e batalhando contra ele, foi batido, fugindo com alguns de suas tropas para Borsipa, dentro da qual se encerrou. Nisto, Ciro tomou Babilônia, e ordenou a demolição dos muros externos da cidade, pois a cidade se provava difícil para ele, o lhe custara muita inquietação ao tomá-la. Ela então marchou para Borsipa contra Nabonido; entretanto, como Nabonido não sustentou o cerco, mas se entregou nas suas mãos, foi desde logo tratado bondosamente por Ciro, que lhe deu Carmânia, como lugar para nele morar; contudo não lho permitiu ficar em Babilônia.' " Josefo, Against Apion, I, 21

J. Josefo

"Ele (o reino) veio a ser de Baltasar, chamado 'Naboandelus' pelos babilônios. Contra ele Ciro, rei da Pérsia, e Dario, o rei da Média, combatiam; e, quando estava cercado em Babilônia, houve uma visão prodigiosa e admirável. ... Momentos depois, tanto ele como a cidade foram tomados por Ciro, o rei da Pérsia, que lhe fazia guerra. Este foi o Baltasar em cujo governo Babilônia foi tomada, depois de ter reinado dezessete anos. E este é o fim da descendência de Nabucodonosor, contorne a história no-lo informa. Quando Dario tomou Babilônia, e ao lado de Ciro, seu parente, pôs fim ao domínio dos babilônios, estava ele com 62 anos de idade." – Josefo, Antiquities, X.xi.2,4

V. BIBLIOGRAFIA

Banton, George, A., *Archaeology and the Bible*, pp. 480-484.

Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 235-256.

Boutflower, Charles, *In and Around the Book of Daniel*, pp. 114-167.

Boyle, W. R. A., *The Inspiration of the Book of Daniel*, pp. 30-46.

- Clay, Albert T., *Light on the Old Testament from Babel*, pp. 371-384.
- Dougherty, Raymond Philip, *Nabonidus and Belshazzar*.
- Finegan, Jack, *Light from the Ancient Past*, pp. 189-194.
- Goodspeed, George Stephen, *A History of the Babylonians and Assyrians*, pp. 367-376.
- Haskell, Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp. 69-87.
- Herodotus, *Persian Wars*, Book I, caps. 180-191.
- King, L. W., *History of Babylon*, pp. 281-285.
- Montgomery, James A., *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, pp. 249-266.
- Price, Ira Maurice, *The Monuments and the Old Testament*, pp. 223-231.
- Pusey, E. B., *Daniel the Prophet*, pp. 344-347, 375-384.
- Rawlinson, George, *Egypt and Babylon*, pp. 11-124.
- Rogers, Robert William, *Cuneiform Parallels to the Old Testament*, pp. 371-384.
- Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp. 139-160.
- Smith, Sidney, *Babylon Historical Texts*, pp. 88, 89, 115-118.
- Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 89-95.
- White, Ellen G., *Profetas e Reis*, pp. 522-538.
- Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 96-127.
- Xenophon, *On the Institution of Cyrus*, Livro VII, cap. V.
- Young, E. J., *The Prophecy of Daniel*, pp. 115-130.

PROVAÇÃO E TRIUNFO NO REINADO DE DARIO

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 6

II. DARIO, O MEDO

A. Informação bíblica

1. Filho de Assuero - Dan. 9:1.
2. Ocupou o reino na ocasião da queda de Babilônia - Dan. 5:31.
3. Idade, 62 anos - Dan. 5:31.
4. Constituiu 120 príncipes sobre o reino - Dan. 6:1.
5. Primeiro ano do seu reinado - Dan. 9:2; 11:1.

B. Espírito de Profecia

1. Ciro sobrinho de Dario, o Medo - PR, p. 523.
2. Ciro general de Dario - PR, 556.
3. Dario o monarca da Média- PR, p. 556.
4. Morreu no segundo ano após a queda de Babilônia - PR, p. 556.

C. Josefo.

"Contra ele (Nabonido) Ciro, o rei da Pérsia e Dario, o rei da Média, guerrearam. ...Quando Babilônia foi tomada por Dario e quando ele, com Ciro, seu parente, pôs fim ao domínio Babilônico, estava com 62 anos de idade. Ele era filho de Astíages e tinha outro nome entre os gregos." Josefo, Antiquities, X.xi.2,4

D. Heródoto

Heródoto conta uma interessante história do efeito de um sonho de Astíages, rei da Média, no qual um rio de água jorrando de sua filha Mandane encheu toda a Ásia. Ele não permitiu que sua filha se casasse com um nobre da Média, para evitar que o sonho se cumprisse, mas deu-a finalmente ao persa Cambises, e desta união nasceu uma criança, Ciro, o qual finalmente obteve o poder sobre todo o oriente.

E. Xenofonte

Conforme o relatório de Xenofonte, quando Ciro atingiu os 12 anos de idade, foi convidado por seu avo Astíages para visitá-lo em companhia de sua mãe Mandane, filha de Astíages. Quando Mandane voltou para o seu lar, Ciro ficou com Astíages, que o criou. Ali ele demonstrou tais proezas e tão notáveis traços do liderança que logo se tornou evidente que Ciro haveria de se tornar finalmente um grande governador. Quando Astíages morreu, seu filho Ciáxares tornou-se rei da Média, entretanto, Ciro, sobrinho de Astíages era a figura dominante. Depois, Ciro, conquistador de Babilônia, casou-se com a filha de Ciáxares e com ela recebeu o reino da Média como dote. O relatório de Xenofonte fala de um certo assírio por nome Gobrias que estava com Ciro na captura de Babilônia.

F. Crônica de Nabonido

"Ugbaru o governador de Gutium e as tropas de Ciro entraram em Babilônia sem batalha. Em Marcheswan, no 3º., Ciro entrou em Babilônia. Ugbaru, seu governador, apontou presidentes em Babilônia; e de Kisley ate Adar eles devolveram as suas cidades os deuses de Acad, que Nabonido tinha trazido para Babilônia. Em Marcheswan, na noite do 11º Ugbaru morreu." Smith, Babylonian Historical Texts, p. 118.

G. Rolo de Giro

H. Tabletes abreviados

III. DANIEL É PROVADO

A. Daniel apontado como príncipe dos presidentes de Babilônia - Dan. 6:1-3.

B. Os príncipes e os presidentes procuram em vão uma ocasião de queixa contra Daniel "Mas não podiam achar ocasião ou culpa

alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa" v. 4.

C. O ardil contra Daniel - vv. 5-8.

"Na conspiração assim formada tinha Satanás desempenhado importante parte. O profeta havia sido exaltado em mando no reino, e os anjos maus temiam que sua influência pudesse enfraquecer-lhes o controle sobre seus governantes. Foram essas forças satânicas que impeliram os príncipes a sentir inveja e ciúmes; foram eles que inspiraram o plano da destruição de Daniel; e os príncipes, rendendo-se aos instrumentos do mal, levaram-nos à execução." – PR., p. 540

D. Dario inocentemente cai no trama: v. 9

IV. DANIEL PERMANECE FIEL A SUAS CONVICÇÕES: v. 10

"Os inimigos do profeta contavam com o firme apego de Daniel ao princípio para o sucesso de seu plano. E eles não estavam errados na estimativa do seu caráter. Ele percebeu logo o maligno propósito que tiveram na elaboração do decreto, mas não mudou a sua conduta num mínimo que fosse. Por que deveria ele deixar de orar agora, quando mais necessário era orar? Antes renunciaria à própria vida a renunciar a sua esperança de auxílio em Deus. ... Ante os que estavam tramando a sua ruína, ele não permitira sequer a aparência de que sua ligação com o Céu estava interrompida. Em todos os casos onde o rei tivesse o direito de ordenar, Daniel obedeceria; mas nem o rei nem o seu decreto poderiam fazê-lo desviar-se de sua obediência ao Rei dos reis.

"Assim ousada, embora quieta e humildemente, o profeta declarou que nenhum poder terreno tem o direito de interpor-se entre a alma e Deus. Cercado por idólatras, ele era uma fiel testemunha desta verdade. Seu inquebrantável apego ao direito era uma brilhante luz nas trevas morais dessa corte pagã. Daniel está perante o mundo hoje como um digno exemplo do destemor e fidelidade cristãos." – PR., pp 540-542.

V. DANIEL LANÇADO NA COVA DOS LEÕES

- A. Os conspiradores encontram Daniel orando - v. 11
- B. Daniel acusado diante do rei - vv. 12, 13.
- C. O rei procura um meio de libertar Daniel - v. 11.
- D. Os conspiradores insistem na inviolabilidade do decreto real - v. 15.
- E. O rei ordena o lançamento de Daniel na cova dos leões - vv. 16, 17.
- F. O propósito divino em permitir a crise.

"Deus não impediu os inimigos de Daniel de lançarem-no na cova dos leões; Ele permitiu que anjos maus e homens ímpios chegassem a realizar o seu propósito; mas isto foi para que pudesse tornar o livramento do Seu servo mais marcante e mais completa a derrota dos inimigos da verdade e da justiça. "A cólera do homem redundará em Teu louvor" (Sal. 76:10), o salmista testemunhou. Graças à coragem deste único homem que escolheu seguir o direito antes que a astúcia, Satanás devia ser derrotado e o nome de Deus exaltado e honrado." – PR., 543-544.

- G. Dario passa a noite em jejum - v. 18.

VI. DEUS POUPA A VIDA DE DANIEL

- A. O rei chama por Daniel vv, 19, 20
- B. Daniel responde ao rei - vv. 21, 22 .
- C. Daniel tirado sem dano algum - v. 23

"Da história do livramento de Daniel podemos aprender que em tempos de provação e tristeza, os filhos de Deus devem ser precisamente o que eram quando suas perspectivas brilhavam de esperança e estavam cercados de tudo o que poderiam desejar. Daniel na cova dos leões foi o mesmo Daniel que esteve perante o rei como o principal entre os ministros de Estado e como profeta do Altíssimo. Um homem cujo coração se firme em Deus será na hora de sua maior prova o mesmo que era em sua prosperidade, quando a luz e o favor de Deus e do homem incidiam sobre ele. A fé alcança o invisível, e se apegua a realidades eternas.

"O Céu está mais próximo daqueles que sofrem por amor da justiça. Cristo identifica os Seus interesses com os interesses do Seu fiel povo; Ele sofre na pessoa dos Seus santos; e seja o que for que toque em Seus escolhidos, toca nEle. O poder que está perto para libertar do dano físico e da angústia está perto também para salvar do mal maior, tornando possível ao servo de Deus manter sua integridade sob todas as circunstâncias, e triunfar através da graça divina. – PR., p. 545.

VII. UM TRIUNFO PELA CAUSA DA VERDADE

A. Os acusadores de Daniel lançados na cova dos leões - v. 24.

B. O rei exalta o Deus de Daniel através de um decreto - vv. 25-27.

C. Daniel prospera no reino de Dario e de Ciro - v. 28

"A experiência de Daniel como estadista no reino de Babilônia e da Medo-Pérsia revela a verdade de que um homem de negócios não tem que ser necessariamente um homem ardiloso e astuto, mas pode ser um homem instruído por Deus em cada passo. Daniel, primeiro-ministro dos maiores reinos da Terra, foi ao mesmo tempo profeta de Deus, recebendo luz de celestial inspiração. Um homem sujeito às mesmas paixões que nós, é descrito pela pena da Inspiração como isento de falta. Suas transações de negócios, quando submetidas à mais apurada fiscalização dos seus inimigos, foram consideradas sem falha. Ele foi um exemplo do que cada homem de negócios pode tornar-se quando o seu coração é convertido e consagrado, e quando os seus motivos são retos à vista de Deus.

"Estrita conformação com os reclamos do Céu traz bênçãos tanto temporais como espirituais. Inamovível em sua fidelidade a Deus, indomável no domínio de si mesmo, Daniel, por sua nobre dignidade e indeclinável integridade, conquanto fosse jovem, alcançou "graça e misericórdia" (Dan. 1:9) diante do oficial pagão a cujo cargo tinha sido posto. As mesmas características marcaram sua vida posterior. Ele ascendeu rapidamente à posição de primeiro-ministro do reino de Babilônia. Através do reinado de sucessivos monarcas, da queda da nação e o estabelecimento de outro império mundial, foram de tal natureza sua sabedoria e capacidade de estadista, tão perfeitos seu tato, cortesia, genuína bondade de coração e sua fidelidade ao princípio, que mesmo seus inimigos foram forçados a confessar que não podiam achar "ocasião ou culpa alguma; porque ele era fiel". Dan. 6:4.

"Honrado pelos homens com as responsabilidades de Estado e os segredos de reinos que tinham alcance universal, Daniel foi honrado por Deus como Seu embaixador." – PR., pp. 546, 547.

VIII. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 257-285
Boutflower, Charles, *In and Around the Book of Daniel*, pp. 142-167
Haskell, Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp. 88-100
Pusey, E. B., *Daniel the Prophet*, pp. 339, 3340, 553, 354
Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp, 161-182
Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 97-105
White, Ellen G., *Profetas e Reis*, pp. 539-548
Wilson, Robert Dick, *Studies in the Book of Daniel*, pp. 160-263, 296-318
Young, E. J., *The Prophet of Daniel*, pp. 131-140.

OS QUATRO ANIMAIS, O JUÍZO E O REINO ETERNO

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 7

II. A ÉPOCA DA VISÃO - O PRIMEIRO ANO DE BELSAZAR - v.1

III. A VISÃO

A. Os quatro animais

1. Os quatro ventos combatendo no mar grande - v. 2

2. Quatro animais que subiam do mar - v. 3

a. O primeiro animal - um leão com asas de águia v. 4

b. O segundo animal - um urso com três costelas na boca - v. 5.

c. O terceiro animal - um leopardo com quatro asas e quatro cabeças - v. 6

d. O quarto animal - terrível e espantoso - v. 7

(1) As dez pontas - v. 7.

(2) A ponta pequena - v. 8

B. A cena do juízo - vv. 9, 10.

C. O destino dos animais - vv. 11, 12

D. O domínio, honra, e o reino dados ao Filho do Homem - vv. 13, 14.

IV. A PREOCUPAÇÃO DE DANIEL A RESPEITO DO SONHO -
vv. 15, 28.

V. A INTERPRETAÇÃO DA VISÃO

A. A interpretação é dada a Daniel por um postado ao lado - v. 16

B. A significação da visão e os seus símbolos

1. Os ventos do céu - Jer. 4:11-13; 25:32, 33; 49:36, 37; Zac. 7:14
2. O mar grande - Isa. 17:12, 13; Apoc. 17:15
3. Os animais - Oséias 13:7, 8; Joel 1:6, 7; Jer. 50:44; Ezeq. 29:3-12; Isa. 27:1; Sal. 80:13
 - a. O leão – Babilônia - Dan. 7:14; 2:32, 38; Jer. 4:7; 50:17
 - (1) Asas - Jer. 4:13; 48:40; 49:22; Ezeq. 17:3, 7, 12; Hab.1:6-8
 - (2) As asas arrancadas; um coração de homem lhe é dado - Dan. 7:4
 - b. O urso - Medo-Pérsia - Dan. 7:5; 2:39; 8:3, 4, 20
 - (1) Levanta-se de um lado - Dan. 7:5; 8:3
 - (2) Três costelas entre os dentes - Dan. 7:5
 - (a) Dentes - Deut. 32:24; Sal. 124:6

As três costelas entre os dentes do urso simbolizam, sem dúvida, os três poderes que, de maneira assinalada, caíram vítimas das depredações do poder simbolizado pelo urso. Os três poderes que isto sofreram foram provavelmente a Lídia, a Babilônia e o Egito. Creso da Lídia caiu ante Ciro no inverno de 547 A.C., Babilônia caiu em 539 A.C. e o Egito diante de Cambises em 525 A.C.
 - c. O leopardo – Grécia - Dan. 7:6; 2:39; 8:5-8, 21, 22
 - (1) Quatro asas - Dan. 7:6; Jer. 49:22; Sal. 18:10
 - (2) Quatro cabeças - Dan. 7:6; 8:8, 22; Isa. 7:8, 9

"Esta (batalha de Ipsos, 301 A.C.) foi a última tentativa de restaurar o desmembrado império de Alexandre. Lisímaco ficou com a Ásia Menor ao norte do Tauro; Seleuco com a Mesopotâmia e a Síria; Cassandro, com a Macedônia; e Ptolomeu com o Egito e o sul da Síria." – Trever, History of Ancient Civilization, vol. 1, pág. 473.

"Esta (batalha de Ipsos, 301 A.C.) foi uma das mais importantes batalhas dos tempos antigos, pois determinou a história do império até que caiu diante do poder de Roma. Os vitoriosos, não mais generais, mas reis,

dividiram o império entre si: Seleuco recebeu a Ásia, da Frígia até a Índia; o oeste da Ásia Menor e a Trácia ficaram com Lisímaco. Ptolomeu, que após a morte de Alexandre foi sátrapa do Egito, reteve este país como reino seu; e Cassandro, já governador da Macedônia, foi reconhecido como o seu soberano. Desta maneira o império de Alexandre foi partido em quatro reinos." – Botsford, A History of Greece, pp. 518, 319

"Esta unidade do império cessou abruptamente com a sua (Alexandre) morte. ... Antes do fim de 321 a luta começou. ... Durante os primeiros vinte anos deste período a personalidade dominante era Antígono, que gradualmente se colocou numa posição de excepcional resistência. Conseguindo dirigir, após alguns anos, a Ásia Menor, a Síria, a Mesopotâmia, o sendo chefe do tesouro real, estava em vias de unificar sob o seu comando exclusivo a maior parte do império de Alexandre. Entretanto, os seus êxitos produziram uma união dos rivais que pretendiam o poder, e que de outra maneira teriam lutado individualmente para os interesses próprios. Os chefes deles eram Cassandro, o filho de Antípotes que governava agora Macedônia; Lisímaco, governador da Trácia e do Propontido; Ptolomeu Lagus vice rei do Egito; e Seleuco, que em 321 obtivera a satrapia de Babilônia.

"Apoiado por seu filho Demétrio, Antígono continuou lutando contra os seus rivais sem resultado definitivo até o ano de 301. Seu exército, comandado por Demétrio, quando lutava contra Ptolomeu em 312, sofreu uma severa derrota em Gaza. Seis anos mais tarde Demétrio teve sua desforra, pois bateu uma esquadra egípcia nas imediações de Salamis na ilha de Chipre, e continuou a conquista com a ocupação de toda a ilha, no mesmo ano e, para comemorar esta vitória, Antígono tomou o título real. Seu(rivais o imitaram. Finalmente em 301, os exércitos de Seleuco e Lisímaco ganharam uma vitória decisiva sobre as tropas de Antígono em Ipsos na Frígia. O monarca derrotado, preferindo morrer a tolerar a diminuição de sua fortuna, suicidou-se no campo de batalha. As cinco monarquias em que o império de Alexandre fora dividido estavam agora reduzidas a quatro." - Laistner, A Survey of Ancient History, pp. 340-341

d. O animal forte e espantoso Dan. 7:7, 19-21, 25-35; 2:333, 40-43; 8:9, 23-25

(1) "Um quarto animal" - Dan. 7:7, 19, 23

"o quarto animal será o quarto reino da terra" - v. 23

(2) "Terrível e espantoso, e muito forte" - vv. 7, 19

(3) "Diferente de todos os animais que apareceram antes dele" - vv. 7, 19, 23

(4) "Dentes grandes de ferro" - vv. 1, 19

(5) "Ele devorava e fazia em pedaços, e pisava a pés o que sobejava" - vv. 7, 19, 23

(6) "Unhas de metal" - v. 19

(7) Dez pontas - vv. 7, 20, 24

"E, quanto às dez pontas, daquele mesmo reino se levantarão dez reis" v. 24

"E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, isso será um reino dividido." Dan. 2:41

(a) Especificações das dez pontas

1) Seriam separadas, reinos independentes

2) Seriam estabelecidas dentro dos limites do império romano

3) Estabelecer-se-iam no tempo da queda do império romano

4) Haveriam de possuir um certo grau de permanência. .

(b) Listas de dez reinos

Vários escritores escrevendo sobre profecias prepararam varias listas de reinos em que Roma se dividiu. Estas listas concordam, na maioria dos casos, mas há pequenas diferenças. Uma razão para as variações nestas listas é o fato de que elas cobrem diferentes períodos da historia. Durante os séculos em que Roma se aproximava do fim, os negócios do estado eram muito variáveis. Reinos surgiam e reinos desapareciam. Guias poderosos tais como Átila dos Hunos penetraram no império agonizante, mas falharam em fundar impérios permanentes. Tribos de um lugar hoje estavam em outro lugar amanhã. Muitas vezes vários grupos pequenos de invasores bárbaros uniam-se em grupos maiores, a fim de se tornarem reinos efetivos. Outros grupos pequenos

conservavam-se independentes dos seus semelhantes, mas era-lhes duro conservar a estabilidade e a força para garantia do título de reinos. A história deste período é tão confusa e há tantas variações e deslocamentos que não é tarefa fácil organizar uma lista específica dos 10 reinos em que Roma se dividiu e que se enquadrem em suas finalidades.

Deve ser notado que quando a Bíblia dá uma lista de indivíduos formando um grupo de um determinado número, a ênfase recai freqüentemente sobre o número e não sobre os indivíduos específicos que compõem o grupo. Por exemplo, havia doze tribos de Israel correspondendo aos doze filhos de Jacó, entretanto, por fim, podem-se encontrar quatro listas diferentes. Primeiro estão os doze filhos de Jacó, e depois há listas que omitem alguns destes filhos tais como Levi (Núm. 1:5-15, 21-43; 2:3-29; 10:14-27; 13:4-15; 26:7-50; 34:14-28; Jos. 13:7-21, 34); Simeão (Deut. 33:6-24); ou Dã (Apoc. 7:5-8).

Estas listas aparecem como segue:

| | | | |
|----------|----------|----------|----------|
| Rúben | Rúben | Rúben | Rúben |
| Simeão | Simeão | | Simeão |
| Levi | | Levi | Levi |
| Judá | Judá | Judá | Judá |
| Issacar | Issacar | Issacar | Issacar |
| Zebulom | Zebulom | Zebulom | Zebulom |
| José | | | José |
| Benjamim | Benjamim | Benjamim | Benjamim |
| Dã | Dã | Dã | |
| Naftali | Naftali | Naftali | Naftali |
| Gade | Gade | Gade | Gade |
| Aser | Aser | Aser | Aser |
| | Efraim | Efraim | |
| | Manassés | Manassés | Manassés |

Quando um nome é omitido outro deve ser adicionado para tomar o lugar, pois o total doze precisa ser mantido. Desta maneira, nas listas comuns, a tribo de Levi é omitida por ter sua parte no serviço do templo, e à tribo de José são dadas duas partes, chamadas Efraim e Manassés. Em Deut. 33:6-24, onde Simeão é omitido, Levi é acrescentado. Em Apoc. 7:5-8 onde Dã não aparece, Levi é outra vez adicionado e José e Manassés aparecem em lugar de Efraim e Dã.

No caso dos doze apóstolos, o nome de Matias foi incluído para completar os doze quando Judas foi separado devido ao pecado. Deste modo, no que se refere aos dez reinos em que Roma foi dividida, parece que o ponto vital não é alguma lista específica dos dez reinos particularizados, pois vários reinos podem imergir em outro, enquanto outros podem, às vezes, ser divididos. Entretanto, o "dez" permanece como sendo o número de reinos em que Roma foi dividida; o mesmo doze permanece como o número das tribos de Israel e dos apóstolos de Cristo. Mesmo assim várias listas de indivíduos diversos podem ser dadas por varias razões~

O que segue são as listas das dez divisões de Roma conforme nos são dadas por diversos expositores de importância:

| | | |
|-------------------------------|--------------------------|---------------------------------|
| <u>José Mede</u> 1586-1638 | <u>Maquiavel</u> 1595 | <u>Bispo LLOYD</u> 1627-1717 |
| Alamanos | Hunos | Hunos |
| Ostrogodos & Lombardos | Ostrogodos | Ostrogodos |
| Visigodos | Visigodos & Alanos | Visigodos |
| Francos | Francos | Francos |
| Vândalos | Vândalos | Vândalos |
| Suevos & Alanos | Suevos | Suevos & Alanos |
| Burgúndios | Burgúndios | Burgúndios |
| Britânicos | Hérulos | Hérulos & Rugeos |
| Saxões | Saxões | Saxões |
| Gregos | Lombardos | Lombardos |

| | | |
|--|--|--|
| <u>Isaac Newton</u> 1642-1727 Hunos Ravena Visigodos Francos Vândalos & Alanos Suevos Burgúndios Alanos Britânicos Lombardos | <u>Bispo Newton</u> 1704-1782 Hunos Gregos em Ravena Godos Francos Alamanos Senado de Roma Burgúndios Hérulos & Rugeos Saxões Lombardos | <u>E. B. Elliot</u> 1847 Alamanos Ostrogodos Visigodos Francos Vândalos Suevos Burgúndios Alanos Anglo-saxões Bávaros |
| <u>George Storrs</u> 1843 Hunos Ostrogodos Visigodos Francos Vândalos Suevos & Alanos Burgúndios Hérulos & Rugeos Saxões & Anglos Lombardos | <u>Uriah Smith</u> 1897 Hunos Ostrogodos Visigodos Francos Vândalos Suevos Burgúndios Hérulos Anglo-saxões Lombardos | <u>A. T. Jones</u> 1898 Alamanos Ostrogodos Visigodos Francos Vândalos Suevos Burgúndios Hérulos Anglo-saxões Lombardos |

Gibbon, discutindo o período compreendido entre 400 e 500 A.D., menciona não menos que oito destas tribos num só parágrafo:

"Os poderosos Visigodos adotaram universalmente a religião dos romanos, com quem mantinham um intercâmbio perpétuo, de guerra, de amizade, ou de conquista. ... Durante o mesmo período, o cristianismo foi abraçado por quase todos os bárbaros, que estabeleceram os seus reinos sobre as ruínas do império ocidental. Os Burgúndios na Gália, os Suevos na Espanha, os Vândalos na África, os Ostrogodos na Polônia, e os vários bandos de mercenários (Hérulos, etc.) que elevaram Odoacro ao trono da Itália. Os Francos e os Saxões ainda perseveravam nos erros do paganismo; entretanto, os Francos obtiveram a monarquia da Gália por sua submissão ao exemplo de Clóvis." - Gibbon, The Decline and Fall of The Roman Empire, (New York: Harper & Brothers, 1845), vol. III, p. 543.

O seguinte é provavelmente uma lista satisfatória das dez tribos que se estabeleceram no território de Roma ocidental entre os anos de 351 e 476 A.D. O território dado é aquele em que se fixaram por fim.

| | | |
|----------|------------|----------|
| 351 A.D. | Alamanos | Germânia |
| 351 A.D. | Francos | França |
| 406 A.D. | Burgúndios | Suíça |
| 406 A.D. | Suevos | Portugal |
| 406 A.D. | Vândalos | África |
| 408 A.D. | Visigodos | Espanha |
| 449 A.D. | Saxões | Bretanha |
| 453 A.D. | Ostrogodos | Itália |
| 453 A.D. | Lombardos | Itália |
| 476 A.D. | Hérulos | Itália |

(8) A ponta pequena - Roma papal - Dan. 7:8, 19-21, 24-26; II Tess. 2:3-7; Apoc. 13:1-10

Tradução de Moffatt:

"Ao eu olhar as pontas, surgiu outra ponta entre elas, uma ponta pequena, que desarraigou três das primeiras; esta ponta tinha olhos como olhos de homem e uma boca cheia de palavras altivas. ... Como as dez pontas, dez reis se levantarão deste reino, e depois delas outro rei se levantará, diferente deles, e abaterá três reis; ele se exaltará contra o Altíssimo e assolará os santos do Altíssimo; ele planejará alterar tempos sagrados e a lei, e por três anos e meio os santos serão entregues na sua mão. Então a corte da justiça se assentará, e o seu domínio será tirado, para ser destruído e consumido para sempre." Dan. 7:8, 24-26

Tradução Americana:

"Ao eu olhar as pontas, eis que apareceu entre elas uma outra, uma ponta pequena, diante da qual três das primeiras pontas foram arrancadas pelas raízes; e eis, que nesta ponta havia olhos como olhos de homem, e uma boca que falava grandes coisas. ... Então desejei conhecer a verdade a respeito do quarto animal, ... e da outra ponta que surgiu, e diante da qual três delas caíram, a ponta que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e que parecia maior que as semelhantes, a ponta que eu vira fazer

guerra aos santos, e prevalecer contra eles. ... Quanto às dez pontas, deste reino se levantarão dez reis, e após eles se levantará outro rei, que será diferente dos reis anteriores e que abaterá três deles. Ele falará palavras contra o Altíssimo, e aniquilará os santos do Altíssimo; planejará mudar os tempos sagrados e a lei, e eles serão entregues na sua mão por um ano, dois anos, e meio ano. Então o tribunal tomará o assento, o e seu domínio será tirado, para ser destruído e consumido para todo o sempre." Dan. 7:8, 19-21, 24-26.

- (a) A ponta pequena surgiu entre as outras pontas - v. 8
O papado estabeleceu-se em Roma, bem entre os poderes que se localizaram nas ruínas do império romano.
- (b) A ponta pequena surgiu depois das outras - v. 24.
Foi por um processo de crescimento vagaroso e gradual que os poderes que se estabeleceram sobre as ruínas de Roma vieram à existência. O papado veio também à existência através de um desenvolvimento gradual e bem vagaroso. Mesmo nos tempos do N.T. este poder já estava começando a aparecer, mas foi só depois de muitos anos que alcançou a plenitude do poder.

Passos no desenvolvimento do papado:

No tempo do Novo Testamento:

Atos 20:28-30 - Surgirão homens falando coisas perversas.

II Tess. 2:15-8 - O homem do pecado.

III João 9,10 - Amando a primazia.

I João 2:18 - Muitos anticristos.

Bispos e Papas de Roma

Victor I (193-203). Ordenou às igrejas orientais celebrarem a páscoa aos domingos. Eles recusaram e foram excomungados, mas em vão.

Júlio I (341-352). Concílio de Sárdica (343). Deu ao bispo de Roma o direito de julgar bispos eia contenda.

Inocêncio I (402-407). Teve a idéia de ser um bispo universal.

Sextius III (432-440). "Fui apontado por Deus para cuidar da igreja toda."

Leão I (440-461). Decretou ser supremo o bispo de Roma. O Concílio de Calcedônia em 451 igualou o bispo de Constantinopla ao bispo de Roma.

Símaco (498-514). Falou por Eunódio que: "O pontífice romano foi constituído juiz no lugar de Deus, lugar que ele ocupava como vice-regente do Altíssimo."

João II (532-535). Justiniano reconheceu ser ele a cabeça de todas as igrejas.

Gregório I (590-605). Age como um rei.

Gregório VII (1073-1085). Faz restrições às autoridades civis.

Inocêncio III (1198-1216). Desempenha papel de guia nos negócios dos reis da Europa.

(c) A ponta pequena era diferente das outras - v. 24

Havia um quê nesta ponta que a fez sobressair logo das demais pontas. Sem dúvida o profeta se referia à natureza religiosa desta ponta em contraste a natureza secular das outras.

(d) Esta ponta era mais forte do que as outras - v. 20.

Em virtude do colapso do império romano e do estabelecimento dos estados bárbaros sobre as antigas ruínas, a igreja gradualmente se tornou mais e mais poderosa, até tornar-se o elemento dominante na vida daqueles dias. A igreja tomou o lugar do império e o papa tornou-se o sucessor de César.

Lot dá-nos um quadro vivo da ascensão da igreja ao poder naqueles dias escuros e tumultuosos:

"De maneira imprevista, Roma deixou de ser o baluarte do paganismo e tornou-se a cabeça do cristianismo. O poder dos bispos cresceu, vencendo toda a resistência, e vemo-lo tomando o lugar do imperador no ocidente. ...

No decurso do quinto século, os pagãos, que tinham sido a maioria, tornaram-se a minoria; no sexto século desapareceram por completo. ... De uma perseguida minoria a igreja cristã tornou-se de repente cheia de poder. ... Apoiando-se no estado e às ordens do estado, a igreja tornou-se bem logo intolerante a perseguidora. ... A heresia era tratada como crime. ... O exílio não era suficiente; a tortura e o castigo eram usados mesmo contra os dissidentes cristãos. ... A igreja acostumou-se a fazer do braço secular para provocar conversões. ... Quando se ganhava o governador, elo era usado para impor fé aos súditos por coação amigável ou violenta. ... Estes bandos romanos e mais tarde de bárbaros pagãos, impelidos por consentimento ou força para o seio da igreja, transtornavam e aviltavam os sentimentos cristãos. ... Estas massas convertidas, às pressas, traziam para a igreja corações insuficientemente purificados nos quais as sementes do paganismo, não totalmente mortas, brotavam de novo. O paganismo era o joio que brotava, sempre, outra vez, no catolicismo. Tendo-se tornado maioria, o cristianismo viu o nível de sua moralidade baixar. ... No colapso do império romano, só a igreja católica ficou de pé. Era para ela que as esperanças dos povos se voltavam. ... Mas, a igreja secular foi manchada com as paixões e os vícios dos leigos; até a vida espiritual dos bispos era das mais tristes. ... A moralidade estava no mais baixo nível. ... O patriotismo, na forma antiga, estava morto. ... A filosofia e a ciência eram como se estivessem mortas. ... Este é verdadeiramente um período abominável da história." - Lot, The End of the Ancient World, pp. 39, 42, 47, 50, 385, 394, 401.

(e) Tinha olhos como de homem - vv. 8, 20.

(f) Tinha uma boca que falava grandes coisas - vv. 8, 20, 25.

A humildade deve caracterizar os servos de Deus (Mar. 10:42-45). Não devem procurar por si mesmos uma posição de preeminência (Mat. 23:1-12). Os anciãos de igrejas e os bispos devem ser sem culpa e irrepreensíveis (Tito 1:5-8; 1Tim. 3:1-7; 1Ped. 5:1-3). Entretanto, a atitude do poder da ponta pequena era de orgulho e arrogância.

(g) A ponta pequena falava grandes palavras contra o Altíssimo Dan. 7:25; II Tess. 2:4; Apoc. 13:5, 6.

Seguem algumas das pretensões papais:

"O papa é de tão grande dignidade e excelência, que não é meramente homem, mas como se fosse Deus, e é o vigário de Deus (*non sit simplex homo, sed quasi Deus, et Dei vicarius*). Só o papa é chamado santíssimo. ... monarca divino, supremo imperador, e rei dos reis. ... O papa é de tão grande dignidade e poder que se constitui uno no tribunal com Cristo (*faciat unum et idem tribunal cum Christo*), de tal maneira, que tudo o que o papa faz parece proceder da boca de Deus." - "Pope," Ferraris' Ecclesiastical Dictionary.

"Ocupamos na Terra o lugar de Deus Todo-Poderoso." - Papa Leão XIII, Encyclical Letter, Junho, 20, 189h, The Great Encyclical Letters of Leo XIII, p. 304.

"Todos os nomes que são atribuídos a Cristo na Escritura, mencionando a Sua supremacia sobre a igreja toda, são também atribuídas ao papa." Bellarmine, On The Authority of Councils, livro II, capo

(h) Tentaria ajudar tempos e leis - Dan. 7:25.

1) Autoridades católicas romanas declaram ter a igreja o direito de mudar leis divinas tais como o quarto mandamento do decálogo, e asseguram que a mudança da observância do sábado no sétimo dia da semana para o domingo, o primeiro dia da semana, foi feita pela autoridade expressa da igreja católica.

"Pedro e seus sucessores têm poder para impor leis preceptivas e proibitivas, poder igual para assegurar dispensa destas leis e, quando necessário, anulá-las. É seu o direito de julgar as ofensas contra as leis, impor e suprimir penalidades. Esta autoridade judicial inclui também o poder para perdoar pecados." "Papa", The Catholic Encyclopedia.

"É suficiente crer só nas doutrinas contidas na Santa Escritura?

"Não, precisamos crer também na tradição. Se consultássemos a Bíblia só sem a tradição, deveríamos, por exemplo, guardar ainda o santo sábado como os judeus, em lugar do domingo. ...

"Qual é o dia do Senhor?

"Na velha lei, era o sétimo dia da semana, ou dia do sábado (dia de descanso), em memória do descanso de Deus neste dia, após ter terminado o trabalho da criação em seis dias. Na nova lei, e o primeiro dia da semana, ou domingo.

"Há, ao lado dos mandamentos de Deus, alguns outros, os quais os cristãos devam obedecer?

"Sim, os mandamentos da igreja. ...

"Que nos ordena o primeiro mandamento da igreja?

"Pelo primeiro mandamento, nos é ordenado, em primeiro lugar, guardar os domingos e os dias santos que a igreja instituiu.

"Pode a igreja também suprimir dias santos?

"Assim como ela tem poder para instituir dias santos, também tem o direito de suprimi-los outra vez, para transferi-los, ou para limitá-los a certos lugares, quando o tempo e as circunstâncias o requerem." - Joseph Deharbe, A Full Catechism of the Catholic Religion, pp. 73, 183, 209-211

"P. Que base tendes para guardar o domingo preferivelmente ao antigo descanso, que era no sábado?

"R. Temos para isto a autoridade da igreja católica, e a tradição apostólica.

"P. Manda a Escritura, em qualquer lugar, guardar o domingo em lugar do sábado?

"R. A Escritura nos manda atender à igreja. Mat. 18:17; Luc. 10:16, e guardar firmes as tradições dos apóstolos, II Tess. 2:15, mas de um modo particular a Escritura não menciona a mudança do sábado. ... Portanto, aqueles que pretendem ser tão religiosos observadores do domingo, mas não tomam nenhum conhecimento de outras festividades ordenadas pela mesma autoridade eclesiástica, mostram que agem por capricho e não pela razão ou religião; pois tanto os domingos como os dias santos baseiam-se sobre o mesmo fundamento, conforme ordenação da igreja.

"P. Entretanto, tem a igreja poder para fazer alguma alteração nos mandamentos de Deus?

"R. O mandamento, no que se refere à obrigação que temos em pôr de lado certa parte de nosso tempo para o culto e o serviço de nosso Criador, é um preceito inalterável da lei eterna, no qual a igreja não pode intervir, mas como ele prescreve determinadamente o sétimo dia para este fim, ele não é mais que um simples preceito da velha lei que não abrange os cristãos. E por isto, em lugar do sétimo dia e outras festividades apontadas pela velha lei, a igreja prescreveu os domingos e os dias de festa para o culto de Deus; e a estes estamos agora obrigados a guardar como consequência do mandamento divino, em lugar do antigo sábado." – Challoner, The Catholic Christian Instructed, pp. 209-211

"P. 1248. O dia do sábado e o domingo não é a mesma coisa?

"R. O sábado é o sétimo dia da semana, e é o dia que era guardado na velha lei; o domingo é o primeiro dia da semana, e é o dia que e guardado na nova dispensação. ...

"P. 1250. Por que a igreja nos manda guardar o domingo em lugar do sábado?

"R. A igreja nos ordena guardar o domingo em lugar do sábado porque foi num domingo que Cristo ressuscitou dos mortos, e foi no domingo que Ele derramou o Espírito Santo sobre os apóstolos.

"P. 12510 Guardamos o domingo em lugar do sábado por alguma outra razão?

"R. Guardamos o domingo em lugar do sábado para mostrar também que a velha dispensação não nos diz respeito, mas que devemos guardar a nova lei que tomou o seu lugar." – Kinkead, A Catechism of Christian Doctrine, p. 282

"P. Ensinam os protestantes algum outro absurdo no que diz respeito à Escritura?

"R. Sim; eles procuram persuadir os seus seguidores, de que a Escritura contém revelada toda a vontade de Deus e que não se deve crer ou praticar nada além do que se acha expressamente escrito no Livro Divino. ... Eles devem, se a Escritura é sua única regra, ... guardar, não o domingo, mas o sábado, de acordo com o mandamento, 'Lembra-te do dia do sábado para o santificar'; porque este mandamento não foi mudado ou ab-rogado na Escritura. ...

"P. Tendes alguma outra maneira de provar que a igreja tem poder para instituir dias de festas como preceito?

"R. Se não tivesse tal poder, não poderia ter feito aquilo em que todos os religiosos modernos concordara com ela; – não poderia ter substituído com a observância do domingo, o primeiro dia da semana, a observância do sábado, o sétimo dia, mudança para a qual não existe autoridade escriturística.

"P. Quando os protestantes profanam o sábado pelo trabalho, ou seja, o sétimo dia da semana, seguem elas a Escritura como a sua única regra de fé; – encontram eles esta permissão claramente exposta no Sagrado Volume?

"R. Pelo contrário, para esta prática, eles têm apenas a autoridade da tradição. Profanando o sábado, eles violam um dos mandamentos de Deus, mandamento que Ele nunca claramente ab-rogou. - 'Lembra-te do dia do sábado para o santificar'." – Keenan, A Doctrinal Catechism, pp. 97, 98, 101, 174, 352.

"Que autoridade bíblica existe para mudar o descanso do sétimo para o primeiro dia da semana?

"Quem deu ao papa a autoridade para mudar um mandamento de Deus?

"Se a Bíblia é o único guia para os cristãos, então o adventista do sétimo dia está certo em observar o sábado como o judeu. Entretanto, como os católicos aprendem o que crer e o que fazer da divina e infalível autoridade, estabelecida por Jesus Cristo, a igreja católica fez do domingo o dia de descanso nos tempos apostólicos para comemorar a ressurreição de nosso Senhor neste dia, e para distinguir claramente o judeu do cristão." – Conway, The Question-Box, p. 179

2) O domingo, o dia hoje comumente observado pela cristandade, era originalmente um dia dedicado ao sol.

"Em cada dia da semana, o planeta, ao qual o dia estava consagrado, era invocado num lugar fixo na cripta; e o domingo, sobre o qual o sol presidia, era peculiarmente santo." – Cumont, Mysteries of Mithra, p. 167

"Era costumeiro adorar, o sol ao nascer, no momento em que os primeiros raios expulsavam os demônios que invadiam a terra na escuridão. Tácito nos descreve como na batalha de Bedriaco em 69 A. D., os soldados de Vespasiano saudavam o sol nascente com gritos agudos como era o costume antigo. Um acentuado costume geral requeria que, em 25 de dezembro, o nascimento do 'novo sol', se celebrasse, quando, após o solstício de inverno, os dias começavam a ficar mais extensos e a 'invencível' estrela triunfava outra vez sobre as trevas. É certo que a data desse Natalis Invicti foi escolhida pela igreja como comemoração do nascimento de Jesus, o qual era antes confundido com Epifânio. ... Esta instituição que teve lugar em Roma, provavelmente entre 354 e 360, foi adotada por todo o império, e esta é a razão pela qual ainda celebramos o natal a 25 de dezembro. ... A preeminente apresentação deste dies solis (dia do sol) contribui certamente para que também o domingo fosse em geral reconhecido como santo. Isto está ligado a um fato ainda mais importante, especialmente o da adoração dos nomes por todas as nações européias. Já vimos que no sistema astrológico cada dia era consagrado a um planeta. ... Quando, hoje denominamos os dias 'Saturday' (sábado), 'Sunday' (domingo), 'Monday' (segunda-feira), somos pagãos e astrólogos sem o sabermos, porque assim reconhecemos implicitamente que o primeiro pertence a Saturno, o segundo ao Sol e o terceiro à Lua." – Cumont, Astrology and, Religion Among the Greeks and Romans, pp. 161-163, 165, 166.

3) Nos primeiros séculos do cristianismo, quando muitos dos pagãos foram recebidos no seio da igreja, eles trouxeram consigo muitas das práticas pagãs, inclusive o culto ao sol e a observância do dia do sol.

"Tendo os cristãos abolido o sábado hebraico, a igreja consagrou o domingo. Em parte porque era o dia da ressurreição, mas principalmente porque era o dia da festividade do sol; pois era um costume definido dos cristãos adotar as festividades pagãs que o povo estimava por tradição, e dar-lhes um significado cristão. Entretanto, como uma festa solar, o domingo era o dia sagrado de Mitra; e é interessante notar que, como Mitra era denominada "Dominus", 'Senhor', o domingo deve ter sido já muito tempo antes da era cristã, 'O dia do senhor!'" – Weigall, The Paganism in Our Christianity, p. 145.

"No tempo em que o monoteísmo pagão procurava sua ascendência em Roma, a luta entre os mistérios de Mitra e o cristianismo já começara ha muito. ... A luta entre as duas religiões rivais foi a mais obstinada, pois os seus caracteres eram dos mais semelhantes. ... Os sectários do deus persa, como os cristãos ... guardavam também o domingo e celebravam o nascimento do sol no dia 25 de dezembro, no mesmo dia em que se celebrava o natal de Jesus a partir do quarto século." – Cumont, The Mysteries of Mithra, pp, 180, 190, 191.

"Em todos os lugares, multidões vinham ajuntar-se aos cristãos. ... O triunfo de Constantino sobre os seus rivais teve também como resultado a vitória do cristianismo sobre o paganismo. ... Com a atitude de Constantino houve uma completa mudança no cristianismo entre 311 e 313 A.D. ... Ele era, sem dúvida, um monoteísta; mas o Deus único que ele adorava, era mais o deus sol, o 'inconquistável sol', do que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Entretanto, no começo de 313 A.D., ele emitiu o edito de Milão no qual favorecia extraordinariamente os cristãos e tomava os primeiros passos decisivos para elevar o cristianismo à posição de religião dominante. ... de importância particular, finalmente, estavam as leis que ordenavam a observância geral do domingo. No 'venerável da do sol', nenhum trabalho devia ser executado com exceção dos indispensáveis trabalhos agrícolas Os soldados eram levados para um campo aberto e lá tinham um serviço todo especial, totalmente característico deste tempo de transição. Não era pagão, mas também não era inteiramente cristão. ... A observância geral do domingo teceu uma união bem firme entre a vida do povo e o cristianismo. ... Neste período muitas coisas impróprias ao cristianismo, principalmente pagãs, existiam lado a lado dentro do cristianismo. O paganismo parecia estar aniquilado com uma só pancada, e agora os pagãos se reuniam às multidões na igreja." – Uhlhorn, The Conflict of Christianity With Heathenism, pp. 424, 427, 435, 436, 437, 440.

"Todo aquele que considera os cristãos que foram ajuntados de entre os judeus e das nações pagãs, que estavam acostumados desde os seus primeiros anos às várias cerimônias, e aos ritos supersticiosos, e sabe como e difícil vencer os hábitos da vida primitiva, perceberá que seria quase um milagre se não fosse encontrado nenhuma vileza e corrupção dentro da igreja cristã. Por exemplo, quase todo o povo do oriente, antes da era cristã,

estava acostumado a orar com os rostos voltados para o sol nascente, pois todos criam que Deus, a quem julgavam semelhante à luz; e a quem restringiam um lugar, tinha Sua residência naquela parte do céu onde o sol nasce. Quando se tornaram cristãos, rejeitaram, realmente, a errada crença; mas retiveram o costume dela, originado costume que prevalecia universalmente desde a antiguidade. ... Para o culto de Deus, os cristãos reuniam-se em moradias particulares, em cavernas e nos lugares em que sepultavam os mortos. Eles se reuniam no primeiro dia da semana, e aqui e acolá também no sétimo dia, que era o sábado judaico." – Mosheim, Ecclesiastical History, vol. I, pp. 174, 175.

"Justino Mártir, quase no fim da apologia que apresentou 'Antoninus Pius' (150 A.D.), dá-nos um relatório ainda mais completo e autêntico conforme segue: 'No dia chamado domingo, todos, morassem nas cidades ou nas aldeias, realizavam as suas reuniões. ... Nós todos comumente realizávamos as nossas assembléias no domingo, por ser este o primeiro dia em que Deus converteu as trevas em matéria e formou o mundo; e porque neste mesmo aia Jesus Cristo, nosso Salvador~ ressuscitou dos mortos.'" - Mosheim, Ecclesiastical History, vol. I, p. 175, nº 1

"Os escritores eclesiásticos, fazendo reviver uma metáfora do profeta Malaquias, constataram 'o Sol da Justiça' com o 'sol invencível' e concordaram em ver no deslumbrante astro que ilumina os homens, um símbolo de Cristo 'a luz do mundo'. Deveríamos ficar espantados se as multidões de devotos falassem sempre em notar as sutis distinções dos doutores, e, se em obediência ao costume pagão, prendessem a brilhante estrela do dia a homenagem que os ortodoxos reservavam a Deus?" – Cumont, Mysteries of Mithra, p. 193.

4) A transição do sábado para o domingo foi gradual.

"O domingo começou a ser observado logo após o término do período do Novo Testamento, contudo, o sábado continuou a ser observado por vários séculos. A igreja, entretanto, cada vez mais exercia a sua influência a favor da observância do domingo e contra o sábado, o sétimo dia. A guarda do sábado começou a ser olhada como uma relíquia do judaísmo, e a igreja, por fim, acabou tomando a posição de que este costume devia ser desarraigado. No concílio de Laodicéia realizado em meados do quarto

século A.D., foi declarado que 'os cristãos não devem judaizar nem ficar ociosos no sábado, mas devem trabalhar neste dia; entretanto, devem honrar com distinção o dia do Senhor, e como cristãos, devem, se possível, deixar de trabalhar neste dia. Se, contudo, forem encontrados agindo como judeus, devem ser desligados de Cristo.' – Hefele, A History of Church Councils, vol. II, p. 316

"À celebração do domingo, costume que já há muito prevalecia na igreja como o de consagrar esse dia de modo especial aos empreendimentos religiosos e de abster-se dos negócios terrenos, conforme ficou estipulado por um lei sinodal, o vigésimo nono cânon do Concilio de Laodicéia acrescentou ainda esta condição que todos os cristãos deveriam abster-se de seus negócios terrenos se estivessem capacitados." – Neander, General History of the Christian Religion and Church, 1851, vol. II, pp. 300, 501

Os escritores católicos citam o concilio de Laodicéia como sendo a autoridade que transferiu a santidade do sábado para o domingo.

"P. Qual é o dia de descanso?

"R. O dia de descanso é o sábado.

"P. Por que observamos o domingo em lugar do sábado?

"R. Observarmos o domingo em lugar do sábado porque a igreja católica no concilio de Laodicéia (336 A.D.), transferiu a solenidade do sábado para o domingo." – Geiermann, Convert's Catechism of Catholic Doctrine.

5) Apesar dos esforços que têm sido feitos pela autoridade da Igreja para legitimar a observância do domingo, deve-se reconhecer que aquele dia é, depois de tudo, uma instituição exclusivamente humana, sem base divina, e que nenhum esforço da parte do homem pode, atualmente, mudar um mandamento de Deus.

"A festividade do domingo, como todas as outras festividades, foi sempre apenas uma ordenação humana, e estava longe das intenções dos apóstolos, longe deles, e da igreja católica primitiva, estabelecer um mandamento divino a esse respeito, e transferir as leis do sábado para o domingo. Talvez tenha sido no fim do segundo século que este tipo de falsa

explicação teve lugar. Parece que os homens daquele tempo consideravam pecado trabalhar no domingo." – Neander, The History of the Christian Religion and Church, trad. por John Rose , 1848, p. 186.

Peter Heylyn em 1636 publicou um livro no qual esclareceu a natureza verdadeira da observância dominical, especialmente, como sendo mera instituição humana,

"que ele não foi instituído por Cristo, nosso Salvador, ordenado pelos apóstolos, ou ordenado por qualquer autoridade anterior, mas pela voluntária consagração da igreja aos usos religiosos; e, sendo consagrado a tais usos, não chegou logo ao prestígio que hoje desfruta, mas lentamente e por etapas; em parte, pelos editos dos príncipes seculares, em parte, pelos cânones de conselhos particulares; e finalmente, pelos decretais de vários papas e ordens de prelados inferiores; estando já com este prestígio, é ainda da competência e autoridade da igreja para o manter ou mudar, como a igreja o queira fazer e como o declaram muitos doutores protestantes. Finalmente, que em todas as eras até aqui, e em todas as igrejas até o presente, ele nem foi nem é considerado como um dia de sábado." – Heylyn, The History of the Sabbath, Preface.

(i) Fará guerra aos santos. Dan. 7:21, 25; Apoc. 13:7

1) O direito de suprimir heresias tem sido há muito reclamado pela igreja ao guiar católicos. Se necessário, a igreja sustenta ter o direito de não apenas censurar e punir mas condenar à morte aqueles que julgar culpados de heresia.

"Se um membro da igreja se torna infiel, e cai em heresia, ou comete algum outro grande crime, tal crime pode ser punido pela autoridade eclesiástica de que depende. A igreja tem o direito de não só censurar os seus súditos, mas, se achar conveniente, pode também infligir penalidades eternas e recorrer ao poder secular." – Schoupe, A Course of Religions Instruction, p. 74.

"Se falsificadores de dinheiro ou outros crimes são entregues justamente à morte pelas autoridades seculares, muito mais podem os

hereses, depois de estarem convictos de heresia, ser não apenas excomungados, mas sem dúvida também mortos." – St. Thomaz de Aquino, Moral Theology.

"Tanto a espada espiritual como a material estão, portanto, em poder da igreja, a última realmente, para ser usada em favor da igreja e a primeira pela igreja, uma pela mão do sacerdote e a outra pela mão dos reis e soldados, mas sob a vontade e licença do sacerdote.

"Aquele que publicamente confessa uma heresia, e procura por palavras ou exemplo perverter os outros, não pode ser apenas excomungado, mas deve ser devidamente entregue à morte." – Lepicier, De Stabilitate et Progressu Dogmatis, pp. 211, 212, 194.

"A igreja tem perseguido. Só um ingênuo em história da igreja o negará. ... Cento e cinquenta anos depois de Constantino os donatistas foram perseguidos, e muitas vezes mortos. ... Os protestantes foram perseguidos na França e Espanha com plena aprovação das autoridades da igreja. Sempre temos defendido a perseguição dos huguenotes e a Inquisição Espanhola. Sempre e em todo o lugar onde houver catolicismo sincero haverá um claro traço de distinção entre a verdade e o erro; catolicismo em todas as formas de heresia. Quando ela julga bom usar a força física, ela o faz. ... Estaria, portanto, a igreja católica disposta a garantir que não haverá perseguição'? Haveria ela de assegurar absoluta liberdade e igualdade a todas as igrejas e a toda fé? A igreja católica não fornece garantia alguma para um procedimento correto." – The Western Watchman, 24-dezembro-1908.

2) A história da igreja católica é uma história de perseguição. Em todo o lugar onde a igreja se tomou suficientemente forte, ela tem usado este poder para suprimir aqueles que ousarem diferir dela. Terríveis perseguições foram feitas aos albigenses, aos valdenses e aos huguenotes. Um dos maiores feitos de infâmia foi o massacre de S. Bartolomeu, quando aproximadamente 30.000 protestantes franceses foram sacrificados.

"Somente na Espanha Llorente calcula as vítimas da inquisição como sendo de 31.912 queimados vivos e 291.450 chamados penitentes, que

foram forçados à submissão. ... Um milhão pereceu no massacre dos albigenses."

"Nos trinta anos que se seguiram à instituição dos jesuítas, foram mortos 900.000 cristãos fiéis. Trinta e seis mil foram massacrados pelos carrascos comuns nos países baixos, sob a direção do duque de Alba, que se gloriava do feito. Cinquenta mil flamengos e alemães foram enforcados, queimados ou sepultados vivos sob Carlos V." – Guinness, Key to the Apocalypse, pp. 92, 93

(j) Os santos serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade de um tempo. Dan. 7:25

1) Este período de triunfo dos poderes das trevas e sujeição das forjas da luz é narrado por numerosos trechos escriturísticos como segue:

Dan. 7:25 - Um tempo, e tempos, e metade de um tempo.

Dan. 12:7 - Um tempo, tempos e uma metade.

Apoc. 11:2 - Quarenta e dois meses.

Apoc. 11:5 - Mil duzentos e sessenta dias.

Apoc. 12:6 - Mil duzentos e sessenta dias.

Apoc. 12:14 - Um tempo, e tempos, e metade de um tempo.

Apoc. 13:5 - Quarenta e dois meses.

Está claro que todos estes textos da Escritura se referem a um período de duração igual, pois, quarenta e dois meses de trinta dias dão um total de 1260 dias, um ano de doze meses mais dois anos de doze meses mais a metade de um ano ou seis meses dão também um total de quarenta e dois meses ou mil duzentos e sessenta dias.

2) O princípio do dia-ano na profecia - Núm. 14:34; Ezeq. 4:6.

3) Acontecimentos a terem lugar no período dos 1260 dias:

Dan. 7:25 Os santos entregues nas mãos do poder da ponta pequena.

- Dan. 12:7 Para destruir o poder do povo santo
Apoc. 11:2 A santa cidade pisada a pés pelos gentios
Apoc. 11:3 As testemunhas de Deus vestidas de saco
Apoc. 11:6 A mulher alimentada no deserto
Apoc. 12:14 A mulher sustentada no deserto fora da vista da serpente
Apoc. 13:5 O leopardo com poder para continuar.

Uma comparação de todos estes escritos deixa claro que no período designado em Dan. 7:25 como um tempo, tempos e metade de um tempo, as forças das trevas e do mal gozariam um triunfo geral, enquanto as forças da luz e da justiça passariam por um tempo de perigo e dificuldade. Daniel. 7:25 está especificamente mencionando um tempo em que o povo de Deus seria entregue na mão do poder da ponta pequena, um poder que faria o seu máximo para 'destruir os santos do Altíssimo'.

4) A dificuldade de estabelecer datas fixas para o início o término dos períodos históricos.

"Antes de tudo, todas as divisões marcantes da história são claramente artificiais. Nada termina e nada começa de súbito. Existe algo absurdo na fixação categórica das datas limites de um período. Mesmo que seja revolução ou morte, nenhum acontecimento quebra todos os fios que ligam o passado ao futuro. ... Começa a Idade Média em 395 com a divisão do império? Ou em 406 com o ataque dos Hunos e a retirada dos Germanos? Ou em 476, com a morte de Rômulo Augusto? Ou entre 650 e 750 com as invasões dos muçulmanos'? E quando foi que ela terminou? Em 1453 com a queda do império oriental? Ainda há pessoas que lhe dão como limite a invenção da imprensa (1440?) ou a descoberta da América (1492)... Isto se dá com os historiadores específicos que se inclinam, como foi indicado acima, em adorar datas que diferem da história geral e que variam de um para outro, e que hesitam, eles mesmos, nas divisões que fazem." – Henri Berr, em Preface to Lot's, The End of the Ancient World, pp. xxi, xxii.

4) A dificuldade de estabelecer datas absolutas para o período do domínio do poder da ponta pequena.

5) O princípio e o fim dos 1260 dias:

Os expositoras não concordam todos no que se refere ao início e fim dos período dos 1260 dias. As datas, geralmente adoradas, são 538 a 1798, embora alguns apontem 533 a 1793. O que segue são acontecimentos que tiveram lugar nestas datas:

538 Belizário quebrou o cerco que os Ostrogodos levantaram a Roma e infligiu-lhes uma derrota marcante.

1798 Napoleão aprisionou o papa

533 Justiniano emite um decreto reconhecendo o bispo de Roma como cabeça de todas as igrejas.

"Temos sido zelosos em sujeitar e unir todos os sacerdotes do oriente em toda a sua extensão a ter uma compreensão da Vossa Santidade. ... Pois não podemos permitir que aquilo que é discutível embora claro e inquestionável, e que se refere ao estado das igrejas, deva falhar em se fazer conhecido de Vossa Santidade, como cabeça de todas as igrejas. Pois, como já dissemos, zelamos para aumentar honra e a autoridade de sua Sé em todos os respeitos." – Código Justiniano, Lib. 1, título 1, Baronii "Annales Ecclesiastici", Vol. VII, na. 533, sec, 12

1793 A França tomou medidas legais contra a religião. Certos expositores reconhecem a validade dos dois grupos de datas.

Notem o seguinte:

"Em 533 A.D. veio a memorável declaração imperial que reconhecia aquela supremacia, e em 538 A.D. veio o golpe pela espada de Roma. ...

"Assim, estes acontecimentos decisivos marcam o começo do período profético dos 1260 anos. E exatamente a 1260 anos do decreto de 533, que reconhecia a supremacia papal, veio o decreto, em 1793, contra aquela supremacia; e exatamente a 1260 anos daquele golpe de espada, em Roma, a favor do papado, veio o golpe de espada em Ruma contra o papado." – Spicer, Our Day in the Light of Prophecy, p. 137

(k) Três pontas serão arrancadas diante dela Dan. 7:8, 20, 24

1) Hérulos - 493 A.D.

2) Vândalos - 534 A.D.

3) Ostrogodos - 538 A.D.

(1) Seu domínio será tirado - v. 26.

4. O Juízo - vv. 9, 10, 22, 26.

a. A época do juízo - II Tim. 4:1.

b. O juízo - Dan. 7:9; Atos 10:42; Heb. 12:23.

c. As cenas do juízo:

(1) A primeira fase - vv. 9-14.

(2) A fase final - v. 22.

d. A execução do juízo:

(1) O aniquilamento da besta - v. 11.

(2) A destruição do poder da ponta pequena - Dan. 7:26; Apoc. 13:10; 17:1, 16; 18:10, 21.

5. A vinda de Cristo e o estabelecimento do Seu reino

a. Cristo comparece diante do Ancião de Dias - Dan. 7:13.

b. Um reino eterno é entregue a Cristo - v. 14.

c. O reino e o domínio são dados aos santos - vv. 22, 27.

VI. BIBLIOGRAFIA

Barnes, Albert, *Notes on the Book of Daniel*, pp. 285, 355

Birks, T. R., *The Four Prophetic Empires*

Boyle, W. R., A., *The Inspiration of the Book of Daniel*, pp. 111-188

Edwardson, Christian, *Facts of Faith*

Gibbon, Edward, *The Decline and Fall of the Roman Empire*

Handbook for Bible Students, pp. 577-489

Haskell, Stephen N., *The Story of Daniel the Prophet*, pp. 101-118

Haynes, Carlyle B., *What is Coming?*, pp. 11-29

Jones, Alonzo T., *The Great Empires of Prophecy*

Lot, Ferdinand, *The End of the Ancient World*, pp. 28-54, 187-215,
257-309

Maxwell, Arthur S., *Great Prophecies for Our Time*, pp. 79-103

Seiss, J. A., *Voices from Babylon*, pp. 183-205

Shepherd, John C., *The Fall of Rome*

Smith, Uriah, *Daniel and the Revelation*, pp. 105-147

Source Book for Bible Students, pp. 27-57, 183-194, 234-255, 285-
290, 323-393, 437-457, 548-556

Spicer, W. A., *Our Day in the Light of Prophecy*, pp. 117-170

White, Ellen G., *O Grande Conflito*, pp. 49-210

Young, E. J., *The Prophecy of Daniel*, pp. 141-166

O CARNEIRO, O BODE, A PONTA PEQUENA, E A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 8

II. A ÉPOCA DA VISÃO: O terceiro ano de Belsazar - v. 1.

III. O LUGAR DA VISÃO Susã, em Elão - v. 2.

IV. A VISÃO

A. O carneiro - vv. 3, 4.

B. O bode - vv. 5-8.

C. A ponta pequena - vv. 9-12.

D. A purificação do santuário - vv. 13, 14.

V. A INTERPRETAÇÃO DA VISÃO

A. Daniel busca entender a visão - v. 15.

B. Gabriel é enviado para explicar a visão a Daniel v. 16.

C. Daniel é acordado de um profundo sono por Gabriel - v. 18.

D. A Visão é especialmente para o tempo do fim - vv. 17, 19.

Tradução de Moffatt:

"Entende a visão, ó filho do homem, pois ela é sobre o tempo da crise final. ... Vem, e te farei saber o que ha de acontecer durante os derradeiros dias da ira divina, pois a visão é sobre a crise final."

Tradução Americana:

"Entende, ó homem mortal, pois a visão é sobre o tempo do fim. ... Atenta, estou-te fazendo entender o que será no fim do tempo da ira; pois a visão é sobre o determinado fim de todas as coisas."

Tradução Judaica:

"Entende, ó filho do homem; pois a visão pertence ao tempo do fim. ... Atenta, quero fazer-te entender o que será no último tempo da indignação; pois ela pertence ao determinado tempo do fim."

E. A significação dos símbolos

1. O CARNEIRO DAS DUAS PONTAS - Medo-Pérsia - v. 20.
 - a. A ponta mais alta sobe por último - v. 3.
 - b. O carneiro dá marradas para o ocidente, para o norte e para o sul - v. 4.
 - c. Nenhum animal podia parar diante dele - v. 4
 - d. O carneiro se engrandece - v. 4
2. O BODE - Grécia - v. 21.
 - a. Vinha do ocidente - v. 5.
 - b. Não tocava o chão - v. 5.
 - c. Uma ponta notável entre os olhos – o rei primeiro - vv. 5 e 21.
 - d. Aproxima-se com fúria do carneiro - v. 6.
 - e. O carneiro é derrubado - v. 7.
 - f. O bode se engrandece muito - v. 8.
 - g. Na sua maior força, a ponta grande e quebrada - v. 8.
 - h. Surgem quatro pontas – quatro reinos - vv. 8, 22.
- 3 A PONTA PEQUENA - Roma - vv. 9-12, 23-25.
 - a. "No fim do seu reinado" - v. 23.
 - b. "De uma delas" - v. 9.

"Na história da civilização, alguns fatos são mais importantes do que a helenização do ocidente romano. Os civilizadores dos romanos foram os conquistados helenos, conforme declaração do poeta romano Horácio: 'Grécia, cativa Grécia, teu conquistador se sujeitou, É, o rude Lácio, com as tuas artes se embebedou.'

"Roma desenvolveu a civilização grega até o máximo da sua estrutura, em sua língua, literatura, arte, filosofia, ciência, religião, costumes sociais, educação, teorias políticas e instituições e, até as suas leis a um grau considerável. ... Com a queda da civilização romana pela decadência interna e os ataques 'bárbaros' externos, a cultura grego-romana atravessou o ocidente medieval com q seu cristianismo heleno-romanizado." – Trever, History of Ancient Civilization, Vol. I, pp. 527, 528

"Estes gregos fronteiriços introduziram na Itália suas características instituições sociais e políticas, seus cultos religiosos e mitologias, suas artes industriais e ofícios, a cunhagem da moeda, sua ciência e filosofias, sua escultura e arquitetura de pedras, seu alfabeto e sua literatura. ... Após a expulsão dos Etruscos de Roma, em 509 A.C., a cultura grega tornou-se mais dominante do que a etrusca. Quando os romanos ocuparam o Lácio e a Campânia, a influência grega tornou-se ainda mais forte e mais tarde recebeu um novo ímpeto ao Roma conquistar a Magna Grécia no terceiro século. ... Mais tarde a tradição romana sobre as origens de Roma e da Itália foram mescladas com o folclore helênico e revela uma herança muito mais helênica de Roma do que o faz sobre as origens da Roma atual. ...

"Com o comercio, a civilização grega chegou aos povos itálicos, a arte de escrever de "Cumae" através dos etruscos, as artes gregas e os ofícios, as formas arquitetônicas gregas e os desenhos decorativos, as esculpidas imagens dos seus deuses, e os cultos gregos e as mitologia. ... Mais tarde do oriente grego se foi espalhando para Roma e seus vizinhos a literatura, ciência, filosofia, vida social e costumes gregos e, consideravelmente, as suas instituições políticas, legais e militares. ... A influência grega atingiu os romanos no período da realeza através de "Cumae" e indiretamente pelos etruscos, mas especialmente na primeira república pelos livros Sibyllinos. ...

"A crescente tendência também, com o avanço da influência grega, era identificar os deuses gregos com os deuses romanos e transferir os mitos gregos aos seus oponentes romanos, preparando assim o caminho para o desenvolvimento da mitologia romana em bases gregas." – Trever, History of Ancient Civilization, Vol. II, pp. 23, 24, 31

"Roma legou à posteridade nula dupla herança, uma romana e outra oriental, e os seus próprios produtos, distintamente romanos. Ela foi por isto a grande intermediária que construiu a ponte pela qual o rico legado da

antigüidade encontrou o caminho do mundo moderno. Temos visto como, desde o início, a cultura grega se tinha bem enraizado no oriente, e como finalmente, com a conquista do Próximo Oriente por Alexandre, nasceu mais tarde uma cultura cosmopolita Greco-Oriental, o helenismo. Temos traçado o desenvolvimento das religiões orientais e das filosofias gregas em sua gradual expansão em Roma ocidental até que uma das religiões, a cristã, após ser helenizada e romanizada ganhou, finalmente, supremacia no império posterior. ...

"A história da Europa ocidental é uma ampla história de assimilação por parte dos herdeiros germanos e celtas destas duas grandes heranças da antiguidade, a cultura e as instituições greco-romanas, e o cristianismo romanizado e helenizado. ... A rica mitologia grega embebeu-se na literatura romana, a arte e religião e incluindo, num certo grau, o cristianismo e foi assim transmitida para todos os lugares onde a civilização romana penetrou. ... O cristianismo também, parcialmente helenizado em credos, ritos e éticas, como temos visto, dominou no último império romano e passou, como parte integral da herança romana, para o ocidente. ... Roma foi a intermediária na divulgação da civilização helênica e do cristianismo helenizado no ocidente por muitas maneiras e com uma repercussão muito maior do que é possível indicar num breve sumário." – Ibidem, pp. 736, 737.

c. "Quando os prevaricadores acabarem" - v. 23

Tradução de Moffat: "Quando a culpa se completar" v. 23

Tradução Americana: "Quando os crimes chegarem a sua altura"

Tradução Judaica: "Quando os transgressores completarem sua transgressão. "

d. "Levantar-se-á um rei, feroz de cara, e será entendido em adivinhações." v. 23

Tradução Judaica: "Levantar-se-á um rei feroz de cara, com entendimento em estratagemas."

Tradução Americana: "Surgirá um rei feroz de cara, com entendimento das vontades secretas."

Tradução de Moffat: "Surgirá um rei provocador, um mestre de enganos. "

e. Ele "cresceu muito." v. 9.

f. "Para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa." - v. 9

g. "Fortalecer-se-á, mas não pelo seu próprio poder." - v. 24.

h. "No seu coração se engrandecerá" - v. 25.

i. "Destruirá os fortes e o povo santo" - vv. 10, 24.

j. "E lançou a verdade por terra" - vv. 12, 25.

"Conforme fora predito pela profecia, o poder papal lançou a verdade por terra. A lei de Deus foi lançada ao pó, enquanto se exaltavam as tradições e costumes dos homens. As igrejas que estavam sob o governo do papado, foram logo compelidas a honrar o domingo como dia santo. No meio do erro e superstição que prevaleciam, muitos, mesmo dentre o verdadeiro povo de Deus, ficaram tão desorientados que ao mesmo tempo em que observavam o sábado, afastavam-se do trabalho também no domingo." – GC, p. 65.

k. "Fez isso e prosperou" vv. 12, 24.

"No século VI tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou-se ser o bispo de Roma a cabeça de toda a igreja. ... Dias de perigo foram aqueles para a igreja de Cristo. Os fiéis porta-estandartes eram na verdade poucos. Posto que a verdade não fosse deixada sem testemunhas, parecia, por vezes, que o erro e a superstição prevaleceriam completamente, e a verdadeira religião seria banida da Terra." – GC, pp. 54, 55.

"O papado se tornou o déspota do mundo. Reis e imperadores curvavam-se aos decretos do pontífice romano. O destino dos homens, tanto temporal como eterno, parecia estar sob seu domínio. Durante séculos as doutrinas de Roma tinham sido extensa e implicitamente recebidas, seus ritos reverentemente praticados, suas festas geralmente observadas. Seu clero era honrado e liberalmente mantido. Nunca a Igreja de Roma atingiu maior dignidade, magnificência ou poder." – GC, p. 60.

l. "Fará prosperar o engano na sua mão." v. 25.

"Assim, a mente do povo desviava-se de Deus para homens falíveis e cruéis, e mais ainda, para o próprio príncipe das trevas que por meio deles exercia o seu poder. O pecado se disfarçava sob o manto de santidade. Quando as Escrituras são suprimidas e o homem vem a considerar-se supremo, só podemos esperar fraudes, engano e aviltante iniquidade." – GC, p. 55.

m. "Levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes." vv. 11, 25.

"Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do 'homem do pecado', predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele. Aquele gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás – monumento de seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade. ...

"Uma das principais doutrinas do catolicismo é que o papa é a cabeça visível da igreja universal de Cristo, investido de autoridade suprema sobre os bispos e pastores em todas as partes do mundo. Mais do que isto, tem-se dado ao papa os próprios títulos da Divindade. Tem sido intitulado: 'Senhor Deus, o Papa', e foi declarado infalível. Exige ele a homenagem de todos os homens." – GC, p. 50.

n. O contínuo

(1) "sacrifício" inexistente no original hebraico

(2) à palavra hebraica "tahmeed"

(a) significa: contínuo, perpétuo, diário

(b) na tradução para o inglês

sempre 4 vezes

sempre (adv.) 6 vezes

contínuo 25 vezes

continuamente 53 vezes

diário 7 vezes

eterno 3 vezes

eternamente 1 vez

perpétuo 3 vezes

(c) Exemplos de como é usado

Incenso continuamente queimado - Êx. 30:8

Lâmpada continuamente ardendo - Êx. 27:20

Eterna presença do pão da proposição - Lev. 24:8

Cada dia de manhã e à tarde - Êx. 29:38

Contínuo fogo sobre o altar - Lev. 6:13

Contínua oferta de manjares - Lev. 6:20

Memorial no peitoral de Arão - Êx. 28:29

Continuo ministrar dos sacerdotes - I Crôn. 16:37

Contínua presença de Deus na coluna de nuvem e fogo - Núm. 9:16

O contínuo cuidado de Deus por Seu povo - Deut. 11:12

Contínua guia divina - Isa. 58:11

Contínua busca do Senhor - Sal. 105:4

Contínua observância da lei de Deus - Sal. 119:44

Contínuo louvor a Deus - Sal. 34:1

Continuamente o Senhor pelos Seus filhos - Sal. 16:8

(3) O contínuo ministério de Cristo - Heb. 7:21, 24, 25; 9:24-26

Os vários serviços do santuário terrestre eram tipos do serviço de Cristo no santuário celestial. Assim, o incenso queimando perpetuamente, o pão da proposição sempre presente, as ofertas diárias da manhã e da tarde, o ministério contínuo dos sacerdotes, eram tipos do ministério contínuo de Cristo no santuário celestial a favor do homem. Desta maneira 'o contínuo' foi sem dúvida um termo usado com a significação de constante, incessante ministrar de Cristo no santuário do alto.

"As instruções do Senhor foram: 'Arão levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do juízo sobre o seu coração, quando entrar no santuário, para memória diante do Senhor continuamente.' Êxo. 28:29. Assim Cristo, o grande Sumo Sacerdote, pleiteando com Seu sangue diante do Pai, em prol do pecador, traz sobre o coração o nome de toda alma arrependida e crente.

...

"Não somente o santuário em si mesmo, mas o ministério dos sacerdotes, deviam servir 'de exemplar e sombra das coisas celestiais'. ...

"Toda manhã e tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, com sua apropriada oferta de manjares, simbolizando assim a consagração diária da nação a Jeová, e sua constante necessidade do sangue expiatório de Cristo. ...

"O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e que unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores. Diante do véu do lugar santíssimo, estava um altar de intercessão perpétua; diante do lugar santo, um altar de expiação contínua. Pelo sangue e pelo incenso deveriam aproximar-se de Deus - símbolos aqueles que apontam para o grande Mediador, por intermédio de quem os pecadores podem aproximar-se de Jeová, e por meio de quem unicamente,

a misericórdia e a salvação podem ser concedidas à alma arrependida e crente. ...

"Os pães da proposição eram conservados sempre perante o Senhor como uma oferta perpétua. Assim, era isto uma parte do sacrifício cotidiano. Era chamado o pão da proposição, ou "pão da presença", porque estava sempre diante da face do Senhor. Êxo. 25:30. Era um reconhecimento de que o homem depende de Deus, tanto para o pão temporal como o espiritual, e de que este é recebido apenas pela mediação de Cristo. ... Tanto o maná como o pão da proposição apontavam para Cristo, o pão vivo, que sempre está na presença de Deus por nós." – P.P., pp. 351-354.

"O serviço contínuo ou diário era tipo, não do sacrifício diário de nosso Senhor, pois Ele foi oferecido uma vez por todas sobre o Calvário, mas do Seu contínuo ministério, um serviço que é perpetuo, um sacrifício que sempre tem valor, conforme está escritor 'Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém, no mesmo céu, para agora comparecer, por nós ante a face de Deus; nem também para Si mesmo Se ofereceu muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio; de outra maneira, necessário Lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora na consumação dos séculos uma vez Se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo'. Heb. 9:24-26." – Bollman, "The Sanctuary and Its Service," R & H, 21de Julho de 1927.

(4) Pontos de vista dos expositores sobre o "contínuo"

(a) Guilherme Miller: Paganismo.

"Continuei lendo ... e não encontrei nenhum outro caso em que ele (o contínuo) aparece, a não ser em Daniel. Tomei então as palavras que se acham em conexão com estas, 'foi tirado'. 'Ele tirará' o contínuo; 'o contínuo será tirado', etc. Continuei lendo e julguei não encontrar luz alguma sobre o texto; finalmente cheguei a II Tess. 2:7, 8. 'Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; e então será revelado o iníquo', etc. E depois que cheguei àquele texto, oh! quão clara e gloriosa a verdade se me apresentou. Lá está ele! Isto é 'o contínuo'! Bem, o que quer Paulo agora dizer com 'aquele que agora permanece', ou resiste: por 'o homem do pecado', e 'o iníquo' se entende o papado. Bem, o que é então que impede a manifestação do papado? É o paganismo; nesse

caso então 'o contínuo' deve significar paganismo." – Guilherme Miller, Signs of the Times, 16 de nov. de 1842

(b) Uriah Smith: Paganismo

(c) Anônimo: A contínua mediação de Cristo

"O verdadeiro coração do evangelho foi removido quando a ponta pequena tirou o contínuo – ou a contínua mediação de Cristo, e lançou por terra o lugar do seu santuário evangélico, e o fez morada de ladrões – Ele (o mistério da iniquidade), derrubou os sacramentos e a verdade evangélica ao chão, e 'fez isto' e prosperou em suas sacrílegas perversões. A ponta pequena e a sua parte da hoste tinham ódio ao concerto; isto é, ao sangue do concerto, e por pisar virtualmente o Filho de Deus, e considerar o sangue do concerto destituído de santidade, eles derrubaram a verdadeira doutrina da cruz de Cristo, o crucificado." – Midnight Cry, 4 de Outubro de 1843.

(d) O. R. L. Crosier, 18861: Intercessão contínua de Cristo.

"O santuário do novo concerto está relacionado com a Nova Jerusalém, como o santuário do primeiro concerto estava com a velha Jerusalém. Exatamente como os sacerdotes do primeiro concerto ministravam naquele lugar, se dá no céu, lugar onde o Sacerdote do novo concerto ministra. A estes lugares, somente a estes, o Novo Testamento aplica o nome 'Santuário' e isto parece solucionar a questão para sempre. ... O sacerdócio do santuário terrestre do primeiro concerto pertencia aos filhos de Levi; mas o celestial, do melhor concerto, ao Filho de Deus. ... Sendo por Si mesmo perfeito, e eterno o Seu sacerdócio, pode Ele aperfeiçoar 'para sempre' e 'salvar perfeitamente os que por Ele se achegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles'. ... 'Ora, estando estas coisas assim ordenadas (o santuário terrestre com a sua divisão a seus utensílios) a todo o tempo (contínuo, Heb. 7:27; 10:11) entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os seus serviços'. ... O serviço contínuo descrito era uma forma da contínua intercessão. ... Cristo entrou na morada de Seu Pai, o Santuário, como Sumo Sacerdote, e iniciou a intercessão por Seu povo, rogando ao Pai por 'outro Consolador'. ... Jesus, o Mediador do novo Concerto no céu, e nosso Sumo Sacerdote intercessor, que faz expiação por Seu próprio sangue." – Crosier, em Day Star Extra, 1846; reeditado pela Advent Review, Setembro de 1050.

(e) David Arnold, 1849: Ministração contínua de Cristo

"No outono de 1844, cristo encerrou o Seu contínuo, ou, constante ministração ou mediação no primeiro compartimento do santuário celestial." – David Arnold, Present Truth, Dezembro de 1849.

(5) Declarações do Espírito da Profecia a respeito do artigo de Crosier, sobre o 'Santuário', e a questão do 'contínuo'.

"Creio que o Santuário a ser purificado no fim dos 2.300 dias é o Templo da Nova Jerusalém, do qual Cristo é um ministro. O Senhor me mostrou em visão, há mais de um ano, que o irmão Crosier estava com a verdadeira luz a respeito da purificação do Santuário, etc. e que era da Sua vontade que o irmão Crosier publicasse a visão que nos havia dado no Day-Star, Extra, de 7 de Fevereiro de 1846. Senti-me totalmente autorizada pelo Senhor, a recomendar aquele 'Extra' a cada santo." – E. G. White, A Word to the "Little Flock", 1847.

"Vi então em relação ao "contínuo" (Dan. 8:12), que a palavra "sacrifício" foi suprida pela sabedoria humana, e não pertence ao texto, e que o Senhor deu a visão correta àqueles a quem deu o clamor da hora do juízo. Quando houve união, antes de 1844, quase todos eram unânimes quanto à maneira correta de se entender o "contínuo"; mas na confusão desde 1844, outras opiniões têm sido abrigadas, seguindo-se trevas e confusão. O tempo não tem sido um teste desde 1844, e nunca mais o será." – White, PE., pp. 74, 75.

"Foi-me mostrado que isto não é um assunto de importância vital. Fui instruída de que nossos irmãos estão cometendo um erro em aumentar a importância da diferença entre os pontos de vista mantidos. Não posso consentir que qualquer de meus escritos seja tomado como solucionando esse assunto. O verdadeiro sentido do "contínuo" não deve ser tornado questão de prova." – White, 1 ME 164.

(6) Esforços papais para anular a ministração de Cristo a .favor do homem, no céu.

(a) "Por ele foi tirado o contínuo (sacrifício)" Dan. 8:11

O sistema papal tirou dos homens a verdadeira concepção da obra intercessória de Cristo a favor do homem caído, e o

substituíram desta maneira por um sistema de sacerdócio e ritualismo. Por tirar assim os homens alguns dos valores básicos da verdadeira religião e privar o homem dos benefícios da contínua obra de mediação a seu favor no santuário celestial, pode-se muito bem dizer que 'por ele o contínuo foi tirado'.

"O acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se adensavam as trevas. De Cristo, o verdadeiro fundamento, transferiu-se a fé para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes e prelados a quem delegava autoridade. Ensinava-se-lhe ser o papa seu mediador terrestre, e que ninguém poderia aproximar-se de Deus senão por seu intermédio; e mais ainda, que ele ficava para eles em lugar de Deus e deveria, portanto, ser implicitamente obedecido." – GC., 55.

"Quando a profecia fala no 'contínuo' sendo tirado 'por ele' – isto é, por algum poder anticristão – entendemos que se refere ao fato de que viria o tempo em que se fariam esforços para separar o povo de Deus e desviar suas mentes do sacrifício único de Seu Filho, Jesus Cristo. Haveria nula tentativa para tirar dos homens a constante e contínua intercessão de Jesus, que intercede por nós no santuário celestial, não feito por mãos; e para substituí-lo por alguma outra mediação, extra-divina. Haveria um esforço para tirar o Pão da Vida dos homens, e oferecer em seu lugar outro pão, incapaz de alimentar a alma. Haveria uma tentativa para afastar os olhos dos homens do 'Cordeiro de Deus', que tira o pecado do mundo' (João 1:29), e fixá-los em meios humanos de mediação." – Dalrymple, "The Mystery of Iniquity", Signs of the Times, 11 de Outubro de 1952

(b) O sacrifício papal da missa

O sacrifício diário da missa é para o católico romano de extrema importância. Ele olha para este sacrifício como sendo o 'diário', 'perpétuo', 'contínuo' meio de graça, e para o crente católico, este rito veio em grande extensão ocupar o lugar da constante mediação de Cristo.

"Deveria cessar todo o sacrifício com a morte de Cristo?

"Não; na Nova Lei da Graça deveria haver um sacrifício perpétuo, afim de representar continuamente aquele que uma vez foi consumado sobre a cruz, e a fim de aplicar o seu fruto as nossas almas. ...

"Que é então a Missa?

"A Missa é o perpétuo sacrifício do Novo Concerto, no qual Cristo, nosso Senhor, Se oferece, pelas mãos do sacerdote, sem sangue, sob as aparências de pão e vinho, ao Seu Pai Celestial, como Aquele que Se ofereceu com sangue sobre a cruz

"Que efeitos tem a Missa como Sacrifício de Propiciação?

"Por ela obtemos a misericórdia divina: 1. Graças de contrição e arrependimento para perdão dos pecados; 2. Remissão das penas temporais por causa dos pecados." – Deharbe, A Full Catechism of the Catholic Religion, pp. 262, 263, 265.

"P. É o sacrifício da Missa um sacrifício verdadeiro, propiciatório?

"R. Sim, tanto para os vivos como para os mortos.

"P. Em que sentido e ela um sacrifício propiciatório pelos vivos?

"R. Nisto: mediante ela, eles obtêm o espírito da comunhão e graça para arrependimento dos seus pecados. ...

"P. Há então mais do que um sacrifício propiciatório e expiatório? O sacrifício único da cruz não expiou todo o pecado?

"R. O sacrifício da cruz, e o sacrifício do altar são um, e os mesmos.

"P. Por que renovar então cada dia o mesmo sacrifício? Não é suficiente o sacrifício oferecido uma vez na sacrifício da cruz?

R. Os méritos e a virtude do sacrifício da cruz são infinitos; mas estes méritos devem ser aplicados, e isto só se pode fazer por certos meios.

"P. Quais são estes meios pelos quais os méritos do sacrifício da cruz são aplicados às nossas almas?

"R. São os sacramentos, e sacrifício da missa, oração e boas obras.

"P. Dentre estes meios, em que intensidade devemos considerar o sacrifício da missa?

"R. Devemos reconhecê-la como um meio empregado pelo Onipotente para aplicar os méritos sagrados do sacrifício da cruz às nossas almas." – Keenan, A Doctrinal Catechism, pp. 127-129

"Os sacrifícios rio Velho Concerto eram sombras do futuro sacrifício da cruz muito antes já do nascimento da Cristo. Após a Sua ascensão ao céu, um sacrifício idêntico continuou na Missa. ... Nosso divino Redentor quis

que o sacrifício consumado uma vez na cruz se prolongasse para sempre. E isto foi feito através da missa." – Papa Leão XIII, Encyclical Caritatis Studium, 25 de Julho de 1898.

"O que a santa missa faz é associar cada geração sucessiva de cristãos com a perpétua mediação do sacrifício eterno. ... Aqui não há regatos ou canais, mas a fonte bem fundamentada da graça redentora de Cristo." – The Sacrifice of the Mass, pp. 132, 136

"De conformidade com a ordem de nosso Senhor, o sacrifício de adoração do Altar tem sido diariamente renovado na igreja, desde a morte de nosso Salvador até a época atual, e será perpetuado até que não haja mais tempo. ... Se consultarmos os concílios gerais, nos quais se reunia a venerável hierarquia da Cristandade, eles todos nos dirão, a uma só vez, que o Sacrifício da Missa é o centro de sua religião." – Cardeal Gibbons, The Faith of our Fathers, pp. 357-359.

o. "E o lugar do Seu santuário foi lançado por terra." Dan. 8:11.

"Este lançar por terra deu-se nos dias do poder romano e pelos seus meios. Lançar o santuário por terra foi um ato Àquele contra o Qual Roma se levantara, e que é o Príncipe dos Exércitos, Jesus Cristo; e Paulo ensina que o Seu santuário esta no céu. ... Esta besta 'político-religiosa' profanou o santuário (Apoc. 13:6), e o derribou do seu lugar no céu (Sal. 102:19; Jer. 17:12; Heb. 8:1, 2), quando deram a Roma o nome de cidade santa (Apoc. 21:2) e instalaram lá o papa com os títulos de 'Senhor Deus o Papa', 'Santo Pai', 'Cabeça da Igreja', etc., e lá, no falso 'Templo de Deus', ele declara fazer aquilo que 'Jesus faz atualmente no Seu santuário. II Tess. 2:1-8." – Crosier, em Star Extra, 1846; reeditado na Advent Review, Set. de 1850.

O sistema papal considera a igreja como sendo o santuário de Deus e ensina que os ritos realizados pelos sacerdotes católicos são meios de salvação. Assim se torna este sistema um substituto da verdadeira obra de intercessão de Cristo no céu, e por isto se pode dizer que através da operação de tal sistema, o lugar do santuário de Cristo é lançado por terra.

"É o sangue da Vítima abatida no Calvário, 'fora das portas' o que oferecemos em nossos altares, hoje, dentro do santuário cristão. ... É o Sumo-Sacerdote da Nova Dispensação que traz para dentro do nosso

santuário o próprio sangue, e o oferecer ... O mesmo corpo dilacerado por nós no calvário está presente sobre o altar; o mesmo sangue que corria das feridas das santas mãos e pés e que gotejou do ferido coração é derramado de novo por nós. Através deste sacrifício de adoração, como ensina o Concílio de Trento, Deus, sendo aplacado, concede graça e dons de arrependimento e perdoa pecados e crimes mesmo os mais enormes." – MacDonald, The Sacrifice of the Mass, pp, 133, 134, 136.

"O sacrifício da cruz é suficiente para redimir todos os homens, mas deve ser comemorado e aplicado às nossas almas, conforme a ordenação de Jesus que disse: "Fazei isto em memória de Mim'. Isto é feito diariamente através da missa. ... Os sacerdotes não oferecem um novo, mas o mesmo sacrifício da cruz, assim como lhes foi ordenado fazer." – Philips, Questions Asked by Protestants, pp. 30, 31.

"Quem tem poder de perdoar pecados no Sacramento da Penitência?

"Os bispos eia igreja católica e os sacerdotes por eles comissionados...

"São verdadeiramente os sacerdotes que perdoam os pecados, ou eles apenas declaram que estão perdoados?

"O Sacerdote verdadeira e realmente perdoa os pecados, em virtude do poder que lhe foi dado por Cristo."

"Para que fim estabeleceu Cristo a igreja?

"Cristo estabeleceu a igreja para por ela levar todos os homens à salvação eterna. ...

"Se a igreja católica deve conduzir todos os homens à salvação eterna, e recebeu, para este fim, a sua doutrina de Cristo, os meios de graça, e os poderes que possui, qual é pois a obrigação de cada um individualmente?

"Cada um está obrigado, sob pena de condenação eterna, a tornar-se um membro da Igreja Católica, a crer em suas doutrinas, usar os seus meios de graça e submeter-se à sua autoridade. ... A Igreja Católica é, com justiça, chamada a única Igreja que salva. Desprezá-la, é o mesmo que desprezar a Cristo; nomeadamente, Sua doutrina, Seus meios de graça, e Seus poderes; separar-se dela é o mesmo que separar-se de Cristo, e perder a salvação eterna." – Deharbe, A Full Catechism of the Catholic Religion, pp, 150, 275, 140, 145.

p. "E o exército lhe foi entregue, com o sacrifício contínuo, por causa das transgressões." Dan. 8:12

Tradução de Moffat:

"Assim foi o sacrifício contínuo profanamente considerado."

Tradução Americana:

"Assim foi a oferta irregular tratada com violência criminosa."

q. "Lançou a verdade por terra." v. 12

Tradução de Moffat: "A verdadeira religião foi calcada ao chão."

r. "Fez isto e prosperou." vv, 12, 24

Tradução de Moffat: "A ponta prosperava em sua carreira."

Tradução Americana: "Fazia o que queria, e prosperava."

s. "Mas sem mão será quebrada." Dan. 8:25; 7:26; Apoc. 13:10

Tradução de Moffat:

"Mas com um golpe, não de mão humana, ela será despedaçada."

t. Resumo da ponta pequena

O que segue é uma recapitulação de Dan. 8:9-12, 23-25, conforme aparece na Tradução Americana, com as explicações dadas entre parêntesis:

9. De uma delas (AS MONARQUIAS GRECO-HELÊNICAS) saiu outra ponta, uma ponta pequena (O PODER ROMANO), que cresceu muito para o sul, para o oriente, e para a terra formosa (DA PALESTINA)

10. Ela (ROMA) tornou-se tão grande como o exército do céu, (OS GUIAS DO POVO DE DEUS); e algumas das estrelas do exército (OS GUAIS DO POVO DE DEUS) lançou por terra e as pisou a pés.

11. Ela (ROMA) fez-se tão grande como o Príncipe do Exército (CRISTO A CABEÇA DA IGREJA), cujo contínuo sacrifício (O CONTÍNUO MINISTÉRIO INTERCESSÓRIO DE CRISTO) Lhe (DE CRISTO) foi tirado, e profanou o lugar (O LUGAR DO VERDADEIRO CULTO DE DEUS, A IGREJA DE CRISTO, E A OBRA DE MEDIAÇÃO DE CRISTO NO SANTUÁRIO CELESTIAL) do Seu santuário.

12. Assim foi o contínuo sacrifício (O CONTÍNUO MINISTÉRIO INTERCESSÓRIO DE CRISTO) tratado com criminosa violência, e a

verdade lançada ao chão, enquanto (O PODER PAPAL ROMANO) fazia, o que queria e prosperava.

13. E no fim destes reinos (AS MONARQUIIAS GRECO-HELÊNICAS), quando os crimes chegarem a sua altura, então se levantará um rei feroz de cara (O PODER ROMANO), entendido em artifícios secretos.

14. Ele (O PODER ROMANO) alcançará grande poder, mas não por sua própria força; ela (ROMA) causará temerosa destruição, e prosperará no que fizer, na destruição de poderosos rivais.

15. Ela (ROMA PAPAL) fará planos contra os santos, e fará prosperar o engano na sua mão; ele (O PAPADO) tentará grandes coisas em sua mente, e destruirá muitos inocentes; ele (O PODER PAPAL) se levantará contra o Príncipe dos príncipes (CRISTO), mas será quebrado sem mão humana.

4. A purificação do santuário e os 2.300 dias

a. Dois santos em conversa - Dan. 8:13

"Até quando durará a visão?"¹ v, ló

(1) "Do contínuo sacrifício" v. 13

(2) "E da transgressão assoladora" v. 13

(3) "Para que seja entregue o santuário, e o exército, a fim de serem pisados?" .

O que segue é uma tradução do verso 13 conforme aparece na Tradução Americana, com as explicações dadas entre parêntesis:

"Então ouvi um santo que falava; e o outro santo perguntou ao que falava, 'Quanto durará a visão do contínuo sacrifício (A CONTÍNUA OBRA DE MEDIAÇÃO DE CRISTO) para ser tirado, e posto em seu lugar o crime desolador (A CORRUPÇÃO. O FALSO SISTEMA ESTABELECIDO PELO PODER ROMANO), e o santuário (O SANTUÁRIO DE DEUS ONDE CRISTO EFETUA A SUA OBRA DE MEDIAÇÃO), e o exército do céu (O POVO DE DEUS) pisado a pés?' "

b. Uma mensagem a Daniel

Até duas mil e trezentas tardes e manhãs (dias) então o santuário será purificado." V. 14

- (1) Uma mensagem para o tempo do fim. V. 19
 - (2) Uma visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira." v. 26.
 - (3) A visão é cerrada, "porque é para daqui a muitos dias." v. 26
Tradução de Moffat: "A visão das tardes e manhãs que foi dita é verdadeira. Mas (guarda) conserva a visão em segredo, pois se refere ao futuro distante."
Tradução Judaica: "E a visão das tardes e manhãs que foi dita é verdadeira; mas tu, encerra a visão; pois pertence a muitos ãlias que estão para vir."
- c. A reação de Daniel ante a visão - v. 27.
- (1) Daniel desmaia e adoece
 - (2) Daniel espantado acerca da visão
 - (3) Daniel incapaz de entender a visão.
- Tradução de Moffat: "Por isto eu, Daniel estive enfermo por alguns dias; após os quais me levantei e fui tratar dos negócios do rei. E fiquei espantado com a visão; e não a podia entender."
Tradução Americana: "Eu estiva inquieto pela visão, pois eu não a podia entender." Tradução Judaica: "Eu fiquei espantado com a visão, mas irãõ a entendi."

VI. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, Notes on the Book of Daniel, pp. 335-3357
Boyle, W. R. A., The Inspiration of the Book of Daniel, pp. 188-300
Haskell, Stephen N., The Story of Daniel the Prophet, pp. 119-135
Seiss, J. A., Voices from Babylon, pp. 206-230
Smith, Uriah, Daniel and the Revelation, pp. 149-191
Spicer, W. A., Our Day in the Light of Prophecy, pp. 205-211

A ORAÇÃO DE DANIEL, AS SETENTA SEMANAS, E O NOVO CONCERTO E SANTUÁRIO

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 9

II. ÉPOCA DA VISÃO

O primeiro ano de Dario, o medo, 538 A.C. - v. 1.

III. DANIEL ENTENDE A PROFECIA DOS SETENTA ANOS DE JEREMIAS - v. 2

IV. A FERVOROSA ORAÇÃO DE DANIEL - vv. 3-19

A. O motivo da oração de Daniel – não entendera a visão recente.

1. De acordo com a profecia de Jeremias o tempo de volta a Jerusalém e a restauração do seu santuário esta às portas
2. Conforme a sua própria visão, isto se daria muito tempo antes de o santuário ser purificado
3. Daniel, sem dúvida, temia que por causa dos pecados de Israel. Deus decidira prolongar o período de cativo

B. Daniel procura por meio de confissão e súplicas de perdão levar Deus a permitir a imediata libertação do cativo e a restauração do santuário em Jerusalém

1. A confissão de Daniel em favor do seu povo - vv. 3-6
2. A confusão pertence a Israel mas o perdão pertence a Deus - vv. 7-9
3. Uma maldição sobre Israel por causa da transgressão - vv. 10-15
4. Um pedido para que a ira de Deus se afaste de Jerusalém e do santuário - vv. 16-19

V. A RESPOSTA DE DEUS À ORAÇÃO DE DANIEL: vv. 20~23

- A. O anjo Gabriel é enviado de novo a Daniel. Dan. 9:20, 21; 8:16, 17
- B. Daniel recebe entendimento a respeito da visão - Dan. 9:22, 25

VI. AS SETENTA SEMANAS E SUA RELAÇÃO COM OS DOIS MIL E TREZENTOS DIAS: vv. 24-27

- A. "setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade." V. 24

A palavra hebraica *cathak*, aqui traduzida por "determinada" no Kal ou voz ativa, significa cortar, ou dividir. A forma aqui usada é Niphal ou passiva. Esta é a única ocorrência desta raiz na Bíblia hebraica. O verbo usado na Septuaginta é *suntemno*, que significa cortar, separar de, picar, dividir.

- B. A grande obra a ser realizada no período das setenta semanas

1. "Para extinguir a transgressão".
2. "Para dar fim aos pecados".
3. "Para expiar a iniquidade".
4. "Para trazer a justiça eterna".
5. "Para selar a visão e a profecia".
6. "Para ungir o santo dos santos".

- C. O início das setenta semanas - v. 25.

1. "Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém." v. 25.
 - a. Os três decretos sobre a restauração de Jerusalém:
 - (1) O primeiro decreto, por Ciro, 538 A.C. - II Crôn. 36:22, 23; Esdras 1:1-4: 5:13,17; 6:3.
 - (2) O segundo decreto, por Dario, 519 A.C. - Esdras 6:1, 8-11.
 - (3) O terceiro decreto, por Artaxerxes, 457 A.C. - Esdras 7:6-26.

- b. Os três decretos simplesmente relacionados - Esdras 6:14.
- c. A localização do sétimo ano de Artaxerxes - Esdras 7:7, 8.
 - (1) O início do reino de Artaxerxes - 465 A.C.
 - (2) O método de Neemias para reconhecer os anos de Artaxerxes - Neem. 1:1; 2:1.

D. O dia-ano - Núm. 14:34; Ezeq. 4:6.

E. As setenta semanas e suas divisões.

1. As sete semanas, ou quarenta e nove dias ou anos - Dan. 9:25. 457-408 A.C.

a. "As ruas e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos" v. 25.

2. As sessenta e duas semanas, ou quatrocentos e trinta e quatro dias ou anos - v. 25 408 A.C. - 27 A.D.

a. "Até ao Messias, o Príncipe" v. 25.

Tradução Judaica: "Até um Ungido, um príncipe".

Tradução de Moffat: "A consagração de um supremo sumo sacerdote".

Septuaginta: "Até Cristo, o príncipe".

b. Jesus, o Ungido - S. João 1:41.

(1) Jesus ungido em Seu batismo - Atos 10:38; Luc. 3:21-22 .

(2) Jesus prossegue cheio do Espírito Santo - Luc. 4:1, 14

(3) Jesus ungido para pregar o evangelho - Luc. 4:18, 19

(4) A época de Jesus, batismo ou unção

(a) O décimo quinto ano de Tibério César - Luc. 3:1

"Existem moedas de Antíoco da Síria datadas A.U. 765 (12 A.D.), com a cabeça de Tibério e a inscrição, Cesar, Sebastos (Augusto)." – Schaff, History of the Christian Church, vol. I, p. 120, rodapé.

(b) Jesus com cerca de 30 anos de idade - Luc. 3:23.

(c) Uma profecia cumprida

"Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos." Luc. 4:21.

"O tempo está cumprido" Mar. 1:15

"O 'tempo' que declarava estar cumprido, era o período de que o anjo Gabriel falara a Daniel. ... No ano 27, Jesus recebeu, em Seu batismo, a unção do Espírito Santo, e pouco depois começou Seu ministério. Foi então proclamada a mensagem: 'O tempo está cumprido'." – D.T.N., p. 233

- (d) A blasfêmia talmúdica a respeito do 'tempo' de Daniel
 "Possam os ossos das mãos e os ossos dos dedos se estragar e se decompor daquele que manuseia as páginas de Daniel, para descobrir o tempo." Sanhedrin, 97 B, Sec. 2, linha 28.

3. A última semana Dan. 9:26, 27

27 - 34 A.D.

"Será tirado o Messias" v. 26

- (1) "E na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares." V. 27

31 A.D.

- (a) O véu do templo se rasga na morte de Cristo. Mat. 27:50, 51
 (b) Fim do sistema sacrificial ao tipo encontrar o antítipo - Heb. 7:27; Mat. 1:21; João 1:29; Efés. 2:15, 16
 (c) O fim da semana - Dan. 9:24, 26, 27

34 A.D.

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade." V. 24

Tradução Judaica: "Setenta semanas estão decretadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade."

Tradução de Moffat: "Setenta semanas de anos estão fixadas para o teu povo e para a tua cidade sagrada."

Tradução Americana: "Setenta semanas de anos estão destinadas para o teu povo e para a tua cidade santa."

(a) O fim do período destinado aos judeus

"As setenta semanas, ou 490 anos, especialmente conferidas aos judeus, terminaram, como vimos, no ano 34. Naquele tempo, pelo ato do sínédrio judaico, a nação selou sua recusa do evangelho, pelo martírio de Estêvão e perseguição aos seguidores de Cristo. Assim, a mensagem da salvação, não mais restrita ao povo escolhido, foi dada ao mundo. Os discípulos, forçados pela perseguição a fugir de Jerusalém, 'iam por toda parte, anunciando a Palavra'." – GC., p. 328.

(b) Os terríveis resultados da separação de Israel de Deus - vv. 26, 27; Mat. 24:15.

"Jesus declarou aos discípulos que O escutavam, os juízos que deveriam cair sobre o apóstata Israel, e especialmente o castigo retribuidor que lhe sobreviria por sua rejeição e crucifixão do Messias. Sinais inequívocos precederiam a terrível culminação. A hora temida viria súbita e celeremente. E o Salvador advertiu a Seus seguidores: "Quando pois virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, atenda), então os que estiverem na Judéia fujam para os montes." Mat. 24:15 e 16; Luc. 21:20. Quando os símbolos idolátricos dos romanos fossem erguidos em terra santa, a qual ia um pouco além dos muros da cidade, então os seguidores de Cristo deveriam achar segurança na fuga. ...

"Os judeus haviam forjado seus próprios grilhões; eles mesmos encheram a taça da vingança. Na destruição completa que lhes sobreveio como nação, e em todas as desgraças que os acompanharam depois de dispersos, não estavam senão recolhendo a colheita que suas próprias mãos semearam. – GC., pp. 25,26, 35.

F. A importância da profecia das setenta semanas para a confirmação da palavra profética

Tradução Americana: Para confirmar a visão profética." Dan. 9:24

Tradução de Moffat: Para ratificar a visão profética."

Tradução Judaica: "Para selar a visão e o profeta."

"O tempo da vinda de Cristo, Sua unção pelo Espírito Santo, Sua morte, e a pregação do evangelho aos gentios, foram definitivamente

indicados. O povo judeu teve o privilégio de compreender essas profecias e reconhecer seu cumprimento na missão de Jesus. Cristo insistia com Seus discípulos quanto à importância do estudo profético. Referindo-Se à profecia dada a Daniel acerca do tempo deles, disse: 'Quem lê, entenda.' Mat. 24:15." – DTN., p. 234.

VII. A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO NO FIM DOS DOIS MIL E TREZEITOS DIAS - Dan. 8:14

A. As datas envolvidas

1. O início do período - Dan. 9:25.

"Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém."

a. O decreto de Artaxerxes – 457 A.C.

2. O fim do período – 1844 A.D.

B. O santuário e sua purificação

1. O santuário terrestre ou velho concerto

a. O objetivo do santuário - Êx. 25:8; 29::36-45; Lev. 4

b. Os serviços do santuário

(1) Os serviços e os sacrifícios diários - Heb. 7:27; 9:6; Êx. 29:36-45; Lev. 4

(2) O serviço anual – o dia da expiação - Lev. 16; Heb. 9:7

(a) O bode do Senhor e o bode emissário Azazel. Lev. 16:7-22

"O envio do bode era, conforme declaração de 'Nahmanides', uma expressão simbólica da idéia de que os pecados do povo e suas más conseqüências eram mandados de volta ao espírito da ruína e desolação, a fonte de toda a impureza." "Azazel", The Jewish Encyclopedia, vol. II

"Ao lado desta cerimônia, contudo, não é fácil traçar a existência desta crença numa tal pessoa entre os israelitas, embora fosse bastante comum entre outros povos. (Wellhausen, *Reste Arab. Heid.*, pp. 135-140). Em Israel ela sobrevivia como uma sombra, um vestígio da primitiva demonologia semítica e era usada para expressar o pensamento de que o pecado pertence a um poder ou princípio hostil a Jeová e, a completa purificação devia incluir o envio de volta a sua fonte deste ser." – "Azazel", New Standard Bible Dictionary.

"A palavra tem sido interpretada de duas maneiras: pessoal e impessoal, significando: 1. lugar deserto, solitário. 2. O bode da separação. ... 3. Um substantivo abstrato; remoção. ... 4. Um ser pessoal: (a) algum demônio do deserto (Strade); (b) um anjo caído que seduz os homens ao pecado (Livro de Enoch 8:1; 10:4); (c) um epíteto aplicado ao diabo (Origen, Hengstenberg, Uehler, Kurtz, Keil; veja Milton, Paradise Lost 1).

"Uma das três interpretações é satisfatória: 1. Julgar a palavra como sendo o nome do espírito que supostamente tinha a sua morada no deserto, longe de qualquer habitação humana, a quem o bode carregado com os pecados do povo era enviado. Em Azazel pode estar o traço do ilícito culto dos demônios ou sátiros. Se este é o caso, o Pentateuco reconhece um demônio tal apenas como um espírito maligno a quem pertencem os pecados do povo. 2. Julgar a palavra como uma abstração, 'Arão lançará sortes sobre os dois bodes; uma sorte por Jeová, e outra sorte por Azazel' (remover ou exonerar). ... 3. Julgar a palavra como um epíteto do diabo, o apóstata. Aqueles que estão cheios de pecados pertencem ao diabo. A objeção a esta interpretação é que Satanás não é mencionado em parte alguma do Pentateuco. A serpente o é na verdade, mas não é certo que o diabo fosse, como ainda se reconhece, o possuidor e atuador da serpente da tentação." – "Azazel", The Westminster Dictionary of the Bible.

"O uso é a preposição o indica (que Azazel é um substantivo próprio). A mesma preposição é usada nas duas sortes. La-Yehovah, La-Azazel, e se uma determina uma pessoa, parece natural que a outra o deva fazer também. Especialmente o ato de lançar sortes. Se um é Jeová, a outra parece ser alguma outra pessoa ou ser; não uma para Jeová, e outra para o bode mesmo. ...

"A Septuaginta, ou seja, a mais velha versão grega, o dá por apompaios, uma palavra aplicada pelos gregos a uma deidade maligna, às vezes apaziguada por sacrifícios.

"Outra confirmação se encontra no livro de 'Enoch', onde o nome Azazel, evidentemente, uma corrupção de Azazel, é dada a um dos anjos caídos, mostrando assim claramente qual era a idéia prevalecente dos judeus naquele dia.

"Ainda outra evidência se encontra no Árabe, onde Azazel é empregado como sendo o nome do espírito maligno. ...

"Outra passo para esta evidência é quando encontramos esta mesma opinião passando dos judeus para a primitiva igreja cristã. Orígenes era o

mais instruído dos pais da igreja, e sobre um tal ponto como este, a significação de uma palavra hebraica, seu testemunho é valioso. Diz Orígenes: 'Aquele que é chamado na Septuaginta ho apompaios, e no hebraico Azazel, não é outro senão o diabo.'

"Por fim, menciona-se uma circunstância do imperador Juliano, o apóstata, que confirma o argumento. Ele apresentou como objeção à Bíblia, que Moisés ordenou um sacrifício ao espírito maligno. Uma objeção na qual ele nunca poderia ter pensado, se Azazel não fosse considerado nome próprio.

"À vista disso, então, das dificuldades que acompanham algum outro significado, e das evidências acumuladas a favor desta, Hengstenberg afirma, com grande confiança, que Azazel não pode ser outra coisa senão um outro nome de Satanás." – Charles Beecher, Redeemer and Redeemed, an Investigation of the Atonement and of the Judgment, pp. 67,68.

"Visto que Satanás é o originador do pecado, o instigador direto de todos os pecados que ocasionaram a morte do Filho de Deus, exige a justiça que Satanás sofra a punição final. A obra de Cristo para a redenção dos homens e purificação do Universo da contaminação do pecado, encerrar-se-á pela remoção dos pecados do santuário celestial e deposição dos mesmos sobre Satanás, que cumprirá a pena final. Assim no cerimonial típico, o ciclo anual do ministério encerrava-se com a purificação do santuário e confissão dos pecados sobre a cabeça do bode emissário." – PP., p. 358.

- (b) O santuário purificado no dia da expiação - Lev. 16:16, 19, 30.
- (c) Uma purificação final do povo de Deus dos seus pecados - Lev. 16:20-22, 29, 50
Tradução de Moffat: "Naquele dia se faz expiação para a vossa purificação, para purificar-vos de todos os vossos pecados diante do Eterno. ... Expiação se fará por vos pelo sacerdote ungido." Lev. 16:30, 32
- (d) O dia da expiação reconhecido pelos judeus como o dia do juízo

"Era de acordo com o dia em que se imaginava Jeová assentado no meio do Seu tribunal divino e administrar justiça e decidir os destinos de

Israel, e talvez de outras nações também, para o ano entrante. ... Inquestionavelmente a origem deste quadro representa Jeová assentado no templo, entre os Seus assistentes divinos, presidindo o juízo no Dia de Ano Novo e fixando o destino de Israel para o ano entrante. ... Acima de tudo, era este o dia em que Jeová julgava e fixava os destinos de Israel e de todas as nações." – Julian Morgenstern, "The Book of the Covenant", Hebrew Union College Annual, Vol. V, 1928, pp. 45, 49, 59.

c. O santuário terrestre um tipo do santuário celestial - Êx. 25:9, 40; Heb. 8:2, 5, 9:11, 23, 24.

"Aquele santuário em que Jesus ministra em nosso favor, é o grande original, de que o santuário construído por Moisés era uma cópia.

"Do templo celestial, morada do Rei dos reis, onde milhares de milhares O servem, e milhões de milhões estão diante dEle (Dan. 7:10), templo repleto da glória do trono eterno, onde serafins, seus guardas resplandecentes, velam o rosto em adoração; sim, desse templo, nenhuma estrutura terrestre poderia representar a vastidão e glória. Todavia, importantes verdades relativas ao santuário celestial e à grande obra ali prosseguida em prol da redenção do homem, deveriam ser ensinadas pelo santuário terrestre e seu cerimonial." – P.P., p. 357.

2. O santuário celestial ou novo concerto.

a. Cristo o sumo sacerdote - Heb. 8

b. O ministério de Jesus no lugar santo do novo testamento e novo santuário Heb. 9:11-26

c. O santuário celestial a ser purificado - Heb. 9:23, 24

Tradução de Moffat: "Agora pois, como as cópias das coisas celestiais tinham que ser purificadas com sacrifícios iguais a estes, as mesmas coisas celestiais requeriam sacrifícios mais nobres. Pois Cristo não entrou num lugar santo feito por mãos humanas (um mero tipo da realidade); Ele entrou no mesmo céu, para agora comparecer na presença de Deus a nosso favor." Heb. 9:23, 24.

Tradução de Weymouth: "Era necessário pois que as cópias das coisas no céu se purificassem desta maneira, mas as mestras coisas celestiais deviam ser purificadas com sacrifícios mais custosos. Pois Cristo não entrou apenas num lugar santo construído por mãos humanas – uma simples cópia da realidade – mas no mesmo céu, para agora comparecer na presença de Deus a nosso favor." Heb. 9:23, 24.

- (1) Um dia de juízo por vir. Dan. 7:10; Apoc. 14:6, 7; Atos 17:31
- (2) Os mortos julgados pelas coisas escritas, segundo as suas obras. Apoc. 20:12; II Cor. 5:10; Ecl. 12:14.
- (3) Jesus, o advogado do homem, no juízo I João 2:1
- (4) Os pecados dos justos apagados. Atos 3:19-21
- (5) O nome do vencedor permanece no livro da vida de Deus Apoc. 3:5
- (6) Aquele que peca é apagado do livro de Deus. Êxo. 32:33
- (7) Os sentenciados são aqueles cujos nomes não estão no livro da Deus. Apoc. 20:15
- (8) Os casos de todos eternamente selados. Apoc. 22:11
- (9) Após o julgamento, a obra sacerdotal de Cristo termina. Ele volta como Rei para salvar o Seu povo - Heb. 9:27, 28; Apoc. 15:5, 8; 16:17; 19:16; 22:12; Luc. 1:32, 33; Dan. 7:13, 14, 26, 27.

Tradução de Moffat: "E como está apontado para os homens morrerem uma vez e depois disto serem julgados, assim Cristo, depois de ter sido sacrificado uma vez para levar os pecados de muitos, aparecerá de novo, não para tratar com o pecado mas para a salvação daqueles que o esperam." Heb. 9:27, 28

Versão Revised Standard: "E como está apontado aos homens morrerem uma vez, vindo depois disto o juízo, assim Cristo, tendo sido oferecido uma vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, não para tratar com o pecado mas para salvar aqueles que ansiosamente O esperam." Heb. 9:27, 28

Os trechos acima tornam claro que o trabalho de purificação do santuário celestial é realmente a obra final de juízo de Cristo. É então que cada caso estará decidido para toda a eternidade. Os pecados dos justos são tirados dos relatórios, e eles permanecem puros diante de Deus. Ao completar-se o juízo investigativo, a obra de Cristo a favor dos pecadores cessa, e ele volta para salvar o Seu povo.

"Ao lado de cada nome, nos livros do Céu, estão escritos, com terrível exatidão, toda palavra inconveniente, todo ato egoísta, todo dever não cumprido e todo pecado secreto. ...

"Os que no juízo forem "havidos por dignos", terão parte na ressurreição dos justos. ... Conseqüentemente não estarão presentes em pessoa no tribunal em que seus registros são examinados e decidido seu caso.

"Jesus aparecerá como seu Advogado, a fim de pleitear em favor deles perante Deus. Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus. ... Quando alguém tem pecados que permaneçam nos livros de registro, para os quais não houve arrependimento nem perdão, seu nome será omitido do livro da vida. ...

"Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé hajam reclamado o sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, tiveram o perdão acrescentado ao seu nome, nos livros do Céu; tornando-se eles participantes da justiça de Cristo, e verificando-se estar o seu caráter em harmonia com a lei de Deus, seus pecados serão riscados e eles próprios havidos por dignos da vida eterna. ...

"A obra do juízo investigativo e extinção dos pecados deve efetuar-se antes do segundo advento do Senhor. ...

"No culto típico, o sumo sacerdote, havendo feito expiação por Israel, saía e abençoava a congregação. Assim Cristo, no final de Sua obra de mediador, aparecerá "sem pecado, ... para salvação" (Heb. 9:28), a fim de abençoar com a vida eterna Seu povo que O espera." – GC., pp. 482-485.

(10) Satanás, o antitípico bode emissário, amarrado por mil anos.

Apoc. 20:1-3

"Como o sacerdote, ao remover do santuário os pecados, confessava-os sobre a cabeça do bode emissário, semelhantemente Cristo porá todos

esses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado. O bode emissário, levando os pecados de Israel, era enviado "à terra solitária" (Lev. 16:22); de igual modo Satanás, levando a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer, estará durante mil anos circunscrito à Terra, que então se achará desolada, sem moradores, e ele sofrerá finalmente a pena completa do pecado nos fogos que destruirão todos os ímpios. Assim o grande plano da redenção atingirá seu cumprimento na extirpação final do pecado e no livramento de todos os que estiverem dispostos a renunciar ao mal." – GC., pp. 485-486.

- (11) A fase executiva final do juízo. Jud. 14, 15; Apoc. 20:4-6; Dan. 7:22; II Tess. 1:7-9

VIII. BIBLIOGRAFIA

- Barnes, Albert, Notes on the Book of Daniel, pp. 357-416
Boutflower, Charles, In and Around the Book of Daniel, pp. 168-213
Doyle, W. R. A., The Inspiration of the Book of Daniel, pp. 420-658
Christian, L. H., Facing the Crises, pp. 269-284
Haskell, Stephen, The Story of Daniel the Prophet, pp. 136-175
Haynes, Carlyle B., What is Coming?, pp. 41-71
Pusey, E. B., Daniel the Prophet, pp. 184-229.
Seiss, J. A., Voices from Babylon, pp. 231-256
Smith, Uriah, Daniel and the Revelation, pp. 193-225
Spicer, W. A., Our Day in the Light of Prophecy, pp. 213-237
White, Ellen G., O Grande Conflito, pp. 483-486
_____. Patriarcas e Profetas, pp. 343-358
Young, E. J., The Prophecy of Daniel, pp. 183-222

UMA CRISE E UMA VISÃO

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 10

II. A ÉFOCA O terceiro ano de Ciro da Pérsia - 536 A.C. - v. 1.

III. INTRODUÇÃO - v. 1

A. Um certo fato revelado a Daniel

B. Um fato verdadeiro

C. Um grande conflito

A oração na versão do rei Tiago, "e o tempo apontado era extenso", vem do hebraico we-tsava gadhol. Traduzido literalmente isto quer dizer, 'e grande conflito'. Em outras traduções aparece como segue:

Tradução Judaica: "Mesmo uma grande guerra".

Tradução Americana: "Referente a uma grande guerra".

Tradução de Moffat: "De um grande conflito".

D. Daniel presta atenção ao assunto e entende a visão

Tradução de Moffat: "Ele prestou atenção à revelação e entendeu a visão."

Tradução Judaica: "Ela deu atenção à palavra, e teve entendimento da visão."

IV. A TRISTEZA E O JEJUM DE DANIEL

A. Por um período de três semanas - v. 2

B. Abstenção de manjar desejável, carne e vinho - v. 3

C. Não se unge com unguento - v. 5

V. DANIEL EM VISÃO

A. A época – o vigésimo quarto dia do primeiro mês - v. 4

B. O lugar – ao lado do grande rio Hidequel, o Tigre - v. 4

C. A visão do Filho de Deus - Dan. 10:5, 6; Cf. Apoc. 1:13-15

| DANIEL | JOÃO EM APOCALIPSE |
|---|---------------------------------------|
| Um certo homem v. 5 | Um semelhante a filho de homem 1:13 |
| Vestido de linho v. 5 | Vestido com vestes talares v. 13 |
| Cingido com ouro fino v. 5 | Um cinto de ouro v. 13 |
| Seu rosto era como o relâmpago v. 6 | Seu rosto brilhava como o sol v. 16 |
| Olhos como tochas de fogo v. 6 | Olhos como chama de fogo v. 14 |
| Braços e pés como bronze polido v. 6 | pés semelhantes a bronze polido v. 15 |
| A voz de suas palavras era como o estrondo de muita gente v. v. 6 | Voz como a voz de muitas águas v. 15 |

D. A condição de Daniel em visão - Dan. 10:7-9

| DANIEL | PAULO NA ESTR. DE DAMASCO |
|--|--|
| Só Daniel viu a visão v. 7 | |
| Os homens que estavam com ele não a viram v. 7 | Os homens que estavam com ele não viram ninguém Atos 9:7 |
| Os homens fugiram para esconder-se v. 7 | Os homens que estavam com ele fugiram espantados 9:7 |
| Caiu sobre eles grande temor v. 7 | Paulo tremendo e atônito 9:6 |
| Ficou só v. 8 | |
| Ficou sem força v. 8 | |
| A formosura se transformou em desmaio v. 8 | |
| Ouviu a voz de suas palavras v. 9 | Ouviu uma voz lhe falando 9:4 |
| Profundamente adormecido com a face para o chão v. 9 | Paulo andando caiu em terra 9:4 |

E. Um anjo aparece a Daniel - Dan. 10:10-21

| DANIEL | JOÃO EM APOCALIPSE |
|--|--|
| Certa mão lhe tocou v. 10 | Pôs a destra sobre ele Apoc. 1:17 |
| Ficou de joelhos v. 10 | |
| A voz diz: "Daniel, homem muito amado" v. 11 | |
| "Está atento às palavras que te vou dizer" v. 11 | |
| "Fique de pé" v. 11 (BLH) | |
| Daniel fica tremendo v. 11 | João caiu aos Seus pés como morto Apoc. 1:17 |
| Disse-lhe: "Não temas" v. 11 | Disse-lhe: "Não temas" Apoc. 1:17 |

F. A mensagem do anjo a Daniel - Dan. 10:12-21

1. anjo é enviado em resposta à oração de Daniel - v. 12
2. O anjo detido com o príncipe da Pérsia por 21 dias - v. 12
 - a. Miguel é enviado para assistir o anjo - v. 13

(1) A identificação de Miguel - Dan. 12:1; Jud. p; I Tess. 4:16; João 5:25

"Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades no reino da Medo-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por intermédio do profeta Daniel é-nos dado um lampejo desta poderosa luta entre as forças do bem e as do mal. Durante três semanas Gabriel se empenhou em luta com os poderes das trevas, procurando conter as influências em operação na mente de Ciro; e antes que a contenda terminasse, o próprio Cristo veio em auxílio de Gabriel. ... Tudo que o Céu podia fazer em favor do povo de Deus foi feito. A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises, que reinou cerca de sete anos e meio." – P.R., pp. 571, 572.

3. O anjo enviado para fazer Daniel entender o que sucederia ao seu povo nos últimos dias - Dan. 10:14
 - a. A visão é para muitos dias - v. 14, Cf. Dan. 8:26

G. Daniel inclina o seu rosto em terra e emudece - Dan. 10:15

H. Alguém semelhante aos filhos dos homens aparece a Daniel. v. 16

1. Abre-se a boca de Daniel - v. 16
 2. Por causa da visão não ficou em Daniel nem força nem fôlego vv. 16, 17
 3. Daniel é tocado e fortalecido - v. 18
 4. A mensagem do anjo a Daniel - vv. 19-21
 - a. "Não temas, homem muito amado! ... Sê forte" v. 19
 - b. O anjo de volta à luta com o príncipe da Pérsia - v. 20
 - c. A próxima peleja com o príncipe da Grécia - v. 20
 - d. Daniel vê a verdade no livro de Deus - v. 21
 - e. Miguel, o único assistente do anjo - v. 21
- Tradução de Moffat: "Meu único aliado contra eles é Miguel, vosso próprio anjo da guarda."
- Tradução Americana: "Não há ninguém que me ajude contra estes, exceto vosso anjo Miguel."

VI. BIBLIOGRAFIA

Barnes, Albert, Notes on the Book of Daniel, pp. 417-430

Boutflower, Charles, In and Around the Book of Daniel, pp. 212-225

Haskell, Stephen, The Story of Daniel the Prophet, pp. 176-183

Seiss, J. A., Voices from Babylon, pp. 257-278

Smith, Uriah, Daniel and the Revelation, pp. 225-251

White, Ellen G., Profetas e Reis, pp. 571-572

Young, E. J., The Prophecy of Daniel, pp. 225-250

O GRANDE CONFLITO DA HISTÓRIA

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 11

II. A ÉPOCA

O primeiro ano de Dario, o medo - 538 A.C. - v. 1.

Deve-se notar que isto capítulo é do mesmo ano do capítulo nove, quando Gabriel fora enviado a Daniel para fazê-lo entender aquelas coisas ainda não caras referentes a visão de Daniel oito. Ver Dan. 8:15-19, 27; 9:21-23

III. O ANJO GABRIEL

A. O anjo Gabriel anima o rei Dario - Dan. 11:1.

"O reinado de Dario foi honrado por Deus. A ele foi enviado o anjo Gabriel, "para o animar e fortalecer". Dan. 11:1." – P.R., p. 556

B. Gabriel revela a verdade sobre o conflito vindouro - Dan. 11:2.

IV. A FIXAÇÃO DE DANIEL ONZE

Para entender corretamente a relação deste capítulo com vários outros capítulos da Daniel, é preciso que ele seja estudado cuidadosamente. Primeiramente deve-se notar que Daniel doze está intimamente relacionado com Daniel onze, sendo meramente uma continuação do mesmo relato. As datas destes capítulos devem também ser cuidadosamente estudadas. São as seguintes:

| | | |
|---------------|------------------------|-------------------|
| Daniel 8 | 3º ano de Belsazar | 539 A.C. ou antes |
| Daniel 9 | 1º ano de Dario o medo | 538 A.C. |
| Daniel 11, 12 | 1º ano de Dario o medo | 538 A.C. |
| Daniel 10 | 3º ano de Ciro | 536 A.C. |

V. A RELAÇÃO DE DANIEL ONZE COM OS CAPÍTULOS CONTÍGUOS

Uma comparação do assunto principal, as expressões empregadas, e o desenvolvimento geral do tema, revelam uma relação notável entre Daniel onze e os capítulos adjacentes. O paralelo entre Daniel onze e Daniel oito é simplesmente admirável. Em certos casos onde aparecem expressões diferentes na tradução inglesa, o hebraico emprega as mesmas palavras. Os paralelos seguintes devem ser notados:

| | |
|--|---|
| <u>MEDO-PÉRSIA</u> , o carneiro Dan. 8:3,20 | <u>PÉRSIA</u> , reis Dan. 11:2 |
| <u>GRÉCIA</u> , o bode 8:5, 21 | <u>GRÉCIA</u> , 11:3 cf. v. 2 |
| Era forte v. 8 | Um poderoso rei v. 3 |
| Engrandece-se muito v. 8 | reinou com grande domínio v. 3 |
| Grande ponta quebrada v. 8 | Reino quebrado v. 4 |
| Para os quatro ventos da terra v. 8 | Para os quatro ventos do céu v. 4 |
| <u>ROMA</u> , a ponta pequena v. 9 | <u>ROMA</u> , os prevaricadores do teu povo v. 14 |
| Para a terra formosa v. 9 | Na terra gloriosa v. 16 |
| Príncipe do exército v. 11 | Príncipe do concerto v. 22 |
| <u>ROMA PAPAL</u> , tirado o contínuo v. 11 | <u>ROMA PAPAL</u> , tirado o contínuo v. 31 |
| Santuário lançado por terra v. 11 | Santuário profanado v. 31 |
| Lançou a verdade por terra v. 12 | Usará de engano v. 23 |
| Fará isto e prosperará v. 12 | Será próspero v. 36 |
| Transgressão assoladora v. 13 | Abominação desoladora v. 31 |
| Tempo do fim v. 17 | Tempo do fim 11:35,40; 12:4,9 |
| Prevaricadores acabam v. 23 | Os ímpios procederão impiamente 12:10 |
| Último tempo da ira v. 19 | Ira se completa 11:36 |
| Fim no tempo determinado v. 19 | Fim no tempo determinado vv. 27,35 |
| Fortalecer-se-á mas não pelo seu próprio poder v. 24 | Será fortalecido com pouca gente v. 23 |

| | |
|--|--|
| Destruirá maravilhosamente v. 24 | Grande fúria para destruir v. 44 |
| Destruirá o povo santo v. 24 | Cai pela espada e pelo fogo 11:33; 12:7 |
| Fará prosperar o engano v. 25 | Perverterá com lisonjas 11:32 |
| Engrandecer-se-á v. 25 | Engrandecer-se-á vv. 36,37 |
| Pela tranqüilidade destruirá muitos v. 25 | Muitos se juntarão a ele com lisonjas v. 34 |
| Contra o Príncipe dos príncipes | Contra o Deus dos deuses v. 36 |
| Será quebrado sem mão v. 25 príncipes v. 25 | Virá o seu fim e não haverá quem o socorra v. 45 |
| <u>A VISÃO É VERDADEIRA</u> V. 26 | <u>A PALAVRA É VERDADEIRA</u> 10:1 |
| Cerra a visão v. 26 | Fecha estas palavras 12:4,9 |
| Visão para dias distantes v. 26 | Visão para dias distantes 10:14 |
| Ninguém a entendeu v. 27 | Daniel não a entendeu 12:8 |

VI. A PREDIÇÃO DO CONFLITO DOS SÉCULOS

A. Os reis da Pérsia - Dan. 11:2; cf. Dan. 8:3, 20

1. Três reis da Pérsia Dan~ 8;2

Cambises 530 - 522

Falso Esmérdis 522

Dario I 522 - 486

2. O quarto rei da Pérsia - v. 2

Xerxes 486 - 465

a. Mais rico que os demais

b. Instigará todos contra a realeza da Grécia

B. Um poderoso rei – Alexandre da Grécia - vv. 3, 4; cf. Dan. 8:5, 21

1. Reinará com grande domínio - Dan. 11:3; cf. Dan. 8:8

2. Seu reino será quebrado - Dan. 11:4; cf. Dan. 8:8, 22

a. Dividido para os quatro ventos do céu

b. Não para a sua posteridade

Cassandro – Macedônia e Grécia
Lisímaco – Trácia e Ásia Menor
Seleuco – Mesopotâmia e Síria
Ptolomeu – Egito e sul da Síria

C. As lutas entre os reis do norte os reis do sul

1. O ponto focal – Palestina e o povo de Deus

A Palestina tem sido um dos grandes pontos focais da história, situada, como estava, nas rotas que cruzavam o oriente, as grandes lutas pela supremacia tem quase, invariavelmente, envolvida a posse da Palestina, pois o poder que dominasse aquela área estratégica estava em condições para amplamente dominar o oriente e o mundo. Encontramos, desta maneira, os seguintes poderes entre aqueles que, num tempo ou outro, estiveram de posse daquela área: Babilônia Egito, Assíria, Pérsia, Grécia, Roma, os Maometanos, as forças do Papa, Grã-Bretanha, etc. Os ataques à Palestina vieram ou norte ou do sul, pois ao ocidente estava o Mediterrâneo, e ao oriente o deserto Árábico.

Deus estabelecera o Seu povo neste local estratégico. Israel deveria crescer até tornar-se um grande estado mundial. Jerusalém deveria ser a capital deste reino terrestre de Deus. Mas as forças do mal sempre estiveram determinadas a impedir o objetivo de Deus, e desta maneira a Palestina e Jerusalém, através dos tempos, têm sido alvo especial dos poderes que pretenderam governar a terra.

"O povo de Israel deveria ocupar todo o território que Deus lhes designara. As nações que rejeitassem o culto ou o serviço do verdadeiro Deus deveriam ser desapossadas. ... Quando o número de Israel aumentasse, deveriam ampliar os limites até que seu reino abarcasse o mundo." – P.J., p. 290.

"Se Jerusalém houvesse sabido o que era seu privilégio saber, e dado ouvidos à luz que o Céu lhe enviara, teria permanecido de pé no orgulho de sua prosperidade, rainha de reinos, livre na força do poder dado por seu Deus. Não teria havido soldados armados às suas portas, nem bandeiras romanas tremulando de seus muros. O glorioso destino que felicitaria

Jerusalém, houvesse ela aceito o Redentor, surgiu aos olhos do Filho de Deus. Viu que, por meio dEle, seria ela curada de sua grave enfermidade, libertada da escravidão e estabelecida como a poderosa metrópole da Terra. De suas muralhas partiria a pomba da paz, em direção de todas as nações. Seria ela o diadema de glória do mundo." – DTN., p. 577.

Logo após a morte de Alexandre, dois grandes poderes entraram em cena, o reino dos Selêucidas e o dos Ptolomeus. À história do período que se seguiu é em grande parte uma luta pela posse da Palestina. Os Ptolomeus possuíram o país na primeira parte do período, com os Selêucidas que se esforçaram para tomá-la, e depois que Antíoco o grande se apossou dela, os Ptolomeus efetuaram um desesperado esforço para recuperar o domínio. Mais tarde a Palestina caiu sob o domínio de Roma, dos poderes maometanos, dos cruzados, e finalmente da Grã-Bretanha. Esta é a história refletida por Daniel onze.

2. Os Ptolomeus e os Selêucidas

OS PTOLOMEUS

| | |
|--------------------------|---------|
| Ptolomeu I, Soter | 305-282 |
| Ptolomeu II, Filadelfo | 285-246 |
| Ptolomeu III, Energeter | 246-221 |
| Ptolomeu IV, Filopater | 221-204 |
| Ptolomeu V, Epifanes | 204-181 |
| Ptolomeu VI, Eupater | 181 |
| Ptolomeu VII, Filopater | 181-145 |
| Ptolomeu VIII, Filopater | 145 |
| Ptolomeu IX, Energetes | 145-116 |
| Ptolomeu X, Soter | 116-80 |
| Ptolomeu XI, Alexandre | 108-88 |
| Berenice III | 80 |
| Ptolomeu XII, Alexandre | 80 |
| Ptolomeu III, Aulete | 80-51 |
| Cleópatra VII | 51-30 |

OS SELÊUCIDAS

| | |
|----------------------------|------------------------------|
| Seleuco I, Necator | 321-280 |
| Antíoco I, Soter | 280-261 |
| Antíoco II, Theos | 261-246 |
| Seleuco II, Callínico | 246-226 |
| Seleuco III, Cerauno | 226-223 |
| Antíoco III, o grande | 223-187 |
| Seleuco IV, Filopater | 187-175 |
| Antíoco IV, Epifanes | 175-164 |
| Antíoco V, Eupater | 164-162 |
| Demétrio I, Soter | 162-150 |
| Alexandre Balus, Usurpador | 150-145 |
| Demétrio II, Nicator | 145-138, 128-124 |
| Antíoco VII, Sidete | 138-128 |
| Seleuco V, | 125 |
| Antíoco VIII, Gripos | 125-113, 111-96 |
| Antíoco IX, Cizicenos | 113-95 |
| Antíoco X, Euzébio | |
| Seleuco VI, | |
| Antíoco II, | |
| Filipe | Reis em conflitos quase |
| Demétrio III | constantes, a Síria governou |
| Antíoco XII | por Tigranes da |
| | Armênia, 83-69 |
| Antíoco XIII, Asiático | 69-65 |

3. As lutas entre o Egito o a Síria - vv. 5-13

a. "E se fortalecerá o rei do sul" v. 5

Ptolomeu I, Soter 305-282

b. Um dos seus príncipes se fortalecerá acima dele - v. 5

Seleuco I, Nicator 302-280, mais forte do que Ptolomeu

b. "Eles se aliarão" - v. 6.

Ptolomeu II, Filadelfo e Antíoco II, Theos

- (1) "A filha do rei do sul virá ao rei do norte para fazer um tratado" v. 6

Berenice, a filha de Ptolomeu II foi dada em casamento a Antíoco II, num esforço para se alcançar a paz.

- (2) "Mas não conservará a força de seu braço; nem ele persistirá." v. 6

Assim que Ptolomeu II morreu, a sua filha Berenice foi repudiada por Antíoco II, que tomou novamente sua primeira esposa Laodice com os filhos. Laodice por causa do que acontecera envenenou a Antíoco II, e o trono passou para as mãos do filho, Seleuco I, Callínico.

d. Vitórias do rei do sul contra o rei do norte - vv. 7-9

- (1) "Mas do renovo de suas raízes um se levantará com seu lugar. v. 7

Ptolomeu III, Energetes, o filho mais velho de Filadelfo e irmão de Berenice, foi o sucessor no trono do Egito.

- (2) "Virá cm o exército, e entrará nas fortalezas do rei do norte ... e prevalecerá." - v. 7

Seleuco II, instigado por sua mãe Laodice, mandou matar Berenice e seu filho, que conforme o tratado, deveria ser o sucessor no trono da Síria, Diante disso Ptolomeu Energetes invadiu rapidamente a Síria com o seu exército num esforço para salvar sua irmã. Ele chegou tarde demais para salvar Berenice, mas avançou por toda a Síria e cruzou o Eufrates. Todo o território do seu rival estava em pouco tempo aos seus pés.

- (3) "E levará cativos para o Egito, com os seus príncipes, os seus deuses, e com os preciosos vasos de ouro e prata. " v. 8

Ptolomeu Energetes voltou ao Egito da sua bem sucedida invasão da Síria, com grande pilhagem de todo tipo, que conforme Porfírio incluía "40.000 talentos de prata e 2.500 vasos

preciosos e imagens de deuses, entre as quais, aquelas que Cambises levava para a Pérsia quando da conquista do Egito.

(4) "E ele persistirá alguns anos mais do que o rei do norte." v. 8

Seleuco II, Callínico, terminou seu reinado em 226 A.C., enquanto Ptolomeu III, Energetes, reinou até 221.

Deve-se notar, entretanto, as seguintes variantes das traduções desta passagem:

Tradução de Moffat: "Por alguns anos deixará de atacar o rei do norte."

Tradução Americana: "Por numerosos anos ele se absterá de atacar o rei do norte."

Tradução Judaica: "Ele desistirá por alguns anos do rei do norte."

(5) "E entrará no reino do rei do sul, e tornará para a sua terra." v. 9

As seguintes traduções devem ser notadas:

Tradução de Moffat: "O rei do norte invadirá então a realeza do sul, mas se retirará para seu próprio país."

Tradução Americana: "Então o último invadirá o reino do rei do sul, e voltará a seu próprio país."

Tradução Judaica: "E ele entrará no reino do rei do sul, mas voltará para sua própria terra."

Septuaginta: "E ele entrará no reino do rei do sul, e voltará à sua própria terra."

Se o rei do sul é o sujeito desta passagem, então ela se refere apenas à volta de Energetes para a sua própria terra. Se o sujeito é o rei do norte, o que é provável, então a referência é em tudo aplicável às tentativas frustradas de Seleuco Callínico para invadir o Egito.

e. Vitórias do rei do norte contra o rei do sul - vv. 10-13

(1) "Mas seus filhos intervirão, e reunirão grande número de exércitos." v. 10.

A referência se faz aos filhos de Seleuco Callínico, Seleuco Ceraunos e Antíoco Magno. Quando Callínico ocupou o trono, ele se declarou com a guerra síria na Ásia Menor. Depois de um breve reino de três anos, ele encontrou a morte numa batalha. O exército confiou a coroa a um irmão mais novo, Antíoco III. Este último se envolveu numa série de conflitos violentos, tanto nas províncias do oriente como na Ásia Menor.

- (2) "E um deles virá apressadamente, e inundará, e passará; e, voltando, levará a guerra até à sua fortaleza" v. 10.

Antíoco envolveu-se numa luta amarga com Ptolomeu IV, Filopater, e efetuou também uma campanha arriscada no oriente com o objetivo de restituir ao seu reino o antigo tamanho e glória.

- (3) "Então o rei do sul se exasperará, e sairá, e pelejara contra ele, contra o rei do norte; e ele porá em campo grande Iuulticlão, e a multidão será entregue na sua mão." v. 11.

Antíoco III reuniu um grande exército para atacar Ptolomeu, mas Ptolomeu preparando-se, reuniu ainda um exército mais poderoso e derrotou Antíoco na Batalha de Ráfia, 217 A.C.

- (4) "E, aumentando a multidão, o seu coração se exaltará; mas, ainda que derribe muitos Iuilhares não prevalecerá." v. 12.

Após derrotar Antíoco, Ptolomeu entregou-se à licenciosidade e dissipação. Ele se voltou contra os judeus e matou milhares deles.

- (5) "Porque o rei do norte tornará, e porá em campo uma multidão maior do que a primeira; e ao cabo de tempos, isto é, de anos, virá, à pressa, com grande exército e com muita fazenda." v. 13.

O voluptuoso Filopater foi sucedido, após a sua morte, por seu jovem filho Ptolomeu V, Epifanes. Antíoco III dirigiu-se então contra a Palestina e conseguiu arrancá-la do domínio egípcio, 198 A.C.

D. O período de Roma imperial - vv. 14-20

1. O Egito cercado de dificuldades

"E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul." V. 14

O Egito por esta época viu-se cercado de dificuldades externas e internas. Os desastres vieram sobre o Egito pelos ataques simultâneos de Felipe V da Macedônia e Antíoco II da Síria, do que resultou uma insurreição dentro do próprio Egito. A revolta e a dissensão dilaceraram a nação.

2. Roma entra em cena

"Os prevaricadores do teu povo se levantarão para confirmar a visão, mas eles cairão." V. 14

O jovem rei do Egito, Epifanes, estava neste tempo sob a tutela de Roma, e isto abriu uma oportunidade para que a República nascente pudesse intrometer-se nos negócios do oriente. Depois que interveio no oriente, Roma propôs não se retirar até que todos lhe estivessem sujeitos, inclusive a antiga pátria-mãe do povo de Deus.

A profecia das setenta semanas, que já apresentamos em Daniel 9:24, deveria "selar a visão e a profecia". A idéia é expressa mais claramente nas seguintes traduções:

Tradução de Moffat: "Para ratificar a visão profética."

Tradução Americana: "Para confirmar a visão profética."

Tradução Judaica: "Para selar a visão e o profeta."

A parte de Roma nos negócios do oriente era fazer muito no estabelecimento da visão de Daniel, e para isto, especialmente o caso da morte do Filho de Deus no tempo especificado pela profecia de Daniel. Roma devia cumprir, assim, a parte que lhe cabia na fixação da visão, mas ela mesma devia cair.

Tradução Americana: "Eles se levantarão, a fim de cumprir a visão; mas cairão por terra." Dan. 11:44.

Tradução de Moffat: "Para cumprir a predição da visão – apenas para ser derrotada." Dan. 11:44.

3. Roma penetra na Palestina - vv. 15, 16. Cf. Dan. 8:9.

Tradução Americana: "Então o rei do norte virá, e levantará um baluarte, e tomará uma cidade bem fortificada; e as forças do sul não lhe poderão opor resistência; nem as tropas escolhidas terão resistência para se opor. O invasor fará o que lhe agrada, sem que ninguém pare diante dele, permanecerá na terra formosa, relendo-a toda em sua mão." Dan. 11:15, 16.

Roma, uma vez dentro do oriente, fez rápidos progressos através da Ásia Menor e da Síria, até que o império dos Selêucidas desapareceu, sendo este o seu primeiro lugar no oriente. Os exércitos romanos comandados por Cipião infligiram a Antíoco III uma esmagadora derrota em Magnésia, na Ásia Menor, em 190 A. C. Em 168 A.C. Antíoco Epifanes invadiu o Egito, mas Roma lhe ordenou que saísse, e ele não teve outro recurso senão obedecer. A Palestina caiu nas mãos romanas no ano 63 A.C., quando Pompeu capturou Jerusalém após um cerco de três meses. Roma, agora o rei do norte, permanecia na terra gloriosa, conservando-a toda na mão.

4. Roma penetra no Egito; Júlio César

Tradução Americana: "Então ele levantará os seus olhos para avançar contra o rei do sul com toda a força de seu reino, mas terá que entrar em acordos com ele; e lhe dará sua filha em casamento, a fim de conseguir o governo do país; mas isto também não perdurará nem permanecerá com ele. Então voltará as faces para as terras costeiras, e tomará muitas delas; mas um certo comandante porá fim à sua insolência, e retribuir-lhe-á sete vezes. Virará, então, a face para as fortalezas do seu próprio país; mas tropeçará e cairá, e não mais será achado." vv. 17-19.

Júlio César depois de infligir uma derrota incisiva sobre Pompeu em Farsális, 48 A.C., perseguiu-o até o Egito. Lá, Pompeu foi assassinado, e César viu-se chamado para solucionar uma disputa entre o jovem Ptolomeu e a sua irmã Cleópatra. O

poderoso romano ficou encantado com a beleza da jovem rainha e a constituiu sobre o trono do Egito. Uma autoridade diz sobre as relações entre ambos:

"O nó que os unia, contudo, fora provavelmente mais do que sentimental. Mesmo o amor jamais conquistou o ambicioso César, e Cleópatra estava longe de possuir a sedução oriental que geralmente lhe pintam. Ela estava jogando uma partida desesperada para reter o trono, e talvez, para fazer-se rainha do império romano. César, também, pode ter sonhado em tornar-se imperador do mundo romano tendo por capital Alexandria em lugar de Roma, pois, o oriente estava mais a seu gosto e mais adaptado às suas ambições imperiais." – Trever, History of Ancient Civilization, Vol. II, p. 228

As condições de distúrbio em vários lugares forçaram por fim a partida de César do Egito. Na Ásia Menor, uma revolta foi sufocada em pouco tempo, numa vigorosa campanha; Cipião foi desastrosamente derrotado no norte da África, e os remanescentes da oposição de Pompeu na Espanha foram subjugados. César voltou triunfantemente à sua capital como mestre de todo o mundo romano, apenas para cair vítima de uma amarga oposição que culminou com o seu assassinio na maior altura de seu poder, em 15 de março de 44 A.C.

5. César Augusto, 31 A. C. – 14 A.D.

"E em seu lugar se levantará quem fará passar um arrecadador pela glória real; mas em poucos dias será quebrantado, e isto sem ira e sem batalha." v. 20

Tradução Americana: "Em seu lugar aparecerá um que enviará um exator de tributos através das partes mais gloriosas do reino."

O sucessor de Júlio César foi Augusto. Durante o seu reinado nasceu Cristo. O relato sagrado relata:

"Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. ... José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de

Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. ... e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria." Luc. 2:1, 4, 5, 7.

Augusto teve um reino próspero e pacífico, e morreu em seu leito de enfermidade, em 19 de Agosto de 14 A.D.

E. O período de Roma Papal - vv. 21-45.

1. Um novo poder entra em cena, o anticristo - vv. 21-23.

a. "Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano." v. 21

Tradução Americana: "E seu lugar surgirá uma pessoa baixa, à qual não se conferiu a dignidade real, mas que vem clandestinamente, e obterá o reino por intrigas."

Tradução de Moffat: "Em lugar dele uma criatura vil surgirá, à qual não se conferiu honra real mas que vem quando os homens estão desguarnecidos e obtém o reino por meio de promessas enganosas."

Tradução Judaica: "E em seu lugar sé levantará uma pessoa vil, à qual não se conferiu a majestade do reino; mas virá um tempo de segurança e obterá o reino por meio de blandícias."

A 'criatura vil', a 'criatura desprezível' à qual se refere aqui e que devia surgir no estado de Roma pagã não é outro senão o anticristo. Foi Roma papal que sucedeu a Roma pagã como o grande poder dominante que se ordena em batalha contra Cristo, o Príncipe do concerto, a contra as forças da justiça. A igreja de Roma sucederia ao império da Roma no empenho de esmagar o povo de Deus. A maneira pela qual este poder surgiria é descrita claramente neste e nos versos seguintes,— por enganos e blandícias, pela força, traição, e dolo.

- b. "E com os braços de uma inundação serão arrancados de diante dele, e serão quebrantados, como também o Príncipe do concerto." v. 22.

Tradução de Moffat: "As forças oposicionistas serão varridas diante dele e despedaçadas, como também o Sumo Sacerdote de Deus."

Tradução Americana: "Forças armadas serão totalmente abatidas diante dele, e o Príncipe do concerto será também esmagado."

- c. "E, depois do concerto com ele, usara de engano; e subirá, e será fortalecido com pouca gente." v. 23

Tradução Americana: "E tão logo que alguém se alie a ele, usará de traição, e se elevará a um grande poder, embora com pouca gente, por meios clandestinos."

Tradução de Moffat: "Tão logo alguém se lhe torne aliado, ele tentará excedê-lo em astúcia, pois se eleva ao poder com o auxílio de apenas um pequeno partido. "

2. Novos projetos em uso – As cruzadas à Terra Santa - vv. 24-30.

- a. Ideação de novos projetos - v. 24

"Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província, e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa e os despojos, e a riqueza, e formará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo." v. 24 .

Tradução de Moffat: "Ele fará o que nem os seus pais, nem os pais de seus pais jamais fizeram, espalhará o despojo, a presa, e os bens, entre seus seguidores."

Tradução Americana: "Então ele assaltará os homens mais ricos das províncias, e fará o que nem os seus pais, nem os pais de seus pais fizeram – ele espalhara entre eles a presa, o despojo e os bens, e assestará os seus ardis contra as fortalezas, embora apenas por determinado tempo."

Como a Medo-Pérsia, Grécia, Selêucida, Ptolemaida e Roma lutaram por sua vez pela posse da Terra Santa, também o papado deveria entrar nesta luta. Nesta conquista, porém, Roma papal faria uso de um artifício nunca antes usado na história, as cruzadas. Delas lemos:

"O entusiasmo das cruzadas provocou uma resposta variada e estupefata, aa. Aqui é que encontramos, pela primeira vez, as massas da Europa com uma só idéia. Aqui está a indignada resposta coletiva a um erro remoto da história, uma rápida realização de uma causa comum por ricos e pobres. É impossível imaginar tal acontecimento no império de César Augusto, ou, já, em alguma nação da história geral. ... Estamos tratando com algo novo que surgiu em nosso mundo. ... Nunca antes em toda a história da terra houve tal espetáculo como o destas massas de povo praticamente desgobernado, e movimentando-se por uma idéia bem rude." – H. G. Wells, Cruz Ansata, pp. 54-36.

"De todos os acontecimentos da Idade Média, os mais fascinantes e românticos são as cruzadas, as aventuradas expedições à Síria, empreendidas por reis e cavaleiros valentes na esperança sempre presente de recuperar a Terra Santa dos infiéis turcos. Em todo o tempo através dos séculos doze a treze, cada geração contemplava a partida de pelo menos um grande exército de cruzados reunidos de todas as partes do oeste em direção ao oriente. ...

"A Síria fora invadida pelos Árabes no sétimo século, pouco depois da morte de Maomé, e a Santa cidade de Jerusalém tinha caído nas mãos desses infiéis. ... O primeiro grande ímpeto das cruzadas foi o grito dado por Urbano no célebre concílio que se reuniu em 1095 em Clermont, na França.

"Num discurso, que produziu resultados mais abarçantes do que qualquer outro na história, o papa exortava cavaleiros e soldados de infantaria de todas as fileiras a desistir dos seus empreendimentos comuns e pecaminosos de destruir seus irmãos cristãos em guerras particulares, e em lugar disto, socorrer os seus companheiros cristãos do oriente. ... 'Entrai na estrada do Santo Sepulcro; libertai a terra da raça pecaminosa e sujeitai-a a vós mesmos.' Quando o papa terminou, todos os presentes clamaram num só acorde, 'Esta é a vontade de Deus'. ...

"A Síria apresentava vantagens aos nobres descontentes na esperança de poderem conseguir eminência no leste, aos comerciantes que

procuravam novos meios de negócio, aos meros belicosos que desejavam evitar as responsabilidades no lar, e mesmo aos criminosos que viam assim um escape dos resultados das faltas do passado. É digno de nota que Urbano apelou especialmente para aqueles que tinham estado contendendo contra os seus irmãos e parentes, e forçou aqueles que até então tinham sido ladrões para agora se tornarem soldados de Cristo. A conduta de muitos dos cruzados indica que o papa encontrou pronta resposta entre essas classes." – Robinson, History of Western Europe, vol. I, pp, 187-189

b. A primeira cruzada – 1096-1099 - v. 25.

"E suscitará a sua força e o seu coração contra o rei do sul, e com um grande exército; e o rei do sul se envolverá na guerra com um grande e mui poderoso exército, mas não subsistirá, porque formarão projetos contra ele." v. 25

"O papa ordenou ao clero pregar uma guerra santa e prometer vastas recompensas espirituais a todos os que se juntassem à expedição contra o oriente. Entre os que obedeceram estava Pedro o Eremita, que levantou o povo com a sua fervente eloquência. Na primavera de 1096 um grande exército de cruzados partiu de Colônia pelo Reno, atravessou os montes, passou pelo vale do Danúbio e chegou a Constantinopla em meados do verão. ... Entraram na Palestina e, em Junho de 1099, avistaram os muros da Santa Cidade. ... A cidade foi capturada violentamente, e os cruzados massacraram cruelmente milhares dos seus habitantes. Um governo cristão foi estabelecido." – Elson, Modern Times and the Living Post, pp. 256, 257

c. Dissensão, debilidade, e desastre; a segunda cruzada, 1147-1149

"E os que comerem os seus manjares o quebrantarão; e o exército dele se derramará, e cairão muitos traspassados. Também estes dois reis terão o coração atento para fazerem o mal, e a uma mesma mesa falarão a mentira; ela, porém, não prosperará, porque o fim há de ser no tempo determinado." vv. 26, 27

As cruzadas constituam um dos mais interessantes e um dos mais trágicos conflitos da história. Sob o pretexto de uma guerra santa, alguns dos piores elementos da Europa cristã e do

Próximo Oriente maometano lutavam pela posse da Terra Santa. Foi dado poder ao exercício das piores paixões do coração humano e o resultado não podia ser outro senão desastre e tragédia. Isto se tornou evidente especialmente na segunda cruzada.

Tradução Americana: "Cada um dos reis terá sua mente inclinada ao mal, e dirá mentiras a uma mesma mesa; mas sem proveito." V. 27

Tradução de Moffat: "Seus próprios cortesãos provarão a sua ruína e o seu exército será varrido do caminho." v. 26.

A história revela um notável cumprimento destas profecias.

"Um bom número dos cruzados eram pessoas verdadeiramente religiosas com motivos sinceros; mas outros eram vagabundos que fugiam de dívidas ou de suas famílias; outros eram ainda espíritos errantes à cata de aventura, ou vassalos em fuga dos seus mestres feudais. Eles eram bem desordeiros; roubavam e pilhavam ao longo do caminho. ...

"A segunda cruzada foi pregada por S. Bernardo e foi conduzida pelo imperador da Alemanha e o rei da França. Foi mais desafortunada do que a primeira. Um efetivo de 200.000 homens foi desperdiçado neste empreendimento mal orientado e doentio." – Elson, Modern Times and the Living Post, pp. 257, 258.

"O imperador oriental esperara usar os seus aliados ocidentais para reconquistar a Ásia Menor e fazer recuar os turcos. Os cavaleiros chefes, pelo contrário, sonharam em dividir a soberania entre eles mesmos nos primitivos domínios do imperador e propuseram-se a governá-los pelo direito de conquista. Mais tarde encontramos tanto gregos como cristãos ocidentais aliando-se vergonhosamente aos maometanos uns contra os outros. ... Assim muitos ladrões e assaltantes apressaram-se em tomar a cruz que uma vez reconheceram, em seu entusiasmo, ser a mão de Deus. O próprio S. Bernardo, promotor chefe da expedição (a segunda cruzada), dá uma das menos lisonjeiras descrições dos 'soldados de Jesus'. 'Naquela multidão incontável encontrarás alguns, além dos totalmente ímpios e pecadores, os sacrílegos, homicidas, e perjuros, cuja partida é uma vantagem dupla. A

Europa regozija-se em perdê-los e a Palestina em ganhá-los; eles são úteis de duas maneiras, pela sua ausência aqui e pela sua presença lá'. É inteiramente desnecessário descrever as marchas e o destino dos cruzados; suficiente é dizer que de um ponto de vista militar, a chamada Segunda Cruzada foi um fracasso miserável." – Robinson, History of the Western Europe, Vol. I, pp. 192, 197 ~

d. O fim das cruzadas contra os maometanos; a investida contra o santo concerto - vv. 28-30.

"Então tornará para a sua terra com grande riqueza; e o seu coração será contra o santo concerto, e fará o que lhe aprouver, e tornará para a sua terra. No tempo determinado tornará a vir contra o sul; mas não será na última vez como foi na primeira. Porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; e voltará, e se indignará contra o santo concerto, e fará como lhe apraz; e ainda voltará e atenderá aos que tiverem desamparado o santo concerto" vv. 28-30.

Os trechos acima dão um quadro perfeito do caráter e maneiras de agir da igreja durante a Idade Média. Entre os pontos que se devem notar, estão os seguintes:

(1) A riqueza da igreja

Um dos efeitos principais das cruzadas geralmente citados pelos historiadores é a sua influência no aumento da riqueza e do comércio na Europa:

"A grande realidade das cruzadas foi que todo o excesso de energia do oeste, numa paixão voraz, pia e virtuosa indignação, se derramou no longínquo e sofisticado levante, e voltou com um milhar de cousas nunca vistos aqui. A maior parte das ordens e fileiras foram mortas. ('Os homens eram esplêndidos'), mas os cavaleiros e nobres que voltaram com as suas comitivas chegaram com sedas e veludos, tintas e armaduras metálicas e desejos e concepções de luxúria apagados nas mentes dos homens ocidentais desde o colapso do império romano." – Wells; Crux Ansata, p. 39

"Para uma classe enfim, a Terra Santa possuía grandes e permanentes atrações, nomeadamente para os comerciantes italianos. ... Quando

auxiliavam no cerco bem sucedido de uma cidade, exigiam em garantia uma parte definida do lugar capturado, onde pudessem ter mercados, docas, igreja, e tudo o que lhes fosse necessário para um permanente centro comercial .. Este novo comércio teve uma influência muito importante em levar o ocidente a permanentes relações com o oriente. Os produtos orientais da Índia e outros lugares – sedas, especiarias, cânfora, almíscar, pérolas e marfim – eram trazidos pelos maometanos do leste para as cidades comerciais da Palestina e da Síria; daí, através dos comerciantes italianos, eles encontravam o seu destino na França e Alemanha, sugerindo idéias de luxúria até então pouco sonhadas pelos francos ainda meio bárbaros. ... Durante os séculos doze e treze, cidades se desenvolveram rapidamente na Europa, o comércio e a indústria progrediram, e universidades se fundaram. Seria absurdo supor que sem as cruzadas este progresso se efetuaria." – Robinson, History of the Western Europe, vol. I, pp. 199-200.

A igreja deste período foi uma organização poderosa e rica:

"A igreja medieval não precisava fiar-se para a sua manutenção, como as igrejas o fazem hoje, nas voluntárias contribuições dos seus membros. Ela recebia, ao lado das rendas das suas vastas áreas de terrenos e grande variedade de honorários, a receita de um imposto regular, o dízimo. Aqueles sobre os quais ele recaía eram forçados a pagá-lo exatamente como temos de pagar os impostos decretados pelo governo. ... Para conservar seu governo e fazer face às despesas do palácio e comitivas, o papa precisava de uma vasta receita. ... No décimo terceiro século o papa começou a instituir muitos padres como provedores através de toda a Europa e recebia costumeiramente a metade das rendas anuais daqueles que apontava. ... As sublimes prerrogativas da igreja, ao lado da sua organização sem rival e vasta riqueza, se combinavam para fazer dos seus oficiais, o clero, a classe social mais poderosa da Idade Média. ... Os tribunais dos bispos ficaram notórios por sua opressão, pois uma porção considerável das rendas dos bispos, semelhantes às de um senhor feudal, provinham das multas impostas aos condenados por seus oficiais. ... Quanto aos sacerdotes paroquianos, parece terem seguido freqüentemente o desmoralizador exemplo instituído pelos superiores. As atas dos concílios da igreja indicam que o sacerdote muitas vezes transformava seu curato em loja e vendia vinho ou outras mercadorias. Mais tarde ele aumentou as rendas, como já

vimos, exigindo honorários por fazer aquilo que era do seu dever como batizar, confessar, absolver, fazer casamento, o enterro dos paroquianos. ... Todos concordam em denunciar a iniquidade do clero, sua ambição, sua negligência e desconsideração aos deveres sagrados. S. Bernardo pergunta tristemente, 'Quem me poderá mostrar entre os prelados que não procure esvaziar antes os bolsos do seu rebanho do que subjugar os seus vícios?'.
– Robinson, History of the Western Europe, vol. I, pp. 204, 213.

(2) O fim das cruzadas e um acordo com os infiéis.

"No tempo determinado tornará a vir contra o sul; mas não será na última vez como foi na primeira. Porque virão contra ele navios de Quitim. ... Voltará e atenderá aos que tiverem desamparado o santo concerto." vv. 29, 30

Estes versos apontam para outra cruzada, especialmente a terceira, e daí uma completa modificação nas maneiras de agir. O termo "Quitim" significa "Chipre". Ao comentar o uso deste termo em Núm. 24:24, o Dr. Jamieson diz: "Chipre foi o grande empório, o entreposto comercial, o centro do intercâmbio entre o oriente e o ocidente; e é neste sentido unicamente que aparece aqui para representar os países ocidentais." – Critical and Experimental Commentary, vol. I, p. 586. É interessante notar que na terceira cruzada o rei Ricardo da Inglaterra e Felipe Augusto da França fizeram de Chipre ou Quitim o seu caminho para a terra santa. Desta cruzada lemos:

"Em 1187, Jerusalém foi tomada por Saladino, o maior herói e o mais preeminente de todos os mandatários sarracenos. A perda da Terra Santa trouxe consigo a mais famosa de todas as expedições militares à Terra Santa, na qual todos tomaram parte como Frederico Barbaroxa, Ricardo Coração-de-Leão, e o seu rival político, Felipe Augusto da França. Os relatórios da empresa mostram que embora os vários chefes cristãos se odiassem bastante, os cristãos e os sarracenos começaram a se respeitar reciprocamente. Encontramos exemplos de relações das mais amistosas entre os representantes dessas religiões rivais. Em 1192 Ricardo concluiu

um tratado com Saladino em cujos termos se permitia aos peregrinos cristãos visitar os lugares sagrados com segurança e conforto.

"No décimo terceiro século os cruzados começaram a dirigir suas expedições para o Egito como o centro do poder Sarraceno. ... Jerusalém caiu irrevogavelmente em 1244, e embora durante muito tempo se considerasse a possibilidade de reavê-la, pode-se dizer que os cruzados chegaram ao fim antes de acabar o décimo terceiro século," Robinson, History of the Western Europe., vol. I, pp. 197, 198.

(3) Inimizade "contra o santo concerto"

A profecia de Daniel nestes versos aponta para uma atividade fora do comum "contra o santo concerto". A expressão é repetida três vezes nos versos em questão:

"O seu coração será contra o santo concerto." v. 28

"Ihe causarão tristeza, e voltará, e se indignará contra o santo concerto." v. 30

"voltará e atenderá aos que tiverem desamparado o santo concerto." v. 30

A significação destes versos se torna um tanto mais clara na seguinte tradução:

Tradução Americana: "A sua mente estando firmada contra o santo concerto, fará o que lhe aprouver. ... Inflamar-se-á com ira, cada vez mais, contra o santo concerto, e tendo chegado a um entendimento com aqueles que abandonaram o santo concerto, cada vez mais fará o que quiser." vv. 28, 30 .

É significativo o fato de que o tempo em que as forças do papa, trabalhando, chegavam a um entendimento com os poderes maometanos do oriente e as cruzadas contra as forças cristãs chegavam ao fim, foi o mesmo tempo em que o papado começou a voltar a sua maior ira contra aqueles grupos da cristandade que ainda não faziam parte do rebanho. Deste período lemos:

"Devemos considerar agora a igreja medieval como uma instituição completa na altura do seu poder nos séculos doze e treze. ... Toda a Europa ocidental formava uma só associação religiosa, contra a qual era crime revoltar-se. Recusar lealdade à igreja, ou questionar sua autoridade ou ensinamentos, era reputado como traição a Deus e punível de morte. ...

"A extensão e o caráter das heresias dos séculos doze e treze e os esforços da igreja para suprimi-las pela persuasão, pelo fogo e espada, e pela magna corte da Inquisição, formam um capítulo estranho e terrível da história medieval. ...

"Entre aqueles que continuaram a aceitar a fé cristã mas se recusavam a obedecer ao clero por causa das suas pecaminosidades, a seita mais importante foi a dos Valdenses. ... Eles convertiam muitos, e antes do fim do século doze havia um enorme número deles espalhados pela Europa ocidental. ...

"O rei de Aragão decretou (1194) que, todo aquele que escutasse a pregação dos Valdenses, ou lhes desse comida sofreria as penalidades de traição e teria os seus bens confiscados pelo estado. Estes são os inícios de uma série de cruéis decretos emitidos mesmo pelos mais elucidados reis do décimo terceiro século, contra todos os que se julgava pertencerem aos Albigenses ou Valdenses. A igreja e o governo civil acharam ser os hereges prejudiciais ao bem estar de ambos, e criminosos merecedores da terrível morte da serem queimados vivos.

"No sul da França, houve muitos adeptos tanto de Albigenses como de Valdenses, especialmente na região de Tolosa. No começo do século treze houve nesta região um desprezo público à igreja e uma audaz defesa dos ensinamentos heréticos mesmo entre as classes mais elevadas.

"Contra o povo desta terra florescente, Inocêncio III pregou uma cruzada em 1208. Do norte da França um exército chefiado por Simão de Monfort marchou para a sentenciada região e, após uma das mais sangrentas e atroz guerras relatadas, suprimiu a heresia por matança total. ...

"A terceira e a mais permanente justificação contra a heresia foi o estabelecimento, sob a chefia do papa, de um sistema de tribunais encarregados de desvendar casos secretos de descrença e punir os transgressores. Estes tribunais de especialistas, que devotavam toda a atenção a descobertas e provas de culpabilidade das heresias, formavam a Santa Inquisição, que tomou forma depois da cruzada contra os Albigenses

... As injustiças dos julgamentos e o tratamento cruel a que estavam sujeitos os suspeitos de heresia por demorada prisão ou tortura – aplicados na esperança de forçá-los a confessar seu crime ou envolver outros – tornaram infame o nome da Inquisição. ... A igreja, cuja lei proibia derramar sangue, entregava as pessoas convictas ao poder civil que as queimava vivas sem qualquer julgamento ulterior." – Robinson, History of the Western Europe., vol. I, pp. 201, 220-225.

Das forças nunca vistas, postadas por detrás deste grande conflito dos séculos, lemos:

"O arquienganador não havia terminado a sua obra. Estava decidido a congregar o mundo cristão sob sua bandeira, e exercer o poder por intermédio de seu vigário, o orgulhoso pontífice que pretendia ser o representante de Cristo." – GC., p. 53.

"O príncipe das trevas trabalhava com os dirigentes da hierarquia papal. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos dirigiam a mente de homens maus, enquanto, invisível entre eles, estava um anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos e escrevendo a história de ações por demais horrorosas para serem desvendadas ao olhar humano. "A grande Babilônia" estava "embriagada do sangue dos santos." Os corpos mutilados de milhões de mártires pediam vingança a Deus contra o poder apóstata." – GC., pp. 59, 60.

3. Contra o santuário e o contínuo - v. 31; cf. Dan. 8:11-13.

O poder papal não se envolveria somente em guerras de espada, mas também em guerras do espírito. Não apenas se lançaria contra os corpos dos homens, mas também contra as suas almas. Não só combateria contra homens, mas também contra Deus, mediante o estabelecimento de um sistema falso de salvação em lugar do de Cristo. As trevas morais deste poder do mal se desenvolveriam firmemente, até que alcançassem por fim a meia-noite do mundo:

"O acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se adensavam as trevas. ... Os séculos que se seguiram testemunharam aumento constante de erros nas doutrinas emanadas de Roma.

"A ordenança escriturística da ceia do Senhor fora suplantada pelo idolátrico sacrifício da missa. Sacerdotes papais pretendiam, mediante esse disfarce destituído de sentido, converter o simples pão e vinho no verdadeiro "corpo e sangue de Cristo". - Conferências Sobre a "Presença Real", do Cardeal Wiseman. Com blasfema presunção pretendiam abertamente o poder de criarem Deus, o Criador de todas as coisas. Aos cristãos exigia-se, sob pena de morte, confessar sua fé nesta heresia horrível, que insulta ao Céu. Multidões que a isto se recusaram foram entregues às chamas.

"No século XIII foi estabelecido a mais terrível de todas as armadilhas do papado – a inquisição. ... Nunca a Igreja de Roma atingiu maior dignidade, magnificência ou poder.

"Mas 'o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo'. ... Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade." – GC., pp. 55, 58, 59, 60.

Falando sobre o singular poder da igreja medieval, no apogeu da sua carreira, nos séculos doze e treze, temos as seguintes palavras de um historiador secular:

"Para entendermos o domínio que ela exercia sobre a humanidade, precisamos considerar a elevada posição do clero e os ensinamentos da igreja a respeito da salvação, da qual se dizia ser o agente exclusivo. ...

"Embora a igreja crescesse que todos os sacramentos fossem estabelecidos por Cristo, não foi senão na metade do século doze que eles foram claramente descritos. ... Foi Pedro Lombardo que pela primeira vez formulou distintamente a doutrina dos sete sacramentos. ... Eles são essenciais à salvação, e ninguém pode ser salvo senão por eles. ... Pois o sacerdote, pelo sacramento da ordenação, recebeu a mais elevada prerrogativa de perdoar pecados. Goza, também, o terrível poder e privilégio de realizar o milagre da missa, – de oferecer Cristo outra vez pela remissão das culpas dos pecadores.

"O sacramento da penitência é, como a missa, de importância histórica especial. Quando um bispo ordena um sacerdote, ele lhe diz: 'Recebi o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e aqueles a quem os retiverdes lhes são retidos'. Desta maneira foram confiadas aos sacerdotes as chaves do reino do céu. ... A alguém que

despreza as ministrações do sacerdote, o arrependimento mais sincero e devocional não pode por si mesmo trazer perdão aos olhos da igreja. ...

"O sacerdote não só perdoava pecados, foi-lhe dado também o poder de realizar o estupendo milagre da missa. ... Gradualmente se tornou universalmente aceita a idéia de que a consagração do pão e do vinho convertiam toda a substância do pão em substância do corpo de Cristo, e toda a substância do vinho em Seu sangue. Esta mudança foi intitulada transubstanciação. A igreja creu, mais tarde, que neste sacramento Cristo era oferecido do novo, como o tinha sido na cruz, como um sacrifício de Deus. Este sacrifício pode ser feito pelos pecados de ausentes como pelos pecados dos presentes, e pelos mortos como pelos vivos. ... Isto se tornou a mais elevada das funções do sacerdote e o verdadeiro centro dos serviços da igreja. ...

"As sublimes prerrogativas da igreja, juntamente com sua organização sem rival e vasta riqueza, se combinavam para fazer dos seus oficiais, o clero, a classe social mais poderosa da Idade Média. Eles tinham as chaves do céu e sem o seu auxílio ninguém podia esperar alcançá-lo." – Robinson, History of the Western Europe., vol. I, pp. 209-213.

4. Para ganhar os pecadores por lisonjas; para derrubar os justos pela espada - vv. 32-35; cf. D:in. 8:12, 24, 25.

a. "Aos violadores do concerto ele com lisonjas perverterá." v. 32 .

Tradução Americana: "Por suas intrigas ele corromperá aqueles que têm violado o concerto."

Tradução Judaica: "E assim como agiu malvadamente contra o concerto perverterá por blandícias."

"Há boa razão para supor que os bispos cristãos multiplicaram os ritos sagrados com o objetivo de atrair amigavelmente judeus e pagãos. Pois, ambos, estavam acostumados a cerimônias numerosas e esplêndidas desde a infância, e achavam, sem dúvida, que constituíam uma parte essencial de religião. E quando viram a nova religião destituída de tais cerimônias, acharam-na simples demais, e por isso a desprezaram. Para evitar esta objeção, os chefes das igrejas cristãs julgaram ser-lhes próprio serem mais formais e pomposos nos cultos públicos. ...

"A simplicidade do culto que os cristãos ofereciam à Deidade, deu ocasião a certas calúnias mantidas por judeus e sacerdotes pagãos.

Declarava-se serem ateístas os cristãos, por não terem templos, altares, vítimas, sacerdotes, e toda aquela pompa que o vulgo supunha ser a essência da religião. As pessoas não elucidadas inclinam-se a estimar religião aquilo que vêm os seus olhos. Para silenciar esta acusação, os doutores cristãos acharam que deviam introduzir alguns ritos exteriores, para impressionar os sentidos do povo. ...

"Muitas cerimônias nasceram do costume dos egípcios, e de quase todas as nações orientais de levar instrução por meio de imagens, ações, emblemas e sinais para despertar sensibilidade. Os doutores cristãos, por isso, acharam ser vantajoso para a causa cristã pôr a verdade, que se deve conhecer para obter salvação, como era, diante dos olhos da irrefletida multidão." – Mosheim, Ecclesiastical History, vol. I, pp. 171-174

"Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã.. ... e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas.

"Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do "homem do pecado. ... Para conseguir proveitos e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás – o bispo de Roma. ...

"As trevas pareciam tornar-se mais densas. Generalizou-se a adoração das imagens. Acendiam-se velas perante imagens e orações se lhes dirigiam. Prevalciam os costumes mais absurdos e supersticiosos. O espírito dos homens era a tal ponto dirigido pela superstição que a razão mesma parecia haver perdido o domínio. Enquanto os próprios sacerdotes e bispos eram amantes do prazer, sensuais e corruptos, só se poderia esperar que o povo que os tinha como guias se submergisse na ignorância e vício." – GC., pp. 49, 50, 57.

- b. "Mas o povo que conhece a seu Deus se esforçará e fará proezas. E os entendidos entre o povo ensinarão a muitos." vv. 32, 53.

Tradução Americana: "Mas o povo que conhece ao seu Deus será fortificado, e fará proezas. Assim os que são sábios entre o povo trarão entendimento à multidão."

Tradução Judaica: "Mas o povo que conhece ao seu Deus será reforçado, e prevalecerá. E aqueles que são sábios entre o povo farão com que muitos entendam."

Nestes versos se apresenta a firmeza do povo de Deus contra as blandícias do poder de Roma, e o zelo missionário de povos tais como os Albigenses e Valdenses nas horas da mais profunda escuridão espiritual da Europa.

"Mas dentre os que resistiram ao cerco cada vez mais apertado do poder papal, os valdenses ocuparam posição preeminente. A falsidade e corrupção papal encontraram a mais decidida resistência na própria terra em que o papa fixara a sede. ...

"Os ministros valdenses eram educados como missionários, exigindo-se primeiramente de cada um que tivesse a expectativa de entrar para o ministério, aquisição de experiência como evangelista. Cada um deveria servir três anos em algum campo missionário antes de assumir o encargo de uma igreja em seu país.

"Descalços e com vestes singelas e poentas da jornada como eram as de seu Mestre, passavam por grande cidades e penetravam em longínquas terras. Por toda parte espalhavam a preciosa verdade. Surgiam igrejas em seu caminho e o sangue dos mártires testemunhava da verdade." – GC., pp. 64, 70, 71, 72.

c. "Todavia cairão pala espada, e pelo fogo, e pelo cativoiro, e pelo roubo, por muitos dias." v. 33

Tradução de Moffat: "Mas para muitos num dia serão derribados pela espada, ou queimados, ou levados em cativoiro, ou saqueados."

"Por entre as trevas que baixaram à Terra durante o longo período da supremacia papal, a luz da verdade não poderia ficar inteiramente extinta. Em cada época houve testemunhas de Deus - homens que acalentavam fé em Cristo como único mediador entre Deus e o homem, que mantinham a Escritura Sagrada como a única regra de vida, e santificavam o verdadeiro sábado. Quanto o mundo deve a estes homens, a posteridade jamais saberá. Foram estigmatizados como hereges, impugnados os seus motivos, criticado o seu caráter, e suprimidos, difamados ou mutilados os seus

escritos. No entanto, permaneceram firmes, e de século em século mantiveram a fé em sua pureza como sagrado legado às gerações vindouras.

"Nenhuma acusação se poderia fazer contra o caráter moral da classe proscrita. Mesmo seus inimigos declaravam serem eles um povo pacífico, sossegado e piedoso. Seu grande crime era não quererem adorar a Deus segundo a vontade do papa. Por tal crime, toda humilhação, insulto e tortura que homens ou diabos podiam inventar, amontoaram-se sobre eles." – GC., pp. 61, 76, 77.

d. "Caindo eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas." v. 34.

(1) Providência de auxílio ao provado povo de Deus.

Tradução Americana: "Caindo eles receberão uma pequena ajuda." v. 34.

Tradução de Moffat: "Ao serem subjogados, receberão pequena ajuda." v. 34.

Nas suas horas de maiores trevas e desgraças o povo de Deus nunca foi abandonado. A presença de Deus sempre esteve com eles, e nas ocasiões em que do ponto de vista humano não havia meios possíveis de libertação a mão ajudadora de Deus trazia liberdade e socorro.

"O papa proclama, então, uma cruzada contra os hussitas, e novamente uma imensa força se precipitou sobre a Boêmia. ... Então, subitamente, misterioso terror caiu sobre os soldados. Sem desferir um golpe, aquela poderosa força debandou e espalhou-se, como se fosse dispersa por um poder invisível. ...

"Poucos anos mais tarde, sob um novo papa, promoveu-se ainda outra cruzada. Como antes, homens e meios foram trazidos de todos os países papais da Europa. ... Quando se ouviu o ruído da força que se aproximava, mesmo antes que os hussitas estivessem à vista, um pânico de novo caiu sobre os cruzados. Príncipes, generais e soldados rasos, arrojando as armaduras, fugiram em todas as direções.

"Assim pela segunda vez, vasto exército, enviado pelas mais poderosas nações da Europa, uma hoste de homens bravos e aguerridos,

treinados e equipados para a batalha, fugiu, sem dar um golpe, de diante dos defensores de uma nação pequena e, até ali, fraca. Havia nisso uma manifestação do poder divino. Os invasores foram tomados de pavor sobrenatural. Aquele que derrotou os exércitos de Faraó no Mar Vermelho, ... de novo estendera a mão para debilitar o poder do opressor." – GC., pp. 116, 117.

"O eleitor da Saxônia e os príncipes mais amigos de Lutero tinham-se retirado de Worms logo depois de sua partida, e o decreto do imperador recebeu a sanção da Dieta. Achavam-se agora jubilosos os romanistas. Consideravam selada a sorte da Reforma. ...

"Deus dera sabedoria a Frederico da Saxônia para idear um plano destinado a preservar o reformador. Com a cooperação de verdadeiros amigos, executou-se o propósito do eleitor, e Lutero foi, de maneira eficiente, oculto de seus amigos e inimigos. ...

"Não foi, porém, meramente para preservar Lutero da ira de seus inimigos, nem mesmo para proporcionar-lhe uma temporada de calma para esses importantes labores, que Deus retirara Seu servo do cenário da vida pública. ... Por sofrimentos e humilhação foi de novo preparado para andar em segurança na altura vertiginosa a que tão subitamente fora exaltado." – GC., 168, 169.

(2) União com reformadores destituídos de verdadeiros motivos.

Tradução Americana: "Muitos se unirão a eles com hipocrisia." v. 34.

Tradução de Moffat: "Muitos se lhes unirão com falsas pretensões." v. 34.

O papado não foi o único inimigo da reforma e dos reformadores. Nem todos os que tomaram parte no grande movimento da reforma o fizeram por motivos puros e elevados. Um movimento de tal popularidade, abraçaria, sem dúvida, dentro de suas fileiras muitos que procurariam interesses próprios. Isto se deu no tempo de Lutero e especialmente mais tarde quando estadistas procuraram auferir vantagens do protestantismo.

"Alguns homens, profundamente impressionados com a agitação que ia pelo mundo religioso, imaginavam haver recebido revelações especiais do

Céu, e pretendiam ter sido divinamente incumbidos de levar avante, até à finalização, a Reforma que, declaravam, apenas fora iniciada debilmente por Lutero. Na verdade, estavam desfazendo o mesmo trabalho que ele realizara. Rejeitavam o grande princípio que era o próprio fundamento da Reforma - que a Palavra de Deus é a todo-suficiente regra de fé e prática; e substituíram aquele guia infalível pela norma mutável, incerta, de seus próprios sentimentos e impressões.

"Um desses profetas pretendia haver sido instruído pelo anjo Gabriel. ... Dos professos amigos da Reforma haviam surgido seus piores inimigos.

...

"Tomaz Münzer, o mais ativo dos fanáticos, era homem de considerável habilidade, que, corretamente dirigida, o teria capacitado a fazer o bem; mas ele não aprendera os rudimentos da verdadeira religião. ... Ambicionava obter posição e influência, e não estava disposto a ficar em segundo lugar, mesmo em relação a Lutero. ...

"Satanás está constantemente procurando enganar os homens e levá-los a chamar ao pecado justiça, e à justiça pecado. Quão bem-sucedido tem sido seu trabalho! ... Os homens que não passam de agentes de Satanás, são louvados e lisonjeados, e mesmo considerados mártires, enquanto os que deveriam ser respeitados e apoiados pela sua fidelidade a Deus, são deixados sós, sob suspeita e desconfiança.

"A santidade falsificada, a santificação espúria, ainda está a fazer sua obra de engano. ... Este é um dos expedientes mais bem-sucedidos de Satanás, para lançar opróbrio sobre a pureza e a verdade." – GC., pp. 186, 187, 191-193.

- e. "E alguns dos entendidos cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até o fim do tempo, porque será ainda no tempo determinado." v. 35. Cf. I Pedro 1:7; 4:12,13; Tiago 1:3, 12.

Deve-se notar que a palavra de Deus freqüentemente se refere a um período específico de mil duzentos e sessenta anos durante os quais os poderes das trevas estariam em ascendência. Dan. 7:25; 12:7; Apoc. 11:2, 3; 12:6, 14; 13:5. O fim deste período marca o início do 'tempo do fim'. Jesus se refere a este período de

tribulação ao enumerar os sinais que marcam a Sua segunda vinda. - Mat. 24:21, 22, 29

5. Particularidades do procedimento eclesiástico - vv. 36-39.

a. "Este rei fará conforme a sua vontade." v. 36.

Tradução Americana: "E o rei fará o que lhe agradar". v. 36.

b. "E se levantará, e se engrandecerá sobre todo o deus." v. 36. Cf. Dan. 8:11, 25.

c. "E contra o Deus dos deuses falará coisas maravilhosas." Dan. 11:36; Cf. Dan. 7:25; II Tess. 2:4; Apoc. 13:5.

Tradução Americana: "E falará coisas monstruosas contra o Deus dos deuses."

Tradução de Moffat: "Pronunciará espantosas exaltações contra o Deus dos Deuses."

d. "E será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito." v. 36.

Tradução Americana: "Ele prosperará até o tempo da ira terminar, porque o que está determinado se fará."

Tradução de Moffat: "Ele prosperará até que a ira divina haja percorrido o seu curso (pois o que foi decretado se deverá cumprir)."

Septuaginta: "E prosperará até se completar a indignação, pois ela se aproxima do fim."

O tempo de indignação a que se refere aqui é em primeiro lugar o tempo da ira de Deus, das cenas finais da história terrestre. Isaías 26:20; 34:2-8; Naum 1:5-7; Apoc. 14:10. Será naquele tempo em que o poder do mal encontrará finalmente sua justa retribuição das mãos de um Deus ultrajado. II Tess. 2:8; Apoc. 18:2-4, 21. Assim, deve-se esperar que este poder aqui citado continue até o verdadeiro fim do tempo.

"Paulo declara expressamente que o homem do pecado perdurará até ao segundo advento. (II Tess. 2:8.) Até mesmo ao final do tempo prosseguirá com a sua obra de engano." – GC., p. 579.

"Deve-se entender que foi de dentro do próprio corpo da igreja católica que lhe sobreveio a destruição da unidade. ... O espírito de protestantismo partiu de homens que exerciam sem questionar a sua fé católica com tanta seriedade que não podiam senão protestar contra os erros que viam nela. No século onze, o mais crítico, nos dias em que Hildebrando (Papa Gregório VII) estava conseguindo a solidariedade da igreja por insistir no celibato dos sacerdotes e na completa separação do viver humanamente normal que isto envolvia, houve uma extraordinária boa vontade para crer que o sacerdócio estava fazendo o bem e agindo com sabedoria. ... A tragédia da igreja é ter ela canalizado a sua influência espiritual para fins maus e abusado sem medida da sua liberdade." – Wells, Crux Ansata, p. 49

(Assim, em segundo lugar, este 'tempo de indignação' pode se referir ao período da Reforma Protestante, quando os homens, agitados, se revoltaram contra o poder de Roma, e como resultado o curso deste poder satânico foi temporariamente interceptado.)

"O papa ora o principal legislador da cristandade, e o seu tribunal em Roma o último e decisivo tribunal de apelação. A igreja decretava impostos; ela não tinha somente vastas propriedades e uma grande renda de honorários, mas impôs o tributo de um décimo, o dízimo, aos seus súditos. Ela não o pedia como piedosa oferta, mas exigia-o como uma direito. As nações pagavam o seu tributo a S. Pedro e de suas propriedades, firmemente, mais e mais caía nas mãos mortas da igreja (Mortmain). O clero, por outro lado, reclamava isenção de imposto. ...

"Uma exigência ainda mais extravagante da igreja foi o de pretender o direito da dispensação. Ela não interpretava mais o certo e o errado; estava acima do certo e do errado e podia transformar o errado em certo e o certo em errado. O papa muitas vezes pôs de lado as leis da igreja em casos individuais; permitiu casamentos entre primos, permitiu ao homem ter duas esposas, dispensou homens dos seus votos. A loucura que coroou a igreja no século dezesseis foi a venda das indulgências pela qual os sofrimentos da alma no purgatório podiam ser comutadas por um pagamento em dinheiro.

"Na aurora do século dezesseis a igreja, cega e doidamente, chegou a uma encruzilhada. A força do protesto, isto é , do Protestantismo, unia-se contra ela." – Wells, CruX Ansata, pp. 49, 50.

São estes e outros motivos da igreja que Daniel descreve nos versos seguintes.

e. "E não terá respeito aos deuses de seus pais, nem terá respeito ao amor das mulheres, nem a qualquer deus; porque sobre tudo se engrandecerá." Dan. 11:37; cf. II Tess. 2:14

"O culto das imagens e relíquias, a invocação dos santos e a exaltação do papa são ardis de Satanás para desviar de Deus e de Seu Filho a mente do povo. Para efetuar sua ruína, esforça-se por afastar sua atenção dAquele por meio de quem unicamente podem encontrar salvação. Dirigirá as almas para qualquer objeto pelo qual possa ser substituído Aquele que disse: 'Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.' Mat. 11:28.

"É o constante esforço de Satanás representar falsamente o caráter de Deus, a natureza do pecado e os resultados finais em jogo no grande conflito. Seus sofismas diminuem a obrigação da lei divina dando ao homem licença para pecar. Ao mesmo tempo fá-lo Satanás acariciar falsas concepções acerca de Deus, de maneira que O considera com temor e ódio, em vez de amor. A crueldade inerente ao seu próprio caráter é atribuída ao Criador; aparece incorporada aos vários sistemas de religião e expressa nas diversas formas de culto. Sucede assim que a mente dos homens é cegada e Satanás deles se aproveita como agentes para guerrear contra Deus. Por meio de concepções pervertidas acerca dos atributos divinos, foram as nações gentílicas levadas a crer serem os sacrifícios humanos necessários para alcançar o favor da Divindade; e horríveis crueldades têm sido perpetradas sob as várias formas de idolatria. ...

"Para conseguir o favor do Céu, os penitentes violavam as leis de Deus transgredindo as leis da natureza. Eram ensinados a romper com os laços que Ele fizera para abençoar e alegrar a permanência do homem na Terra. ... Por meio deste gigantesco sistema de engano, o príncipe do mal leva a efeito seu propósito de acarretar a desonra a Deus e a desgraça ao homem." – GC., pp. 568-570.

f. "Mas ao deus das fortalezas honrará em seu lugar; e a um deus a quem seus pais não conheceram honrará com ouro, e com prata, e com pedras preciosas, e com coisas agradáveis." v. 39. Cf. Apoc. 17:4; 18:12-19 .

"Embora o catolicismo se baseie no engano, não é impostura grosseira e desprovida de arte. O culto da Igreja Romana é um cerimonial assaz impressionante. O brilho de sua ostentação e a solenidade dos ritos fascinam os sentidos do povo, fazendo silenciar a voz da razão e da consciência. Os olhos ficam encantados. Igrejas magnificentes, imponentes procissões, altares de ouro, relicários com pedras preciosas, quadros finos e artísticas esculturas apelam para o amor do belo. O ouvido também é cativado. A música é excelente. As belas e graves notas do órgão, misturando-se à melodia de muitas vozes a ressoarem pelas elevadas abóbadas e naves ornamentadas de colunas, das grandiosas catedrais, não podem deixar de impressionar a mente com profundo respeito e reverência.

"Este esplendor, pompa e cerimônias exteriores, que apenas zombam dos anelos da alma ferida pelo pecado, são evidência da corrupção interna.

...

"Uma religião de exibições externas é atraente ao coração não renovado. A pompa e cerimonial do culto católico têm um sedutor, fascinante poder, pelos quais são enganados muitos, que chegam a considerar a Igreja Romana como a própria porta do Céu." – GC., pp. 566, 567.

g. "E haver-se-á com os castelos fortes com o auxílio do deus estranho; aos que o reconhecerem multiplicará a honra, e os fará reinar sobre muitos, e repartirá a terra por preço." v. 39.

Tradução Americana: "Ele se armará com as suas mais fortes fortalezas e com os adoradores de um deus aliado; e àqueles que reconhecem a este deus ele concederá grande honra, fazendo-os governar sobre muitos, e repartindo-lhes a terra como recompensa."

O espírito de Roma não muda. Sua determinação de governar e maneira de agir, dividindo a terra para obter vantagens é hoje a mesma dos tempos áureos do seu poder. Onde quer que haja

oportunidade – na Europa ou nos países orientais, na América do Norte, Sul, ou nas ilhas do mar ali Roma cuida, não só de religião, mas de política e finanças, ali ela estabelece vastas propriedades e assegura para si grandes subsídios financeiros; ali ela estabelece concordatas e acordos de igreja; e ali ela põe os seus representantes, em posições-chave de poder, para garantir o exercício de sua influência. Espanha, Portugal, Peru, Argentina, Itália, todos testificam que a maneira de agir de Roma hoje em dia é a mesma da Idade Média na Europa, quando ocupou o trono do poder.

"O clericalismo é a busca do poder, especialmente poder político, por meio de uma hierarquia religiosa empreendida por métodos seculares, e com objetivos de domínio social." – John A. Mackay, presidente do Princeton Theological Seminary, Time, 25 de Março de 1946.

"O contraste entre as pretensões finais do liberalismo democrático e o plano Católico Romano para governar o mundo nos é apresentado nos escritos do Sr. Robert Hugh Benson. A novela 'O Senhor do Mundo', que ele escreveu, já foi republicada neste país (U.S.A.). ... A vida sob a soberania papal nos é descrita à pagina 127 como segue: 'Depois que ele assumiu o governo desta cidade ... dividiu a cidade em quatro, ... restaurou a pena capital; e acrescentou ao crime de assassinio, os crimes de adultério idolatria e apostasia'. ...

"Mais adiante, à página 143, se encontra a seguinte apoteose do papa como o Senhor do Mundo: 'Bem adiante ... vai o dossel sob o qual se assenta o senhor do mundo, e entre ele e o sacerdote ... agita-se a suntuosa procissão – Protonotários Apostólicos, Ordens Religiosas Gerais, e o resto – percorre o caminho de branco, de ouro, de escarlata ou de prata por entre as margens vivas de cada lado. ...

"Aqui se apresenta a visão católica de sociedade econômica que, olhando-a como um todo, se apresenta em contrastes visíveis – bispos em seda escarlata, operários grosseiramente vestidos, senhoras orgulhosas e empregadas humildes; reis no alto e em baixo súditos obedientes; nobres em castelos e camponeses em choupanas – Esta é realmente uma concepção romântica da vida medieval – que não era nada romântica para o povo comum." – L. H. Lehmann, "The Catholic Church and Economics," The Converted Catholic Magazine, Março de 1946.

"Cada princípio do papado que existiu nos tempos passados existe hoje. As doutrinas que divisamos nas eras mais escuras são ainda mantidas ... O papado é exatamente o que a profecia declarou que seria, – a apostasia dos tempos vindouros." – IV SP, pp. 387, 388

"Ao nos aproximarmos do fim do tempo, haverá maiores e sempre maiores demonstrações externas do poder pagão; deuses pagãos revelarão seu assinalado poder e se exibirão diante das cidades do mundo. E este plano já começa a cumprir-se. Por uma variedade de imagens representou o Senhor Jesus a João o caráter ímpio e a influência sedutora dos que se têm distinguido por sua perseguição ao povo de Deus. Todos carecem de sabedoria para pesquisar cuidadosamente o mistério da iniquidade que aparece tanto na finalização da história da Terra." – TM., pp. 117, 118.

6. A fase final do conflito - vv. 40-45. Cf. Apoc. 16:12-19; Joel 3:9-20.

a. No 'fim do tempo' - v. 40. Cf. Dan. 8:17; 11:35; 12:4, 9.

O termo 'o tempo do fim' é usado numerosas vezes nos capítulos finais de Daniel. Deve-se notar o seguinte:

A visão do capítulo 8 de Daniel era para 'o fim do tempo'. Dan. 8:17

O povo de Deus seria provado e embranquecido até o 'fim do tempo'.

Dan. 11:35

O livro de Daniel devia ser selado até o 'fim do tempo'. Dan. 12:4

A respeito deste período final lemos:

"As palavras do anjo a Daniel, com relação aos últimos dias, deviam ser compreendidas no tempo do fim. A esse tempo, 'muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará'. ... O próprio Salvador deu sinais de Sua vinda, e diz: 'Quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto.' ...

"Chegamos ao período predito nessas passagens. É chegado o tempo do fim, as visões dos profetas acham-se reveladas, e suas solenes advertências nos mostram a vinda de nosso Senhor em glória como próxima, às portas." – DTN., pp. 234, 235.

"As visões proféticas de Daniel e João predizem um período de declínio e trevas morais; mas no tempo do fim – o tempo em que vivemos – a visão se faria ouvir e não mentiria." – I 5, pp. 9, 10.

"As profecias apresentam uma sucessão de acontecimentos que nos levam ao início do juízo. Isto se observa especialmente no livro de Daniel. Entretanto, a parte de sua profecia que se refere aos últimos dias, Daniel teve ordem de fechar e selar, até 'o tempo do fim'. Não poderia, antes que alcançássemos o tempo do juízo, ser proclamada uma mensagem relativa ao mesmo juízo e baseada no cumprimento daquelas profecias. Mas, no tempo do fim, diz o profeta, 'muitos correrão de uma parte para outra, e a Ciência se multiplicará'. Dan. 12:4.

"O apóstolo Paulo advertiu a igreja a não esperar a vinda de Cristo em seu tempo. 'Porque não será assim', diz ele, 'sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado.' II Tess. 2:3. ... Este 'homem do pecado', ... representa o papado, que, conforme foi anunciado pelos profetas, deveria manter sua supremacia durante 1.260 anos. Este período terminou em 1798. A vinda de Cristo não poderia ocorrer antes daquele tempo. Paulo, com a sua advertência, abrange toda a dispensação cristã até ao ano de 1798. É depois dessa data que a mensagem da segunda vinda de Cristo deve ser proclamada. ...

"Martinho Lutero admitiu o juízo para mais ou menos trezentos anos no futuro, a partir de seu tempo. Desde 1798, porém, o livro de Daniel foi descerrado, aumentou-se o conhecimento das profecias, e muitos têm proclamado a mensagem solene do juízo próximo." – GC., p. 356.

b. Os reis do sul e do norte envolvidos num conflito - v. 40.

c. Para entrar na terra gloriosa - v. 41. Cf. Dan. 8:9; 11:16.

Tradução de Moffat: "Ele também invadirá a bela terra da Palestina."

d. "Muitos países serão derribados" v. 41.

e. Os seguintes países escaparão 'Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amon.'

f. "E estenderá a sua mão às terras."

g. "A terra do Egito escapará" v. 42.

(1) Para apoderar-se dos tesouros do Egito. v. 43.

h. "Os líbios e os etíopes o seguirão." v. 43.

i. Será perturbado pelos rumores do oriente e do norte. - v. 44.

Tradução de Moffat: "Então os rumores do oriente e do norte o alarmarão."

Tradução Americana: "Então as novas do oriente e do norte o transtornarão."

Tradução Judaica: "Mas os rumores do oriente e do norte o amedrontarão."

- j. Sairá com fúria para destruir muitos. v. 44. Cf. Joel 3:9-17; Apoc, 16:13-16.

Tradução de Moffat: "Ele se retira em grande fúria para infligir maldição e destruição a muitos."

Tradução Americana: "Ele se retirará em grande fúria para destruir e aniquilar muitos."

"Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. ... Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade.

"... Há agora forças preparadas, e que aguardam apenas o consentimento divino para espalharem a desolação por toda parte.

"Os que honram a lei de Deus têm sido acusados de acarretar juízos sobre o mundo, e serão considerados como a causa das terríveis convulsões da natureza, da contenda e carnificina entre os homens, coisas que estão enchendo a Terra de pavor. O poder que acompanha a última advertência enraiveceu os ímpios; sua cólera acende-se contra todos os que receberam a mensagem, e Satanás incitará a maior intensidade ainda o espírito de ódio e perseguição. ...

"As formas da religião continuarão a ser mantidas por um povo do qual finalmente o Espírito de Deus Se terá retirado; e o zelo satânico com que o príncipe do mal os inspirará para o cumprimento de seus maldosos desígnios, terá a semelhança do zelo para com Deus. ...

"... expedir-se-á, por fim, um decreto contra os que santificam o sábado do quarto mandamento, denunciando-os como merecedores do mais severo castigo, e dando ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matá-los. O catolicismo no Velho Mundo, e o protestantismo apóstata no Novo, adotarão

uma conduta idêntica para com aqueles que honram todos os preceitos divinos." – GC, pp. 614-616.

"O mundo está agitado pelo espírito de guerra. A profecia do capítulo onze de Daniel atingiu quase o seu cumprimento completo. Logo se darão as cenas de perturbação das quais falam as profecias." – TS., III, p. 283.

"Ainda resta, por assim dizer, apenas um momento de tempo. Mas embora já nação esteja se levantando contra nação e reino contra reino, não há agora um conflito geral. Por enquanto os quatro ventos estão sendo retidos até que os servos de Deus sejam selados em sua frente. Então os poderes da Terra se disporão em ordem para o último grande conflito, em que todos tomarão parte." – 6 T, p. 14.

k. Armará as tendas do seu palácio entre os mares do monte santo e glorioso. v. 45. Cf. Jer. 1:14-16; 3:17-19.

Tradução Americana: "E estabelecerá o seu pavilhão real entre o mar e o monte santo e glorioso."

Tradução de Moffat: "Estabelecendo os seus pavilhões reais entre o Mediterrâneo e o monte sagrado tão belo."

Se o poder, sob discussão aqui, é o papado, a pergunta que se fará, naturalmente, é se há alguma probabilidade de o papa sair algum dia de Roma. Em resposta pode-se dizer que a atual inquietação da Europa pode facilmente propiciar uma situação tal que obrigue o papado a transferir a sua sede para algum outro lugar fora de Roma. Realmente, a marcha atual dos acontecimentos faz desta mudança forçada do papa daquele país apenas uma questão de tempo. As seguintes palavras de um embaixador dos EE. UU. junto à França e à Rússia devem ser notadas:

"Os italianos acham que se os comunistas conseguissem governar a Itália, a mão de Moscou se deitaria ao Santo Pai. O vigário de Cristo seria expulso de Roma, pois não poderia ficar numa posição subserviente." – William C. Bullitt, "The World from Rome – The final City Fears a Struggle Between Christianity and Communism," Life, 4 de Setembro de 1944.

Note-se também o seguinte do editorial de um versado nas tendências dos negócios católicos:

"Foi realmente um espetáculo estranho ver o Papa Pio XII pedindo publicamente ao mundo, no dia 22 de dezembro, proteção para o próprio povo católico italiano. O medo é bem grande, tanto na Itália como na América, de que um rápido aumento do anti-clericalismo na Itália resulte num esforço para expulsar o Papa de Roma." "Quereriam os italianos desalojar o Papa?" – The Converted Catholic Magazine, Fevereiro de 1947.

Daniel 11:45 apresenta uma fase muitíssimo interessante das cenas finais do grande conflito predito pelo antigo profeta. A respeito do monte santo e glorioso e dos acontecimentos a se realizarem, vale notar o seguinte:

(1) Jerusalém, o monte santo de Deus, a cidade de Deus.

Zac. 8:3; Isa. 65:20; Joel 3:17; Sal. 48:1,2.

(2) Esforços dos últimos dias para estabelecer a casa do Senhor no topo das montanhas. Isa. 2:2-4; Miq. 4:1-5.

"Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu. Mediante estes agentes, serão enganados tanto governantes como súditos. ...

"Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem há muito tempo professado considerar o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Em várias partes da Terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus dada por João no Apocalipse (cap. 1:13-15). A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: 'Cristo veio! Cristo veio!' " – GC., p. 624.

"Ser-nos-á ordenado a adorar este ser, ao qual o mundo glorificará como Cristo." – R. & H., 18 de dezembro de 1888.

(3) Todas as nações lutarão contra Jerusalém - Zac. 14:1-21.

" 'E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: a sua carne será consumida, estando eles de pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e lhes apodrecerá a língua na sua boca. Naquele dia também acontecerá que haverá uma grande perturbação do Senhor entre eles; porque pegará cada um na mão do seu companheiro, e alçar-se-á a mão de cada um contra a mão de seu companheiro.' Zac. 14:12 e 13. Na desvairada contenda de suas próprias e violentas paixões, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, sucumbem os ímpios habitantes da Terra - sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, elevados e baixos. 'E serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da Terra até à outra extremidade da Terra; não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados.' Jer. 25:33.

"Por ocasião da vinda de Cristo os ímpios são eliminados da face de toda a Terra: consumidos pelo espírito de Sua boca, e destruídos pelo resplendor de Sua glória. Cristo leva o Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra é esvaziada de seus moradores. 'Eis que o Senhor esvazia a Terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores'. " – GC., p. 657.

(4) Jerusalém será ultimamente o trono do Senhor - Jer. 3:17.

(5) O povo de Deus O servirá no Seu monte santo - Ezeq. 20:40.

1. Virá o seu fim e ninguém o ajudará. Dan. 11:45. Cf. Dan. 8:25; II Tess. 2:8; Apoc. 16:19; 17:16.

"Nessa época aparecerá o anticristo, como o Cristo verdadeiro, e então a lei de Deus será anulada completamente entre as nações do mundo. Alcançará seu ponto mais alto a rebelião contra a santa lei de Deus. Mas o verdadeiro líder de toda essa rebelião é Satanás disfarçado em anjo de luz. Os homens serão iludidos e o exaltarão ao lugar de Deus, deificando-o. Mas a Onipotência intervirá, e às igrejas apostatadas que se unirem na exaltação de Satanás, se expedirá a sentença: 'Portanto, num dia virão as suas pragas: a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo, porque é forte o Senhor Deus que a julga.' Apoc. 18:8." – TM., p. 62.

"Quando o nosso país, nas reuniões do legislativo decretar leis que restringem as consciências dos homens nos seus privilégios religiosos, forçando a observância do domingo, e oprimirem à força aqueles que guardam o sétimo dia, o sábado, a lei de Deus seja, por todos os meios e objetivos, anulada em nosso país; e à apostasia nacional seguir-se-á a ruína da nação. ...

"Quando, em nosso país que se orgulha da liberdade, um governo protestante sacrificar qualquer dos princípios de nossa constituição, e propagar as falsificações e enganos do papa, bem poderemos pedir 'Já é tempo de operares, ó Senhor, pois eles têm quebrantado a Tua lei.' " – R & H., 18 de Dezembro de 1880.

"Deve-se ensinar à nossa juventude que os atos pecaminosos não são esquecidos ou passados por alto pelo simples fato de não serem os infratores punidos imediatamente com extrema indignação. Deus guarda um acerto de contas com as nações. Através de todos os séculos da história terrena, os que fazem o mal têm entesourado ira pára o dia da ira, e quando chegar o tempo da plenitude em que a iniquidade atingir o limite estabelecido da misericórdia de Deus, a Sua paciência se esgotará. Quando os algarismos acumulados nos livros de registro do céu marcarem que a soma das transgressões está completa, a ira virá, não misturada com misericórdia, e então se verá quão tremenda coisa é esgotar a paciência divina. Esta crise virá quando as nações se unirem para anular a lei de Deus." – 5 I, pp. 523, 524.

" 'Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimado no fogo; porque é forte o Senhor que a julga.' Tais são os juízos que cairão sobre Babilônia no dia da visitação da ira de Deus. Ela encheu a medida de sua iniquidade; o seu tempo chegou; ela está madura para a destruição. ...

"A obra de destruição começa entre aqueles que professam ser os guardiões espirituais do povo. Os falsos pastores são os primeiros a cair. Ninguém é poupado ou recebe misericórdia. Homens, mulheres, virgens e criancinhas, todos perecem juntamente.

" 'Porque eis que o Senhor sairá do Seu lugar, para castigar os moradores da terra, por causa da sua iniquidade, e a terra descobrirá o seu sangue, e não encobrirá mais aqueles que foram mortos'. 'E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém. . . . '

"Na vinda de Cristo os pecadores são eliminados da face de toda a terra – consumidos pelo espírito da Sua boca, e destruídos pelo esplendor da Sua glória." – IV SP, pp. 470, 473, 474.

"A batalha do armagedom logo será ferida. Aquele em cujas vestes esta está escrito o nome, Rei dos reis, e Senhor dos senhores, logo arregimentará os exércitos do céu." – 6 I, p. 406.

VII. BIBLIOGRAFIA

Barnes, Albert, Notes on the Book of Daniel, pp. 430-474

Boutflower, Charles, In and Around the Book of Daniel, pp. 212-225

Haskell, Stephen N., The Story of Daniel the Prophet, pp. 184-283

Lamson, J. G., The Eleventh of Daniel.

Seiss, J. A., Voices from Babylon, pp. 279-302

Smith, Uriah, Daniel and the Revelation, pp. 233-299

Sparks., Samuel., The Eleventh Chapter of Daniel.

Spicer, W. A., Our Day in the Light of Prophecy, pp. 321-349

White, Ellen G., O Grande Conflito.

White, James, "Unfulfilled Prophecy". Review and Herald, 29/11/1877.

Wilcox, M. C., The King of the North.

O FIM DO TEMPO E AS PALAVRAS FINAIS DE DANIEL

I. TEXTO BÁSICO: Daniel 12

II. O FIM DO TEMPO - vv. 1-3

A. Miguel Se levanta

"E naquele tempo Se levantará Miguel, o grande príncipe, que Se levanta pelos filhos do teu povo." v. 1.

1. "Naquele tempo".

O tempo indicado aqui é o mesmo do verso precedente. A divisão em capítulos feita aqui é infeliz, pois o assunto em discussão continua, sendo o mesmo. Os três primeiros versos do capítulo doze descrevem o fim do conflito estudado no capítulo onze. Este tempo não é outro senão aquele em que o anticristo, o homem do pecado, chegar ao seu fim. Paulo o identifica em II Tess. 2:8.

2. A identificação de Miguel - Cf. Dan. 10:13, 21; PR, pp. 571, 572. Tradução de Moffat: "Então surgirá Miguel, o arcanjo que defende o teu povo."

Montgomery: "E naquele tempo se levantará Miguel, o Grande Príncipe que se posta pelos filhos do teu povo."

Aquele que Se levanta em defesa do Seu povo não é outro senão Jesus Cristo, o Senhor. I João 2:1, 2; Heb. 4:14, 15, 16; 7:25; 9:24; Rom. 8:34; I Tim. 2:5, 6.

a. Miguel o arcanjo que contendia com o diabo pelo corpo de Moisés. Jud. 9

b. Na ressurreição dos mortos, quem descera com voz de arcanjo é Jesus. I Tess. 4:16; João 5:2500.

3. Miguel se "levantará"

O capítulo onze de Daniel trata de muitos reis que se levantarão e cairão. Três reis se levantariam na Pérsia (v. 2), um

rei poderoso, Alexandre na Grécia, se levantaria (v. 3), mas ao fixar-se, o seu reino seria quebrado (v. 4), um dos seus sucessores que haveria de surgir não subsistiria (v. 6), outro se levantaria e prevaleceria (v. 7), vários haveriam de se levantar contra o rei do sul (v. 14), outro estaria na terra formosa (v. 16), um taxador de impostos devia existir (v. 20), e finalmente uma pessoa vil (v. 21), uma criatura baixa (Moffat), um ser desprezível, (Tradução Americana) se levantaria. Em Daniel 8:23 este rei que permaneceria é descrito como um rei feroz de cara, entendido em adivinhações. Logo depois nos diz que Se levantará Miguel (12:1).

A significação é clara – estamos tratando aqui de uma série de reis que se levantariam para desempenhar a parte que lhes cabia no conflito dos séculos, para depois caírem derrotados. Finalmente chegaria o tempo em que se levantaria o próprio Jesus, para tomar a sua parte nos acontecimentos finais da maior batalha da história. Contra Cristo estaria o anticristo, cuja sentença está selada nesta fase final do conflito. Que poder é este que se ordena contra Cristo na última fase desta luta?

"O mundo está cheio de tempestade, guerra e contenda. Contudo, ao mando de um chefe - o poder papal - o povo se unirá para opor-se a Deus na pessoa de Suas testemunhas. Essa união é cimentada pelo grande apóstata." – T.S., III, p. 171.

"Esta Terra já quase chegou ao ponto em que Deus há de permitir ao destruidor operar com ela segundo sua vontade. A substituição da lei de Deus pelas dos homens, a exaltação, por autoridade meramente humana, do domingo, posto em lugar do sábado bíblico, é o último ato do drama. Quando essa substituição se tornar universal, Deus Se revelará. Ele Se erguerá em Sua majestade para sacudir terrivelmente a Terra. Sairá de Seu lugar para punir os habitantes do mundo por sus iniquidade." – T.S., III, pp. 142, 143.

"Vi que a ira das nações, a ira de Deus, e o tempo de julgar os mortos eram acontecimentos separados e distintos, seguindo-se um ao outro; outrossim, que Miguel não Se levantara e que o tempo de angústia, tal como

nunca houve, ainda não começara. As nações estão-se irando agora, mas, quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele Se levantará, envergará as vestes de vingança, e então as sete últimas pragas serão derramadas." – VE., p. 100.

B. O tempo da tribulação - Dan 12:1, 2.

"e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo." v. 1.

1. Acontecimentos preliminares – De 1844 até o fim da provação.

a. O juízo investigativo. GC. pp. 479-491

b. As três mensagens angélicas:

(1) A primeira mensagem angélica. PE., pp. 232-237

(2) A segunda mensagem angélica. PE. pp. 237-240; GC. p. 389.

(2) A terceira mensagem angélica. PE, pp. 54-258.

c. O assinalamento. PE., pp. 15, 36-38, 43, 44, 71, 89, 279, 280; TM., pp. 133, 445, 446; GC., p. 605. 6 T, pp. 14-17; 8 T. p. 117; R & H, 10/6/1802.

d. A retenção dos ventos. PE, pp. 36, 37; 5 T p. 717; 6 T p. 14, 21; TM., p. 444; Ed. pp. 179, 180; R & H, 7/6/1889; de 27/11/1900; Signs of the Times, 13/1/1887.

e. O tempo da sacudidura. VE. pp. 175-178; PE. pp. 269-273; TM. p. 112; 1 T pp. 179-184; 5 T pp. 80-82, 463; R & H, 24/12/1889.

f. Um grande reavivamento popular. PE. p. 261; GC. pp. 464, 593; 4 SP. p. 406.

g. O alto clamor e a chuva serôdia. GC. pp. 610-613; 6 T. pp. 506-512; PE. Pp 33, 86, 271, 277-279; PR. pp. 187-189; 1 T. pp. 182, 183, 203, 353; 5 T. p. 214; 6 T. p. 401; 8 T. p. 246; 9 T. p. 126; R. & H. de 10/11/1885; 24/12/1889; 29/6/1905.

h. A lei e a perseguição dominical. GC. pp. 592-602, 607-610; PE. pp. 33, 34; DTN. pp. 471-570; PR. pp. 184, 188, 605; 5 T. pp. 136, 449-454, 464, 465, 711-718, 753; 6 T. pp. 17-19, 352, 395; 7 T. p. 141; 8 T. p. 117; 4 SP. pp. 278, 383, 410; R. & H. de

11/12/1893; 18/12/1888; 1/1/1889; 21/4/1901; 2/5/1893; 15/7/1897.

- i. Acontecimentos sobrenaturais no mundo natural, físico e espiritual. GC., pp. 584-587; 5 T. p. 753; 6 T. pp. 14, 15; 8 T. pp. 49, 50; 9 T. pp. 11-14, 89-96.
- j. Tribulação preliminar - VE., pp. 33, 85, 86; 1 T. 268.

2. O fim da prova

- a. Jesus encerra a Sua obra no santuário – VE., pp. 99, 104; PE., pp. 279-281; GC. pp. 614, 615, 658, 659.

- b. Jesus recebe o reino. PE., pp. 280, 281; C.S. pp. 613, 614.

3. "Haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação."

- a. A ira de Deus e as sete últimas pragas. Apoc. 16; Isa. 28:21; PE. pp. 36, 52, 71, 280-(82, 289, 290; GC. pp. 615, 616, 627, 628; TM. P. 446.

- b. O apogeu da obra enganadora de Satanás. Apoc. 16:13, 14; CS. pp. 674-676; R. & H. 18/12/1885.

- c. A época da angústia de Jacó. Jer. 30:7; PE. pp. 15, 33-37, 282-285; GC. pp. 613-626; PP. p. 216; PR. p. 512; 1 T. pp. 353, 354; 5 T. pp. 450, 451.

- d. A libertação do povo de Deus. Dan. 12:1; GC. pp. 635-652; PE. pp. 285-288.

"mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro." Dan. 12:1.

- e. A ressurreição especial - Dan. 12:2; GC. p. 637; PE. p. 285.

- f. A última fase do conflito – Armagedom. Apoc. 16:16-21; 19:11-21; Isa. 26:21; Zac. 14:12-13; Joel 3:9-16; CS. Pp. 689-691; PE. p. 290; 6 T. pp. 14, 406.

- g. Os céus e a terra são abalados. Apoc. 16:18; PE. pp. 41, 285; GC. pp. 636, 637; 1 T. pp. 184, 354.

- C. A segunda vinda de Cristo - Apoc. 1:7; Mat. 24:30, 31; PE. 15, 16, 35, 286, 287; GC. pp. 640-642.
- D. A sorte daqueles que são justos e sábios - Dan. 12:3; GC. 665, 666.

III. O livro de Daniel no tempo do fim - Dan. 12:4-12.

- A. O livro de Daniel selado até o tempo do fim - v. 4; DTN. p. 170; GC. p. 356.

Tradução de Moffat: "E agora, ó Daniel, conserva tudo isto em estrito segredo, e conserva o livro fechado como um segredo, até a crise do fim."

- B. "Muitos correrão de uma parte para outra e o conhecimento se multiplicará - v. 4. Cf. Amós 8:11, 12.

Montgomery: "Muitos correrão de uma parte para outra para que o conhecimento possa aumentar."

- C. Conversa de dois seres celestiais a respeito do tempo do fim - Dan. 12:5-7.

1. Dois vultos nas margens do rio - v. 5.

2. Quanto tempo até o fim destas maravilhas? - v. 6

Tradução de Moffat: "Quanto demorará até que estas maravilhas se realizem?"

3. A resposta do que estava vestido de linho - v. 7; cf. Apoc. 10:5, 6.

"depois de um tempo, tempos e metade de um tempo, e quando tiverem acabada da destruir o poder do povo santo, todas essas coisas serão cumpridas." Dan. 12:7; cf. Dan. 7:25.

Tradução de Moffat: "Seria por três anos e meio, e quando o poder daquele que destrói o povo santo passar, o fim de tudo deveria chegar."

Tradução Americana: "Será por um ano, anos, e metade de um ano, e depois que terminar o poder daquele que destrói o povo santo, todas estas coisas terminarão."

Montgomery: "É por um tempo, tempos, e uma metade; e quando se puser um fim ao quebrar em pedaços o poder do povo santo, todas estas coisas terão fim."

D. A pergunta de Daniel a respeito do fim - Dan. 12:8-13.

1. Daniel não entende e pergunta a respeito do fim - v. 8.

2. As palavras de Daniel seladas até o fim do tempo - v. 9.

Tradução de Moffat: "Não pergunte mais, Daniel, porque a revelação é para ser aguardada em segredo e fechada até a crise do fim."

Tradução Americana: "Segue teu caminho, ó Daniel! Porque as palavras serão atadas e seladas até o tempo do fim."

3. Somente os sábios entendem - v. 10.

Tradução Americana: "Muitos se purificarão, e se embranquecerão, e serão refinados; mas os pecadores continuarão em seus pecados, e nenhum dos pecadores entenderá; somente os sábios entenderão."

Tradução de Moffat: "Nenhum dos maus entenderá as coisas, serão os piedosos que entenderão."

"Satanás tem levado muitos a crer que as porções proféticas dos escritos de Daniel e João o revelador não podem ser compreendidas. Mas a promessa é clara de que bênção especial acompanhará o estudo dessas profecias. "Os sábios entenderão" (Dan. 12:10), foi dito com respeito às visões de Daniel que deviam ser abertas nos últimos dias." – PR. 547, 548.

4. Os mil e duzentos e noventa dias - v. 11. Cf. Dan. 8:13.

5. Os mil e trezentos e trinta e cinco dias - v. 12.

6. Daniel permanecerá na sua sorte até o fim dos dias - v. 13.

Tradução Americana: "Assim segue o teu caminho, e descansa até que o fim chegue; então ressurgirás para gozar a tua porção no fim dos dias."

"Honrado pelos homens com as responsabilidades de Estado e os segredos de reinos que tinham alcance universal, Daniel foi honrado por Deus como Seu embaixador, sendo-lhe dadas muitas revelações dos mistérios dos séculos por vir. Suas maravilhosas profecias, tais como registradas por ele nos capítulos sete a doze do livro que traz o seu nome, não foram inteiramente compreendidas mesmo pelo próprio profeta; mas antes que findassem os labores de sua vida, foi-lhe dada a abençoada certeza de que 'no fim dos dias', isto é, na conclusão do período da história deste mundo, ser-lhe-ia permitido outra vez estar na sua posição e lugar. Não lhe fora dado compreender tudo o que Deus tinha revelado do divino propósito. 'Fecha estas palavras e sela este livro', foi-lhe ordenado quanto aos escritos proféticos; estes deviam ser selados 'até ao fim do tempo.' 'Vai, Daniel', o anjo ordenou uma vez mais ao fiel mensageiro de Jeová, "porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. ... Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias.' Dan. 12:4, 9 e 13.

"Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, as profecias registradas por Daniel demandam nossa especial atenção, visto relacionarem-se com o próprio tempo em que estamos vivendo. Com elas devem-se ligar os ensinamentos do último livro das Escrituras do Novo Testamento." – PR., 547.

"Daniel ficou na sua sorte para dar seu testemunho, que foi selado até ao tempo do fim, quando devia ser proclamada ao mundo a mensagem do primeiro anjo. Esses assuntos são de infinita importância nesses últimos dias; mas enquanto "muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá". Dan. 12:10. Como isso é verdade! O pecado é a transgressão da lei de Deus; e os que não aceitarem a luz com relação à lei de Deus, não compreenderão a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra." – TM., p. 115.

IV. BIBLIOGRAFIA

Barnes, Albert, Notes on the Book of Daniel, pp. 474-494

Haskell, Stephen N., The Story of Daniel the Prophet, pp. 284-302

Seiss, J. A., Voices from Babylon, pp. 303-329

Smith, Uriah, Daniel and the Revelation, pp. 301-334

Thiele, E. R., "The Impending Crisis", R & H, 22/10/1925, 7/1/1926

White, Ellen G., O Grande Conflito, 613-634

_____. Primeiros Escritos.

_____. Testimonies for the Church, vol. 5, pp. 449-454, 711-718; vol. 6, pp. 404-410; vol. 8, pp. 117, 118; vol. 9, pp. 11-18, 89-96

_____. Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos, pp. 506-512